



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONAL DA LOCUÇÃO *SÓ QUE NÃO*
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO**

SÃO CARLOS
2017



Universidade Federal de São Carlos

Daniel William Ferreira de Camargo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

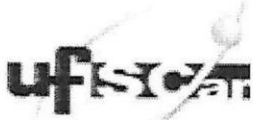
**UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONAL DA LOCUÇÃO *SÓ QUE NÃO*
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ESCRITO**

DANIEL WILLIAM FERREIRA DE CAMARGO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

São Carlos – São Paulo – Brasil
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Daniel William Ferreira de Camargo, realizada em 22/06/2017:

Profa. Dra. Flavia Bêzeria de Menezes Hirata Vale
UFSCar

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
UNESP

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Sé
UFSCar

DEDICATÓRIA

A Deus, meu Senhor, e à minha família, minha sustentação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que, por tanto e tamanho amor, entregou Seu Filho para que gozássemos vida em abundância, no único e suficiente Salvador, Jesus.

À minha família, sobretudo aos meus pais, Nair e William, que, ensinando-me no Caminho em que andar, instruindo-me na Verdade, amando-me como só pais o sabem, corrigindo-me com zelo e fazendo-me crescer honesta e integralmente, não medem esforços por mim, e ao meu irmão, Murillo, que demonstra sempre muito desvelo comigo.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, que, na Iniciação Científica, quando ainda era inepto; no TCC, um pouco menos leigo; e, agora, no mestrado, não mais tão desconhecedor, não hesitou em me aceitar como pupilo acadêmico, em momento algum pondo em dúvida minha competência científica, ainda que incipiente.

À professora Joceli Catarina Stassi-Sé, que, com olhar atento e crítico, contribuiu sobremaneira para as considerações aqui tecidas.

Ao professor Edson Rosa Francisco de Souza, que, atendendo ao convite de integrar a banca de defesa, percorreu bons quilômetros para partilhar de seus valiosos conhecimentos.

Ao professor Luiz André Neves de Brito, que, muito cortesmente, aquiesceu em fazer parte da banca de qualificação deste trabalho.

A todos os meus companheiros de percurso, que, como eu, têm se debatido contra a (inevitável e, às vezes, desconcertante!) fugacidade do tempo.

A todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, dentro ou fora da universidade, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

“Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?” (Salmos 116:8).

RESUMO

Este trabalho diz respeito à existência de um uso de *só que não*, variante de *só que*, que, em sua essência, expressa a ironia do falante com relação a uma proposição imediatamente anterior. Vale dizer que nosso objeto de estudo, ao que tudo indica, originou-se da internet, como inúmeras outras expressões, o que evidencia, então, o papel inovador e renovador da rede mundial de computadores sobre os usos linguísticos. Prova cabal disso é o fato de, ao quebrar paradigmas, o internetês ser responsável pela promoção de diversas discussões a respeito de seu grau de influência na escrita daqueles ainda em idade escolar. Além do universo cibernético, a locução tem encontrado lugar até mesmo em grandes jornais, de circulação nacional, o que demonstra sua versatilidade para transitar entre diferentes contextos e adequar-se a diferentes modalidades da língua. Tendo em vista o caráter de *só que não*, cuja representação, em alguns casos, se faz presente pela mera indicação de suas iniciais, a saber, (#)SQN, procedemos, com base na caracterização funcional da perífrase conjuncional *só que*, de Longhin-Thomazi (2003a, 2003b), a uma investigação que descreve nosso objeto de estudo nos aspectos sintático, semântico, pragmático e discursivo-textual e que, por conseguinte, o classifica de *locução conjuncional de contraexpectativa com valor negativo*, a hipótese inicial. Para tanto, adotamos uma metodologia que considera o uso efetivo da língua, como é de praxe nos estudos funcionalistas, com dados obtidos sincronicamente, visando a descrever ocorrências reais. Contamos, desse modo, com o *WebCorp*, que, por oferecer uma série de filtros e contextualizar as ocorrências resgatadas, apresentando-as de maneira adaptada a qualquer que seja a análise de mesma natureza, mostra-se uma ferramenta sobremodo versátil na busca de casos (CAMARGO, 2012), e valemo-nos dos seguintes critérios avaliativos: (i) posição da construção, (ii) quebra de expectativas, (iii) veiculação de ironia e (iv) associação a diferentes gêneros textuais. Nesse tocante, nossos achados evidenciam a preferência da expressão pela posposição, já que sua atuação incide sempre sobre a porção textual anterior; a presença inerente tanto da contraexpectativa quanto da ironia; e sua recorrência também em gêneros como *coluna*, *artigo de opinião* e *editorial* principalmente. Assim, confirma-se a nossa hipótese inicial, por se tratar mesmo de uma locução conjuncional em estágios iniciais de gramaticalização, de acordo com Hopper (1991).

Palavras-chave: Só que não; Locução conjuncional; Gramaticalização; Funcionalismo.

ABSTRACT

This work is about the existence of a use of *só que não*, variant of *só que*, which, in essence, expresses speaker's irony with respect to a preceding proposition. Our object of study originated from the internet, as numerous other expressions, what shows the innovative and refreshing role of the World Wide Web on language uses. By breaking paradigms, the Internet slang has been responsible for promoting several discussions about the degree of its influence on the writing of those still in school age. However, meeting place even in strong groups of newspaper or magazine, with national circulation, the expression *só que não* consists of more a case of grammaticalization. Concerning different ways of *só que não* occurrence, once it can appear only with its initials, for example (#)SQN, we based on Longhin-Thomazi's study (2003a, 2003b) to analyze its behavior on syntactic, semantic, pragmatic and textual aspects, given our hypothesis was prove it as a expression with conjunction role. Therefore, we adopt a methodology that considers effective use of the language, as is usual in functionalist studies, aiming to describe real events synchronously. We thus count on the *WebCorp*, which can, by offering a series of filters and contextualizing redeemed occurrences, be considered a versatile tool in the search for occurrences (CAMARGO, 2012). In this sense, our analysis criteria, which are (i) position of the expression, (ii) its denial and setback, (iii) its irony, and (iv) its association with several textual genres, allowed us to achieve the following results: the expression prefers locate itself always after some textual portion, what means that *só que não* acts over a piece of information located immediately before of it; all of our occurrences emphasize that both expectations drop and irony are product of its presence; and its recurrence on texts from *column*, *opinion article* and *editorial* genres mainly. It is concluded then that the expression has suffered action of grammaticalization as a conjunction, according to Hopper's study (1991), by confirming our initial hypothesis.

Keywords: *Só que não*; Conjunction; Grammaticalization; Functionalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ocorrência prototípica de <i>só que não</i>	13
Figura 2 – Capa original da película que teria introduzido a piada do <i>not</i>	52
Figura 3 – Ocorrência de <i>só que não</i> obtida por meio do <i>Corpus do Português</i>	54
Figura 4 – Ocorrência de <i>só que não</i> em meio essencialmente informal: <i>Facebook</i>	55
Figura 5 – Ocorrência de <i>só que não</i> em meio essencialmente informal: <i>Twitter</i>	56
Figura 6 – Ocorrência de <i>só que não</i> em meio de registro formal: jornal <i>Folha de S. Paulo</i> ..	57
Figura 7 – Ocorrência de <i>só que não</i> em meio de registro formal: revista <i>Olhar São Paulo</i> ..	58
Figura 8 – <i>Só que não</i> em manchete de reportagem.....	58
Figura 9 – Diagrama da arquitetura básica do <i>WebCorp</i>	71
Figura 10 – Interface do usuário no <i>WebCorp</i>	72
Figura 11 – Extrato de busca de <i>só que não</i>	73
Figura 12 – Ocorrência em coluna do jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	92
Figura 13 – Ocorrência em artigo de opinião da revista <i>Consultor Jurídico</i>	93
Figura 14 – Ocorrência em editorial do jornal <i>Hoje em Dia</i>	94
Figura 15 – Ocorrência em blogue independente de moda	95
Figura 16 – Ocorrência em blogue do jornal <i>Estadão</i>	96
Figura 17 – Ocorrência em reportagem do jornal <i>Estadão</i>	97
Figura 18 – Ocorrência em reportagem do jornal <i>O Globo</i>	98
Figura 19 – Ocorrência em reportagem da revista <i>Veja</i>	99
Figura 20 – Ocorrência em letra de música da dupla Cleber e Cauan	100
Figura 21 – Ocorrência em letra de música da cantora Erikka Rodrigues	101
Figura 22 – Ocorrência em letra de música do conjunto Harmonia do Samba.....	102
Figura 23 – Ocorrência em livro digital	103
Figura 24 – Ocorrência em filme.....	104
Figura 25 – Ocorrência em série empresarial.....	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definições para o termo <i>gramaticalização</i>	22
Quadro 2 – Definições para o termo <i>conjunção</i>	35
Quadro 3 – Palavras/expressões mais comuns da linguagem prototípica da internet	39
Quadro 4 – Gêneros textuais mais produtivos.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO	16
1.1 Funcionalismo	16
1.2 Gramaticalização	21
1.2.1 Percurso histórico e conceituação	21
1.2.2 Sistemática	23
1.2.3 Conceito-chave: unidirecionalidade	27
1.2.4 Estágios iniciais	29
1.2.5 Trocando em miúdos	30
1.3 Conjunções	32
1.4 Ambiente cibernético	38
2 SÓ QUE E SÓ QUE NÃO	43
2.1 Sobre a perífrase <i>só que</i>	43
2.2 Sobre a locução <i>só que não</i>	48
2.2.1 Propriedades	59
2.2.2 Afinal, por que <i>locução conjuncional de contraexpectativa com valor negativo?</i>	67
3 METODOLOGIA.....	70
3.1 Passo a passo metodológico	70
4 ANÁLISE	76
4.1 Resultados obtidos	76
4.1.1 Do parâmetro de natureza sintática: posição	77
4.1.2 Do parâmetro de caráter semântico: contraexpectativa	82
4.1.3 Do parâmetro de teor pragmático: ironia	87
4.1.4 Do parâmetro de traço textual-discursivo: gêneros textuais.....	90
4.2 Gramaticalizando	106
4.2.1 Operacionalização	107
4.3 Ampliando a perspectiva.....	109
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

São inúmeros os trabalhos que se propõem a investigar os usos no português. A língua é campo fértil, justamente porque está sujeita a nós, seus falantes, seres relacionais. Para atender aos diferentes propósitos comunicativos de que se tem conhecimento, advindos, é claro, das múltiplas e simultâneas interações que travamos uns com os outros, a todo o momento pomos à prova a inventividade linguística. Como resultado desse processo contínuo, pipocam usos nem sempre já verificados no sistema e por ele validados, mas inteiramente funcionais, no sentido de desempenhar um papel competente em ocasiões preestabelecidas.

Nos tempos modernos, caracterizados por uma comunicação livre de barreiras, só possível em virtude da rede mundial de computadores, tal processo intensifica-se cada vez mais, haja vista que a tudo se consegue visibilidade, a depender, é claro, da adesão de nós, falantes, a qualquer que seja o fenômeno – neste caso, consideremos o âmbito linguístico. Assim, usos se difundem, rompem fronteiras, extravasam o lugar-comum, chegam a outros domínios, ganham trânsito livre e penetram no sistema de tal forma, que começam a despertar a atenção de nós, linguistas, na tentativa de compreendê-los cientificamente.

Um desses grandes usos hodiernos e representativos diz respeito à construção¹ *só que não*. Sua natureza parece se constituir de um emaranhado tão complexo de traços, entre os quais o da articulação, o da negação e o da ironia, que se trata de mais uma prova da força criadora partilhada pela língua e pelos falantes.

Observemos, então, um caso bastante prototípico da construção referida.

¹ Neste estudo, faremos uso reiterado do termo *construção*, que deve ser entendido como sinônimo de *expressão* ou *locução*.

Figura 1 – Ocorrência prototípica de *só que não*



Fonte: Folha de S. Paulo (2014).

A imagem acima ilustra o teor de nossa investigação. O título dessa coluna, à época assinada às quintas e aos sábados no jornal *Folha de S. Paulo*, lança mão de um recurso linguístico que, embora já bastante comum, carece de uma reflexão que o caracterize e, então, o identifique no âmbito das possibilidades de escolha que nos são oferecidas.

Em linhas gerais, o que se faz é estabelecer uma afirmação e, logo depois, negá-la, produzindo, com isso, um efeito de natureza irônica. Assim, apesar de dizer que os quadragenários de hoje são os trintenários de ontem, a colunista, imediatamente em seguida, invalida a afirmativa por meio da construção *só que não*, responsável por introduzir a negação e a ironia já referidas.

Nesta pesquisa, portanto, pretendemos descrever o comportamento da construção *só que não*, que tem ganhado mais expressividade a cada dia. Imprecisamente tida como mero modismo internético, igual a tantos outros, a expressão, em vez de perder força – como se espera de uma invenção cujo propósito seja atender a necessidades comunicativas circunscritas para, pouco depois, ser substituída por outra, mais inovadora e apropriada –, tem se intensificado, conseguindo lugar até em grandes veículos de comunicação, o que

demonstra, então, um caráter nada ligado aos modismos referidos. Logo, associar uso tão particular ao conceito de *modismo*, que apresenta prazo de validade e circulação verificada somente em determinado reduto, sem a chance de espraiamento, é não menos que desarrazoado, como tencionamos esclarecer.

Dotada de traços muito específicos, que não se observam em nenhuma outra expressão do tipo, como a ironia e as diferentes maneiras pelas quais é capaz de se apresentar (por exemplo, se em minúsculo ou maiúsculo, se abreviada ou por extenso, se acompanhada do símbolo # ou não), a construção *só que não* vem despertando interesse, porque elucida a noção de que a língua é dinâmica, atualizando seus mecanismos comunicativos de tempos em tempos.

Retomando-se, assim, a Figura 1, o título poderia ter apresentado outras configurações formais da expressão, revelando o caráter multifacetado dela.

- Os 40 são os novos 30, (#)SQN/(#)sqn
- Os 40 são os novos 30, (#)SóQueNão/(#)sóquenão
- Os 40 são os novos 30, (#)só que não
- Os 40 são os novos 30, (#)SoQueNão/(#)soquenaio

É a partir do exame da língua em uso que se notam, efetivamente, as características de qualquer que seja o objeto de estudo numa perspectiva funcionalista (CAMACHO, 1994; VOTRE; NARO, 1989), justamente a adotada neste trabalho. Nesse sentido, analisam-se aqui ocorrências de *só que não* em corpus contemporâneo, já que se trata de uma inovação recente da língua portuguesa, de modo a assegurar a validade de nossa hipótese: a de que a construção esteja em via de se gramaticalizar, tornando-se uma *locução conjuncional de contraexpectativa com valor negativo* (LONGHIN-TOMAZI, 2003a). Para tanto, partiremos da descrição proposta por Longhin-Tomazi (2003a), a respeito da perífrase *só que*, acrescida da partícula² de negação *não*.

O objetivo geral é o de descrever o emprego da construção em questão no português contemporâneo de registro escrito,³ com os seguintes objetivos específicos:

a) caracterizá-la no que concerne ao seu estatuto sintático, semântico, pragmático e discursivo-textual, tendo em vista os critérios (i) posição da construção, de natureza sintática; (ii) quebra de expectativas, de caráter semântico; (iii) veiculação de ironia,

² Saliente-se que *partícula*, nesta dissertação, é amplamente referido com o sentido de *termo* ou *palavra*.

³ Embora a oralidade possa também ser um campo fértil considerando-se o escopo desta descrição, é sobre as ocorrências escritas da expressão, independentemente da forma como apareçam, que nos debruçaremos aqui, neste texto.

de teor pragmático; e (iv) associação a diferentes gêneros textuais, de traço textual-discursivo.

b) buscar evidências, com base nos critérios de análise estabelecidos, da gramaticalização da construção e, então, defender sua atuação como *locução conjuncional de contraexpectativa com valor negativo*.

Esta dissertação, pois, discorre, no capítulo **1 Fundamentação**, sobre o funcionalismo, a gramaticalização, as conjunções e o ambiente cibernético respectivamente, com vistas a assentar o alicerce da pesquisa.

Em seguida, o capítulo **2 Só que e Só que não** traz à baila uma discussão a respeito da perífrase *só que*, pautando-se por Longhin-Tomazi (2003a, 2003b), e da expressão *só que não*, com base em seus traços característicos.

No capítulo **3 Metodologia**, por sua vez, trata-se dos princípios metodológicos regentes da investigação, para cujo *cópus* recorreremos ao *WebCorp*, determinando os princípios norteadores da investigação.

O capítulo **4 Análise** apresenta os dados obtidos e os investiga consoante os objetivos e a metodologia adotados. Isso não nos impede, entretanto, de, ao longo do trabalho, em outros capítulos, também discutir a natureza de algumas das ocorrências coletadas.

Por fim, o capítulo **5 Considerações finais** tem não o caráter de exaurir o assunto, mas o de sintetizar os achados desta investigação e lançar luz para que outras pesquisas do tipo sejam fomentadas, a fim de dar continuidade à presente caracterização.

1 FUNDAMENTAÇÃO

Neste capítulo, nosso objetivo não é o de esgotar a literatura existente acerca de cada um dos tópicos que julgamos pertinente discutir, mas o de, ao tocar em determinados conceitos, reunir argumentos sólidos o suficiente para embasar nossa investigação, de maneira a atribuir-lhe legitimidade. Assim, tratamos de campos cujas contribuições para esta caracterização consideramos infundáveis.

1.1 Funcionalismo

A escola linguística de vertente estruturalista, cuja proposta via a língua como um sistema em si e por si mesma e inaugura-se com a publicação póstuma, em 1916, do célebre *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, dá início ao que conhecemos por Linguística Moderna. Como o que passa a ter importância é a função exercida pelos elementos no interior de um sistema, a língua se torna comparável a uma organização dotada de regulamento interno, com regras e leis, uma vez que as relações estabelecidas entre os seus componentes é que vão valorar cada um deles. Nesse tocante, as línguas passam a ser vistas como entes independentes do contexto interativo, haja vista seu funcionamento autônomo.

Discordante, porém, de alguns desses postulados, nasce uma proposta que não concebe a possibilidade de as línguas se desassociarem da situação interativa, porque, segundo ela, sua existência se deve justamente às relações firmadas entre falantes e ouvintes. Em outros termos, a noção de função é pertinente quando se considera o uso da língua acompanhado de determinada finalidade.

Destarte, da mesma forma como outros movimentos de natureza similar, o estruturalismo não foi uno. Apesar da presença de um fio conduzindo todos os modelos teóricos formulados nessa direção, pode-se dizer que as divergências, sobretudo no tocante a ora considerar a língua uma entidade autônoma, ora vê-la como sistema funcional, foram suficientes para fazer emergir duas grandes tendências estruturalistas, ambas herdeiras do estruturalismo: de um lado, a formalista e, de outro, a funcionalista (MARTINS, 2009).

Enquanto o formalismo, que tem como representante-mor Noam Chomsky, responsável pelo gerativismo, prioriza a análise da língua como um conjunto de formas que se relacionam entre si numa sintaxe, que se relacionam com objetos do mundo numa semântica e que servem para que os falantes se comuniquem, enfim, que são independentes dos usos que dela se fazem, o funcionalismo preza a relação sistemática entre as formas e as funções⁴

⁴ No âmbito do funcionalismo, o termo *função* é equivalente à noção de *relação*: “[...] papel que a língua desempenha na vida dos indivíduos, servindo a certos tipos universais de demanda, que são muitos e variados”

desempenhadas, considerando a língua como instrumento de interação social. Em outras palavras, o primeiro se preocupa apenas com a estrutura da língua, desprezando, por isso, os usos dela feitos, pensada para um falante ideal, numa comunidade homogênea de condições perfeitas; já o segundo, ao priorizar o conceito de funções, procura envolver também o contexto das situações, aliando gramática a uso.

Neves (2001), com base em Dik (1987), faz um cotejamento esquemático bastante criterioso entre o paradigma formal e o funcionalista, deixando-nos claras as principais discordâncias com relação a determinados aspectos, como definição, função e contexto de uso da língua, e chega à seguinte conclusão:

No paradigma formal, uma linguagem natural é vista como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, enquanto, no paradigma funcional, considera-se que as expressões linguísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis a e codeterminadas por, determinantes pragmáticos da interação verbal humana (NEVES, 2001, p. 46).

De maneira geral, tem-se, do lado formalista, (1) orientação sintagmática, (2) língua como conjunto de estruturas entre as quais é possível fincar relações e (3) foco nos traços universais da língua; do lado funcionalista, por sua vez, o que se observa são (1) orientação paradigmática, (2) língua como rede de relações e (3) foco nas variações entre línguas. Em síntese, é por considerar a língua pela perspectiva dos usos reais registrados que o funcionalismo toma rumo diverso.

No entanto, como nos afirma Neves (2001), nem mesmo o funcionalismo chega a ser uno:

Caracterizar o *funcionalismo* é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos ‘funcionalistas’ mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes de estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam (NEVES, 2001, p. 1, grifo nosso).

Prova disso, segundo Nichols (1984 apud NEVES, 2001), são os tipos de funcionalismo, que podem ser classificados assim:

- Conservador: elencam-se as irregularidades do formalismo⁵ sem, porém, a proposição de uma análise mais apropriada;

(NEVES, 2001, p. 7). *Funcional*, então, que advém de *função*, “refere-se ao papel que a língua desempenha para os homens, na comunicação de sua experiência uns aos outros” (MARTINET, 1994 apud NEVES, 2004, p. 5 e 6).

⁵ Uma das grandes críticas dos funcionalistas às práticas dos formalistas consiste na adoção da sentença como elemento básico de análise. Para aqueles, não se pode satisfazer competentemente a estrutura de determinada língua sem o envolvimento de seu contexto.

- Moderado: apontam-se as inadequações do modelo formalista, mas se compartilha uma análise da estrutura da língua (nele, concentra-se a maioria das escolas funcionalistas);
- Extremado: rejeita-se a noção de estrutura e prega-se o protagonismo da função sem restrições no nível sintático, deslegitimando a noção saussuriana de língua.

Vale dizer que não nos cabe, nesta ocasião, avaliar os inúmeros modelos depositados sob o guarda-chuva funcionalista nas diversas divergências que sabemos haver entre eles, uma vez que as circunstâncias atuais não nos demandam isso, mas expor o quadro sobre o qual se assenta o movimento e, com base nisso, reconhecer as congruências, entre as quais a de que as línguas não são entidades autônomas, porque dependentes de seus falantes.

De modo geral, sem particularização de nenhuma natureza, qualquer proposta que apresente ligação entre propriedades gramaticais, semânticas e pragmáticas visando a descrever, por meio de uma função, um aspecto formal de interesse linguístico e verificando padrões linguísticos pela tipologia gramatical é funcionalista. Em outras palavras, o funcionalismo pretende que a linguagem humana seja vista como um instrumento de interação social entre seres humanos, estabelecendo, assim, comunicação.

De acordo com Camacho (1994), “são os usos da linguagem que modelaram o sistema linguístico, que, por isso, não é arbitrário. O modo como é organizado é funcional, porque se desenvolveu para satisfazer as necessidades humanas” (CAMACHO, 1994, p. 34). Nesse sentido, para um funcionalista, a lâmina do machado tem a forma que tem, porque está destinada à tarefa de cortar madeira. A função da lâmina do machado, portanto, é que determina sua forma – daí a abordagem funcionalista tender a se ocupar mais de descrição do que de explicação, dependente de fatores pragmáticos (BORGES NETO, 2004).

Logo, o sustentáculo do funcionalismo é a noção de que a língua está a serviço das funções determinadas pelo uso, sendo preciso, por isso, estudá-la como “entidade não suficiente em si mesma” (NEVES, 2001, p. 39), ou seja, apenas quando em funcionamento, em atividade, em operação, é que ela nos demonstra sua completude.

Na medida em que o foco de qualquer investigação de orientação funcionalista deve ser os usos linguísticos dos quais os falantes lançam mão para perseguir seus objetivos numa determinada interação, sendo a forma um produto das formulações de expressão linguística adotadas (a função), o funcionalismo consiste “[n]uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição e que entende a gramática como acessível às pressões do uso” (NEVES, 2004, p. 15).

Em outros termos, não se deve desconsiderar a *forma* como elemento significativo, mas a pesquisa que se paute unicamente por ela corre o risco de ser tomada como inócua.

Desse modo, estabelecida a distinção entre *forma* e *função*, o funcionalismo se propõe a pesquisar, além dos usos linguísticos efetivos, as mudanças a que são submetidos e o modo como a gramática delas se beneficia. Portanto, vê-se a estrutura da língua como configuração instável, no sentido de ceder às pressões provocadas pelos seus usuários.

Em suma, “a hipótese fundamental da proposta funcionalista é que, do uso da língua – a comunicação social –, origina-se a forma da língua, com aquilo que lhe é peculiar” (VOTRE; NARO, 1989, p. 169). A questão básica a ser respondida, pois, tem a ver com os modos pelos quais os falantes conseguem comunicar-se pelas expressões linguísticas. Para tanto, é preciso considerar uma análise da gramática da língua por meio dos usos e das funções verificados no seu sistema, rechaçando qualquer tratamento meramente arbitrário dado a essas mesmas expressões linguísticas realizadas, porque dotadas sempre de uma motivação. Assim, qualquer que seja a artificialidade presente num estudo que se preze funcional trairá os princípios balizadores da proposta.

Prevista, então, a robustez do uso como fator de mudança linguística, o funcionalismo baseia-se em falantes e contextos reais, e não em condições ideais e artificiais, no plano da abstração, haja vista que o que se pretende é, diacrônica ou sincronicamente, observar a autenticidade da língua em alguma natureza, grau ou âmbito. Justamente por isso, sua amplitude é tamanha que a abordagem, segundo Bechara (1991 apud NEVES, 2004), tem sido empregada em “várias modalidades de descrição linguística e de aplicação pedagógica no estudo e ensino de línguas” (BECHARA, 1991 apud NEVES, 2004, p. 55).

A presente descrição prende-se ao funcionalismo, porque tal proposta teórico-metodológica propicia reconhecer os diversos campos em que a língua se manifesta, o que sustenta a orientação funcional ou prática da análise. Ela não se filia, entretanto, a uma corrente específica do funcionalismo, uma vez que se vale de conceitos gerais da escola como perspectiva, permitindo abarcar a integralidade do fenômeno, sem restrições algumas.

Tendo em conta esses apontamentos e recorrendo às premissas com que Givón (1995 apud MARTELOTTA; AREAS, 2003) caracteriza a concepção funcionalista, esta investigação constitui uma descrição funcionalista, porque:

- a língua é o que fomenta as interações verbais – é justamente na, pela e com a língua que os funcionalistas se propõem a operar, já que ela é que protagoniza as relações comunicativas;

- a diversidade de usos faz da linguagem um campo heterogêneo – a língua, embora não seja um artigo pronto ou acabado, dá possibilidades de escolha e de uso. Cabe, portanto, ao usuário, nem sempre ciente de determinado contexto de aplicação, recorrer a uma forma ou outra para travar interação. É por isso que os funcionalistas, de maneira geral, baseiam seus estudos na coleta de casos significativos para o propósito de sua descrição, o que chamamos de *cópus linguístico*;
- o sentido é contextualmente dependente, e não atômico – na língua, o sentido nunca é fixo, estável, havendo liberdade para construí-lo e, da mesma forma, para desconstruí-lo. Os funcionalistas, levando em conta esse aspecto, põem à prova cada etapa de análise, justamente para cuidar também dos já previsíveis sentidos “fora da curva”;
- a relação entre estrutura gramatical e contexto comunicativo é levada em consideração – relacionando-se à constatação anterior, que traz à baila o fato de o sentido ser variável, é preciso haver concordância entre a estrutura pela qual determinado evento se dá – se gramatical ou agramatical, por exemplo – e o seu contexto de ocorrência, para de modo algum proceder a uma pesquisa que seja frágil, com uma série de lacunas, porque sem validade naquele sistema linguístico.

Como assevera Neves (2007),

uma análise funcionalista faz, acima de tudo, a interpretação dos textos, que são considerados as unidades de uso – portanto, discursivo-interativas –, embora, obviamente, ela vá à interpretação dos elementos que compõem as estruturas da língua (tendo em vista suas funções dentro de todo o sistema linguístico) e à interpretação do sistema (tendo em vista os componentes funcionais) (NEVES, 2007, p. 89 e 90).

Saliente-se que uma das grandes contribuições do funcionalismo são os estudos acerca de gramaticalização, conceito que, designando a migração unidirecional e histórica de elementos lexicais para a gramática por meio de uma série de alterações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas (MEILLET, 1912 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a), é também pertinente, porque oferece um arcabouço teórico capaz de ajudar a constituir as bases desta investigação.

Levando em conta as presentes considerações é que pretendemos proceder a uma descrição que promova equilíbrio entre *forma* e *função* – noções essencialmente complementares. Nesse tocante, portanto, prosseguimos na discussão, desta feita abordando mais uma parte do todo que tencionamos construir.

A gramaticalização, assunto da próxima seção, é o que instrumentaliza nossas conjeturas em torno da construção *só que não*, porque demonstra força o bastante para descrever e caracterizar acontecimentos linguísticos diversos. Prova de que o funcionalismo e a gramaticalização andam de mãos dadas são as palavras de Neves (2007):

[A gramaticalização] é um processo que tem encontrado abrigo privilegiado no funcionalismo, e exatamente porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se explica pela interação entre as motivações internas e as motivações externas ao sistema (NEVES, 2007, p. 91).

1.2 Gramaticalização

1.2.1 Percurso histórico e conceituação

Embora em efervescência apenas desde o fim da década de 1980, o conceito de gramaticalização pode ser percebido já no século X, na China, quando se diferenciam os signos plenos e os vazios e se afirma que estes, em outro momento, tinham sido plenos (FELÍCIO, 2008). Tendo experimentado algum desenvolvimento com Condillac e Rousseau na França, com Tooke na Inglaterra, com Bopp e Humboldt na Alemanha e com Whitney nos Estados Unidos, é com Meillet, porém, que ela nasce tal qual a conhecemos (PERINI-SANTOS, 2010).

Meillet (1912), portanto, é o cunhador do termo *gramaticalização*, já que é no seu trabalho *L'évolution des formes grammaticales* que, pela primeira vez, o fenômeno aparece conceituado como a transição entre uma palavra autônoma e uma função gramatical, sistematizando a língua ao etiquetar categorias desprovidas de endereçamento até então, e caracterizado e justificado como uma das mais significativas atividades da linguagem (LONGHIN-TOMAZI, 2003a).

Até a década de 1970, o fenômeno era visto como unicamente diacrônico, servindo como meio pelo qual se pudesse observar o desenvolvimento linguístico, reconstruir a história de uma dada língua ou fazer determinado recorte, relacionando estruturas atuais com estruturas mais antigas (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 10 e 11). Com o surgimento da escola estruturalista, os estudos sobre o assunto experimentaram, nesse período, certo desprezo, haja vista que, como Saussure privilegiava a sincronia, os linguistas consideraram por bem imitá-lo.

Givón (1979), ao postular que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, sugere a tendência das estruturas a assumir um caráter cada vez mais gramatical e fixo, mas é defendendo a introdução da pragmática nas investigações acerca da sintaxe, com a reflexão de que “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (GIVÓN, 1979, p. 208 e 209), que

se reacende a chama da gramaticalização. Em outros termos, para ele, o discurso – uma comunicação não planejada, informal – teria dado origem à noção de gramaticalização, porque as necessidades discursivas motivariam as mudanças a que as línguas sempre estiveram submetidas.

Nessa toada, os anos de 1980 viram, de fato, o reverdeamento do campo, com inúmeros estudos descortinando o arcabouço da gramaticalização como instrumento competente de descrição.

É, enfim, na década de 1990 que, como modelo teórico⁶, se instaura a gramaticalização,

para tentar dar conta de problemas que não foram resolvidos pelos modelos formalistas, que (a) separam a análise sincrônica da diacrônica, (b) não levam em conta a relação entre fatores de ordem semântico-pragmática e a configuração gramatical e (c) consideram as categorias linguísticas como sendo discretas (ou seja, com fronteiras bem-definidas) (CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 16).

Apesar de pautadas pela definição primeva, a de Meillet, várias são as acepções difundidas para o termo *gramaticalização*, sobretudo até o fim da década de 1990, dentre as quais destacamos algumas.

Quadro 1 – Definições para o termo *gramaticalização*

Kurylowicz (1956 apud HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991)	Diz respeito ao espraiamento do escopo de um item, que passa de lexical a gramatical ou de um estado menos gramatical a um mais gramatical.
Heine e Reh (1984 apud HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991)	Consiste no processo pelo qual unidades linguísticas perdem complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética, afetando todos os níveis da estrutura linguística em virtude de processos como a dessemantização (funções), a cliticização (morfofossintaxe) e a fusão e erosão (fonética).
Traugott e König (1991 apud HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991)	É o processo histórico unidirecional por meio do qual itens lexicais passam ao status de gramaticais ou morfofossintáticos e começam a codificar relações ainda não codificadas ou codificadas diferentemente.
Hopper e Traugott (1993)	Trata-se do processo de mudança que leva elementos de valor lexical a assumir valor gramatical e elementos gramaticais a assumir funções ainda mais gramaticais.

Fonte: elaboração própria.

⁶ Embora a gramaticalização, para alguns, seja apenas um processo e, para outros, goze estatuto de teoria, reconhecemos ser ela um fenômeno legítimo, porque “constitui um fator de equilíbrio entre [...] forças em competição [motivações internas e motivações externas ao sistema], equilíbrio que, afinal, permite a própria existência da gramática” (DU BOIS, 1985 apud NEVES, 2007, p. 91). Portanto, para as presentes considerações, não se fará distinção entre *processo*, *teoria* e *fenômeno*, por exemplo, tendo em vista que “o que importa é que ela [a gramaticalização] tem relação direta com a noção de que as gramáticas fornecem os mecanismos de codificação mais econômicos para aquelas funções da linguagem que os falantes mais frequentemente precisam cumprir” (ROSÁRIO, 2007, p. 102).

A pluralidade de definições para o termo, cada qual com uma perspectiva, estende-se, na verdade, até a denominação do fenômeno: *sintatização*, *descoramento semântico*, *enfraquecimento semântico*, *desvanecimento semântico*, *reanálise*, *condensação* e *redução* costumam ser possibilidades aceitáveis de designação do evento – a despeito de tais “sinônimos” acabarem não dando conta da completude do processo, porque se referem apenas a partes dele. Os próprios Traugott e Heine recorreram já a três diferentes termos para tratar do fenômeno: *gramaticalização*, *gramaticização* e *gramatização*.⁷

É possível, porém, reconhecer pontos de encontro entre as definições, aproximando, assim, as fronteiras expressas. A primeira grande similaridade, por exemplo, diz respeito ao fato de a gramaticalização, independentemente do termo que a rotule, diferenciar itens de valor lexical daqueles de valor gramatical; a segunda, por sua vez, consiste em afirmar que a origem dos termos gramaticais são justamente os lexicais (SOUSA, 2010, s/p) ou os híbridos.⁸

Ampliando as noções alimentadas até aqui a respeito do conceito de gramaticalização, há, em meados dos anos 2000, certa constatação (BYBEE, 2003, 2010) que faz avançar ainda mais os estudos: a de que “não é um item particular que sofre gramaticalização, mas toda a construção com itens lexicais particulares”, por meio “da frequência de uso de uma dada construção” (CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 22).

Gramaticalização é, pois, nada menos que língua em movência, em desenvolvimento. Como se dá em virtude de necessidades comunicativas não satisfeitas pelo que já existe no sistema linguístico (NEVES, 2001), o fenômeno implica revitalização linguística, uma vez que novas estruturas gramaticais são firmadas, de modo a suprir lacunas percebidas – daí ser esse um dos fenômenos aos quais se costuma atribuir a ampliação da gramática de uma língua por pressões ora do uso, ora do próprio sistema gramatical.

1.2.2 Sistemática

Para Meillet (1912 apud HOPPER; TRAUGOTT, 1993), há, na verdade, dois tipos de procedimento capazes de originar formas gramaticais. O primeiro deles, a analogia, consiste num processo pelo qual um paradigma se iguala a outro paradigma já estabelecido; o

⁷ Para fins desta caracterização, adota-se o termo *gramaticalização*.

⁸ Enquanto, para Hopper e Traugott (1993), palavras lexicais podem ser representadas por *mesa*, *cantar* e *verde*, porque se referem, respectivamente, a uma coisa, a uma ação e a uma qualidade, a noção de palavras gramaticais envolve, por exemplo, preposições, conjunções, artigos/pronomes e morfemas verbais, porque, também nessa ordem, relacionam-se nomes, ligam-se sentenças, indicam-se elementos já mencionados ou não em determinado contexto e marcam-se ideias como aspecto, tempo e modo. Assim, por itens lexicais, entendemos os substantivos e os verbos, que são termos com significação lexical; já por itens gramaticais, os pronomes, as preposições e as conjunções, que são considerados palavras acessórias, partículas.

segundo, por sua vez, de fato a gramaticalização, diz respeito à concessão de estatuto gramatical a um termo ainda autônomo. Nesse sentido, ao passo que o primeiro, por atuar superficialmente, não interfere no sistema, ou seja, não perpetua mudanças, o segundo, imbuído de força criadora, transforma toda a constituição linguística ao originar formas para as quais não havia ainda expressões. Dessa maneira, apenas o procedimento via gramaticalização pode alterar a maleabilidade do todo linguístico.

Além disso, ao afirmar que as formas gramaticais nascem das lexicais, justamente pela repetição de uso, considera a existência de um contínuo, que vai do concreto ao abstrato unidirecionalmente. Nas palavras dele:

As línguas seguem, portanto, uma espécie de desenvolvimento em espiral: elas reúnem palavras acessórias para obter uma expressão intensa; essas palavras enfraquecem-se, degradam-se e caem ao nível de mero acessório gramatical; agrupam-se novamente a palavras, a fim de alcançar determinada expressão; o enfraquecimento recomeça e assim sem fim (MEILLET, 1912 apud CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 19).

Segundo Hopper e Traugott (1993), a gramaticalização, contrariamente àquilo que se afirmava há pouco mais de 40 anos, serve tanto à diacronia – perspectiva que possibilita perscrutar as origens e as direções de determinado material linguístico – quanto à sincronia – olhar por meio do qual é possível fazer um recorte num dado momento, independentemente de seu percurso histórico, e, então, observar padrões. Isso, porque diacronia e sincronia, no campo dos estudos acerca de gramaticalização, são complementares, o que nos permitiria fazer referência ao conceito de *pancronia*, que mescla as considerações de ambos os paradigmas.

De forma geral, as mudanças linguísticas nunca são repentinas, porque as formas e funções vão se alterando paulatinamente. Assim, nomes e verbos, por exemplo, representantes de categorias maiores, e adjetivos e advérbios, membros de categorias intermediárias, arranjam-se e dão origem aos elementos de categorias menores, as preposições e as conjunções (FELÍCIO, 2008).

Nesse tocante, haveria, então, um período de transição, que implicaria sobreposição no sentido de que, tendo em vista a mudança de uma categoria em outra, um item encerraria traços de ambas as categorias. Justamente para demonstrar a gradação da mudança, com as nuances próprias de evento dessa natureza, Hopper e Traugott (1993) propõem o seguinte contínuo ou *cline*⁹ de gramaticalidade:

⁹ Para Hopper e Traugott (1993), o termo *cline* reúne duas acepções. Numa perspectiva sincrônica, significa um conjunto de itens organizados linearmente do mais lexical ao mais gramatical; já diacronicamente, indica o percurso de mudanças sofridas por determinado item.

ITEM LEXICAL > ITEM GRAMATICAL > CLÍTICOS > AFIOS FLEXIONAIS

Isso quer dizer que, quanto mais à direita determinado elemento avança, mais gramatical se torna, o que revela a unidirecionalidade do fenômeno: sempre do menos abstrato ao mais abstrato.

A respeito da(s) mudança(s) que a gramaticalização implica, Langacker (1977 apud MARTELOTTA, 2010) faz a seguinte associação, em que as referências à palavra *máquina* tratam de defini-la e situá-la como responsável por mudanças resultantes da transformação de itens lexicais em gramaticais:

Não seria inteiramente inapropriado observar a língua em seu aspecto diacrônico como uma máquina gigante de compactar expressões [...] que requer como *input* um fluxo contínuo de expressões criativamente produzidas formadas por inovações lexicais. [...] A máquina faz o que pode para desgastar as expressões que entram nela. Ela enfraquece metáforas *standartizando-as* e, usando-as repetidamente, ataca expressões de todo tipo com erosão fonética, desbota itens lexicais da maior parte de seu conteúdo semântico e os força a servir como marcadores gramaticais. [...] A máquina tem apetite voraz (MARTELOTTA, 2010, p. 143 e 144, grifos nossos).

Assim, a constituição de itens gramaticais é contínua. Por isso, é necessário que tenhamos clara a ideia de língua como estrutura instável e emergente, que, sendo mesmo “máquina de apetite voraz”, a todo o momento transforma itens lexicais em gramaticais. É à gramaticalização, pois, que compete o exame dessa *máquina*.

Recorrendo a Meillet (1912), Bybee (2003 apud CEZARIO; ALONSO, 2013) diz ser a frequência de uso de um termo o grande motivador de qualquer mudança linguística e, por conseguinte, o grande responsável pela formação de construções na língua.

Portanto,

a frequência leva a uma automatização das formas, que podem reduzir-se foneticamente e também costumam emancipar-se no sentido de preencher novas funções em novos contextos. Um item muito usado num determinado contexto linguístico torna-se previsível, automático e tem sua forma fonológica reduzida (CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 35).

Em outras palavras, a repetição exerce um papel essencial na gramaticalização, haja vista a noção de que é aos falantes que cabe avaliar as possibilidades de escolha existentes e, se for o caso, instituir, pela exaustão, uma mais apropriada para determinado contexto ou uso, enriquecendo, então, o sistema linguístico.

Desse modo, uma sequência pouco frequente corre o risco de ser esquecida, não reunindo condições para que seja dotada de expressividade e reconhecida como um padrão. Logo, experiências, percepções de mundo, subjetividades, intenções e interesses do falante e do ouvinte são fatores pragmático-discursivos (motivações pragmáticas) que

contribuem para a formação dos padrões de determinado uso. Subentende-se, dessa forma, que a ação do tempo deve também ser levada em conta, já que a instituição de qualquer mudança gramatical – produto da gramaticalização – demanda, como já se sabe, repetição, que só ganha força com o passar do tempo.

Consideremos, por exemplo, a construção *um bocado de* (ALONSO, 2010), objeto de gramaticalização. Empregada, a princípio, com termos indicativos de “algo solidamente comestível”, como em *um bocado de pão* ou *um bocado de bolo*, ela passou a constar de contextos outros, como em *um bocado de gente* e *um bocado de carinho*, em que se perdeu a noção de “porção que cabe na boca” (CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 31).

Os vocábulos pronominais *você* e *a gente*, pode-se dizer, também sofreram gramaticalização (respectivamente, *vossa mercê* e artigo *a* + substantivo *gente*), uma vez que, a princípio como sequência de palavras, a recorrência que experimentaram no uso fê-las se tornar unidades de processamento (BYBEE, 2010 apud CEZARIO; ALONSO, 2013).

Outro caso pode ser o da conjunção *embora*, que, antes de passar pelo processo de gramaticalização, compunha-se de três elementos: preposição *em* + adjetivo *boa* + substantivo *hora*. Hoje, já consagrada pelo uso e, portanto, gramaticalizada, perdeu a noção de justaposição para a de aglutinação, que, necessariamente, implica perda fonética e significado outro. Corroborando essa possibilidade de ocorrência, Bybee (2010 apud CEZARIO; ALONSO, 2013) diz que uma mudança gramatical está relacionada ao uso de palavras que ocorrem juntas com frequência, como se deu com *tal* (pronome) + *vez* (substantivo), dando origem ao advérbio *talvez*.

O verbo *haver*, que se tornou sufixo verbal (*cantarei* = *cantar* + *hei*), o verbo *andar*, que virou de ligação (*anda pensativo*), e palavras que assumiram função conectiva (*salvo*, do particípio de “salvar”, e *mediante*, do verbo “mediar”) também já passaram por gramaticalização (LUFT, 1966).

Em suma, toda gramaticalização é motivada por espaços em branco na língua que não a deixam satisfazer plenamente as necessidades comunicativas pertinentes aos falantes, sendo a economia, a clareza e a expressividade os principais propulsores.

Seu percurso, portanto, envolve uma variação em determinado uso e, por conseguinte, uma mudança de sentido em decorrência da função exercida por tal uso numa certa interação. Formas novas e antigas podem até coexistir por algum tempo, mas, indelevelmente, há uma redução da variedade de escolhas, fazendo aquelas ganharem notoriedade no dia a dia da língua em detrimento destas. É nesse momento, pois, que alguns usos deixam de desempenhar seu papel em dado contexto discursivo.

Os falantes, que contribuem para isso ao manipular com liberdade a língua, podem não atribuir uma função específica a esse elemento, mas, com a implacabilidade do tempo, ocorre, arbitrariamente, uma seleção, o que restringe a liberdade de manipulação e dá ao elemento a possibilidade de integrar um conjunto, indicando, portanto, a sua obrigatoriedade, porque dotado de um papel claramente definido nas interações linguísticas, em algumas situações (LONGHIN-TOMAZI, 2003a).

1.2.3 Conceito-chave: unidirecionalidade

Até bem pouco tempo, pregava-se que todo processo de gramaticalização implicava perda de traços semânticos ou *semantic bleaching*. Assim, considerava-se que qualquer item em gramaticalização ou já gramaticalizado empobreceria semanticamente.

Recentemente, porém, vários linguistas têm visto com ressalvas tal noção, preferindo desenvolver modelos que percebam as alterações de sentido motivadas pela gramaticalização, porque o que ocorre é, na verdade, certa compensação: “Implicados nessa propriedade essencial do fenômeno, estão processos como perda de complexidade semântico-lexical, liberdade sintática e de substância fonética, com a contraparte de *ganho* em significação morfossintática” (NEVES, 2007, p. 92, grifo nosso). Destarte, considera-se haver não apenas perdas mas também ganhos, dentre os quais destacamos o aumento da expressividade do falante.

Segundo Longhin-Tomazi (2003a), com base em Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Hopper e Traugott (1993) e Bybee et al. (1994), tais transformações semânticas por que passam os itens em gramaticalização são conduzidas, concomitantemente, por dois mecanismos: a metáfora e a metonímia – que, embora operem de maneira diversa, coexistem em qualquer processo de mesma natureza.

A *metáfora* se relaciona com a transferência de significados de um domínio mais concreto para outro mais abstrato. Em outros termos, trata-se da compreensão e da conceituação dos falantes no que tange ao mundo ao seu redor.

Tal mecanismo pode ser explicado pela hierarquia ou contínuo a seguir, de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991):

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE
--

Nessa relação, de caráter metafórico, cada uma das categorias, observando-se o princípio da unidirecionalidade, pode conceituar apenas a categoria à sua direita. Assim, parte-se de conceitos mais concretos para chegar àqueles mais abstratos. Destaque-se, porém,

o fato de o surgimento de uma nova categoria implicar o esvaecimento da imediatamente anterior, ou seja, nesse trânsito livre e contínuo, à medida que um termo é encapsulado pelo seguinte no esquema da conceituação, o primeiro desaparece, o que pode configurar empobrecimento linguístico – noção já referida.

Nesse tocante, justamente para suprir as lacunas deixadas pelo referido procedimento é que emerge a metonímia, como eles mesmos demonstram, não implicando substituição.

A *metonímia*, por sua vez, tem que ver com a transferência gradativa de um significado para outro via interpretação textual por meio da inferenciação, isto é, ela revela o desenvolvimento do processo.

Já Traugott (1982 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a), recorrendo a uma classificação de linguagem proposta por Halliday (1994), que elenca três componentes, a saber, o proposicional, o textual e o expressivo como propiciadores de interação verbal, tenta, por meio do seguinte modelo, elucidar o curso de alterações que o processo de gramaticalização pode ditar:

PROPOSICIONAL > TEXTUAL > EXPRESSIVO¹⁰

Atualizada por Traugott e König (1991 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a), todavia, essa formulação assume outra perspectiva: a de que a mudança se inicia em significados identificáveis nas situações extralinguísticas, passa por significados fundados na marcação textual e avança para significados fundados na atitude ou crença do falante.

Vale frisar que Traugott (1999) vê tais tendências como constituintes da subjetivação e da intersubjetivação, processos muito mais globais. O primeiro consiste no desenvolvimento de significados para termos já registrados no sistema linguístico; o segundo, por sua vez, na codificação da atenção dos falantes por esses mesmos significados.

São, pois, propriedades universais da gramaticalização, independentemente do ponto de vista adotado:

- a) partir de itens lexicais, em direção à gramática;
- b) obedecer a uma hierarquia de abstração metafórica;
- c) alimentar a sintaxe da língua e afetar o léxico (BARRETO, 2012, p. 410).

Dadas, por exemplo, as críticas de Campbell e Janda (2001) aos princípios da gramaticalização, a unidirecionalidade tem sido objeto de muita controvérsia. Ainda assim, é

¹⁰ Em outras palavras, assim se constitui tal relação: MUNDO EXTRALINGUÍSTICO > DISCURSO COESO > COMPORTAMENTO QUANTO AO OBJETO DA INTERAÇÃO OU AOS SEUS PARTICIPANTES.

na unidirecionalidade da mudança que apostamos, haja vista que, pelo volume de estudos com relação a esse conceito, como Traugott (2001), os trabalhos funcionalistas parecem ainda vê-la como um fato mais relevante do que a não unidirecionalidade.

Segundo Longhin-Tomazi (2003a), por exemplo, são dois os aspectos que fortalecem a orientação unidirecional como a única possível para as transformações provocadas pela gramaticalização: a inscrição do conceito na definição de gramaticalização e a sua aplicação aos mecanismos da gramaticalização. Para Neves (2004), é incontestável a unidirecionalidade, considerada por ela já um traço definidor da gramaticalização.

Em outras palavras, “um número cada vez mais crescente de trabalhos demonstra que a mudança é unidirecional, partindo de elementos do léxico para elementos da gramática ou de elementos que já possuíam funções gramaticais e se tornaram ainda mais gramaticais” (CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 16 e 17), sendo pouco aceitável a direção contrária de mudança linguística.¹¹

1.2.4 Estágios iniciais

A gramaticalização, como sabemos, consiste num processo, constituído, portanto, de uma série de estágios. Embora, na língua, vários casos passem por todos eles, há aqueles que, por fatores diversos, submetem-se apenas a alguns, o que, todavia, não quer dizer que estejam longe de ser considerados *em gramaticalização* ou *já gramaticalizados*.

Hopper (1991), nessa direção, propôs cinco princípios, discriminados a seguir, com o objetivo de ajudar a identificar os estágios iniciais da gramaticalização de determinado item. São eles:

- (i) Estratificação (*layering*) – quando aparecem novas formas, elas e as antigas coexistem num mesmo recorte temporal. Vale dizer, porém, que nem todas as formas recém-surgidas encerram força suficiente para substituir as antigas. Como exemplo, tem-se, no inglês, os termos *mistress*, *Mrs.* e *miss*, que representam diferentes estágios de uma mesma palavra.

- (ii) Divergência (*divergence*) – quando uma forma lexical é acometida de gramaticalização, a forma já existente pode continuar como elemento lexical

¹¹ Vale salientar haver, hoje, a coexistência de duas grandes abordagens acerca do fenômeno da gramaticalização. Em se tratando da clássica, que é a que vimos considerando, a unidirecionalidade é ainda o conceito mais arraçado; para a contemporânea, contudo, a trajetória de mudança é estabelecida pela multidirecionalidade, conforme Castilho (2004).

autônomo e passar por outras mudanças. Embora o princípio da divergência possa ser tido como uma particularidade da da estratificação, a diferença entre eles consiste em que o primeiro aplica-se a um item lexical que se gramaticaliza num contexto, mas não em outro; o segundo, às codificações de mesma função. Nesse sentido, de acordo com a divergência, é possível haver duas formas idênticas quanto ao som, mas diferentes com relação às funções e aos significados. A título de exemplificação, *Mrs.*, *miss* e *Ms.* são diferentes formas oriundas do substantivo *mistress*, mas a significação original permanece.

- (iii) Especialização (*specialization*) – quando ocorre gramaticalização, a variedade de escolhas formais estreita-se, com bem menos formas dotadas de significados mais genéricos. *Mistress*, por exemplo, pode ser uma das possibilidades em referência a uma mulher, da mesma forma como *mother*. Logo, trata-se de variações que designam um mesmo ser, mas com diferença semântica.
- (iv) Persistência (*persistence*) – quando a forma gramaticalizada contém resquícios sintático-semânticos do item original, isto é, quando alguma forma sofre gramaticalização, mas preserva traços de seu item-fonte. O termo *Mrs.* se refere a mulheres adultas por ter sido o vocábulo *mistress* usado para o feminino de *master*.
- (v) Descategorização (*de-categorialization*) – quando formas em gramaticalização perdem marcadores morfológicos e características sintáticas das categorias *nome* e *verbo* e assumem traços de categorias como *adjetivo*, *particípio* e *preposição*. Os vocábulos *Mrs.*, *Ms.* e *miss*, portanto, não devem ser antecidos de artigo (HOPPER, 1991, p. 17-35).

1.2.5 Trocando em miúdos

A gramaticalização, portanto, consiste numa inovação de funções gramaticais que se dá pelo emprego de formas já existentes para atender a novas intenções comunicativas, baseando-se na economia (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Essas novas intenções são empregadas pelos falantes para intensificar a força dos elementos da língua, de maneira a possibilitar a produção de efeitos de sentido no âmbito da situação discursiva. Eliminação, compactação ou redução, vale dizer, são o resultado de muitos dos processos de gramaticalização envolvendo inovação.

Assim, a gramaticalização

é um processo-chave que, continuamente, altera o recorte de campo das entidades de conteúdo e de expressão da língua, um processo que ilustra significativamente a relação entre funcionamento linguístico e sistema gramatical, deixando ver o caminho que vai do uso linguístico ao sistema da língua, na direção do significado para a forma (NEVES, 2007, p. 83).

Em resumo, trata-se de um fenômeno que se baseia na relação entre funcionamento e sistema, no sentido de que do uso chega-se à estrutura e do significado, à forma.

Numa postura funcionalista, então, motivações discursivas manifestas por meio de pressões semântico-pragmáticas são o que, verdadeiramente, embasa qualquer que seja a natureza de uma mudança linguística. Ao considerarmos a proposta de que a gramaticalização é uma forma de inovação, podemos recorrer a dois aspectos trazidos à tona por Hopper e Traugott (1993):

- primeiramente, investe-se de uma nova função comunicativa um elemento já conhecido no sistema linguístico, com vistas a mobilizar os efeitos de sentido desejados pelo falante, cumprindo com o propósito comunicativo daquela interação;
- em seguida, a mudança, implicando alterações sintático-fonológicas, fixa determinada estrutura, o que deixa clara certa economia.

O fenômeno da gramaticalização, portanto, pode ser compreendido como processo pelo qual a forma lexical:

- a) modifica seus traços fonológicos, morfológicos e sintáticos;
- b) muda de classe gramatical;
- c) torna-se uma forma presa;
- d) pode desaparecer em função de uma cristalização extrema (BARRETO, 2012, p. 412).

Por fim, como vimos insistindo, o modelo de gramaticalização atende aos princípios do funcionalismo, opondo-se ao formalismo, porque:

- (i) A análise linguística não é vista como sendo estritamente sincrônica; pelo contrário, tem fundamentos na diacronia.
- (ii) O relacionamento entre forma e conteúdo não é totalmente arbitrário, pois a mudança dá-se de forma regular, a partir de termos mais concretos para usos mais abstratos de acordo com transferência de domínios (metáfora e metonímia); o que é arbitrário hoje já foi motivado em alguma fase da língua.
- (iii) A forma linguística não tem um significado isolado; aspectos relativos à inferência contextual também podem fazer parte do significado das formas (CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 23 e 24).

Contudo, cabe ainda dizer que, considerando essa força própria da língua denominada de gramaticalização, capaz de promover profundas transformações nos recursos linguísticos com vistas a adequá-los às diferentes necessidades comunicativas que se impõem constantemente a nós, falantes, nosso objeto de estudo, o *só que não*, é aventado como um caso típico de gramaticalização com caráter conjuncional – daí a próxima discussão versar sobre as conjunções.

1.3 Conjunções

A classificação das palavras no português se dá com base em vários critérios. O semântico, por exemplo, leva em conta o sentido veiculado; o sintático, por sua vez, recorre ao papel desempenhado em determinado contexto; e o morfológico, que advém de *forma*, relaciona-se, por assim dizer, à estrutura. Nesse tocante, conforme a Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB¹², somam dez as classes conhecidas de palavras, a saber, (i) substantivo, (ii) artigo, (iii) adjetivo, (iv) numeral, (v) pronome, (vi) verbo, (vii) advérbio, (viii) preposição, (ix) conjunção e (x) interjeição.

Ao relacionarmos palavras a significados, tendemos a julgar como suficientes aquelas impregnadas de conteúdo, como é o caso de substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, para determinada interação. Sabe-se, porém, que os sintagmas, constituídos de unidades portadoras de sentido por meio da relação entre as palavras, é que desempenham verdadeiramente um papel dentro da sentença, isto é, o contexto é sempre o ambiente mais apropriado para a classificação dos termos nele contidos. É no patamar das palavras relacionais, porque estabelecem relações ao ligar orações, que se encontram, pois, os conectivos, categoria à qual pertencem a *preposição* e a *conjunção*.

Nesse tocante, é insustentável construir uma interação sem lançar mão de elementos gramaticais capazes de atar as ideias, determinando-lhes um nexos. Grosso modo, para haver articulação com a formação de um todo significativo, depende-se dos conectivos – daí o termo *coesão*, que é

a forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos linguísticos, de modo a formar um ‘tecido’ (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente (KOCH, 2009, p. 35).

¹² O referido documento, elaborado por Antenor Nascentes, Cândido Jucá (filho), Celso Cunha, Clóvis do Rego Monteiro e Rocha Lima, todos professores catedráticos do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e publicado pelo Ministério da Educação e Cultura em 1959, constitui uma medida oficial com o objetivo de simplificar e unificar a classificação dos eventos da língua, padronizando a nomenclatura gramatical. Esse, portanto, é o instrumento que baliza o ensino oferecido nas escolas e a bibliografia dos concursos públicos, por exemplo.

Com relação, particularmente, às conjunções, de maneira geral o papel é duplo: conectar orações e direcionar a argumentação textual, de acordo com Ducrot (1987), que, por meio de uma abordagem argumentativa, explicita que “algumas conjunções não se restringem à função sintático-semântica de ligar sentenças e desempenham também a função argumentativa de indicar o peso que as sentenças têm” (DUCROT, 1987 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 112). De certo ponto de vista, é possível julgá-las também como indexadoras de mudança de perspectiva, sendo, portanto, classe gramatical de uma infinidade de ideias.

Segundo Luft (1979), *conjunção* é, numa definição corrente, “palavra gramatical invariável que estabelece coordenação ou subordinação entre dois membros da oração ou entre uma palavra e uma oração, entre duas orações, e, mais raramente, entre dois períodos” (LUFT, 2008, p. 189).

Deixa-se claro, então, que as conjunções podem ser coordenativas, quando a coordenação é a relação por elas estabelecida, ou subordinativas, em referência a um contexto de dependência sintática, mas tal classificação, vale frisar, não é estanque, já que seu emprego efetivo é que as determina. Assim, memorizar lista de conjunções e relações possíveis é, na verdade, uma prática contraproducente, porque limitadora.

Andrade (1987) mostra que, de fato, tal classe não está restrita a ligar orações, podendo fazê-lo também com termos de mesma função, como a seguir:

(1) Ela era alta e magra.

(2) Ana era feliz **quando** criança.

Embora, no caso (1), tenha-se uma conjunção coordenativa de adição e, no (2), uma de natureza subordinativa, é evidente a função de ambas: conectar palavras, e não orações.¹³ Nesse sentido, Andrade (1987) faz a seguinte asseveração:

Costuma-se aceitar conjunções coordenativas e preposições introduzindo elementos não oracionais, enquanto conjunções subordinativas introduzindo esses mesmos elementos são tratadas como se houvesse um verbo elíptico. Contudo, não há razão para subentender o verbo *ser* apenas no caso das conjunções subordinativas e não fazê-lo no caso das conjunções coordenativas e das preposições. Assim, parece melhor aceitar que as conjunções subordinativas podem também ligar palavras, do mesmo modo que as conjunções coordenativas e as preposições (ANDRADE, 1987, p. 7, grifo nosso).

¹³ Grosso modo, o que marca a noção de oração é a presença de um verbo ou uma locução verbal (DECAT, 2001). Assim, nos casos (1) e (2), por exemplo, ligam-se termos de mesma função, e não orações, justamente porque, embora possamos inferir a repetição do verbo *ser* no segmento introduzido pela conjunção “e” e naquele apresentado pela conjunção “quando”, ela não é explícita.

Nesse aspecto, concorda Castilho (2003), que afirma que as preposições e as conjunções – sejam coordenativas, sejam subordinativas – desempenham uma função dupla: ligar não apenas sentenças mas também palavras.

Isso quer dizer, portanto, que qualquer exame a respeito das conjunções carece de cuidado analítico, dado seu caráter polissêmico e multifacetado. Se nos voltarmos para trás, muitos foram os gramáticos – clássicos ou não – que se dedicaram a estudar as classes de palavras, entre as quais a das conjunções (FERREIRA, 2008).

Platão, por exemplo, foi um dos precursores da divisão em classes. Ao notar que as palavras poderiam ser classificadas, dedicou-se a questões como a etimologia e a análise das relações e do conteúdo semântico.

Aristóteles, aprendiz de Platão, identificou três diferentes categorias. Seu equívoco, porém, foi agrupar pronomes, preposições e conjunções sob o mesmo rótulo, acreditando que todos funcionassem da mesma forma.

Já os estoicos, que encontraram quatro classes, insistiram em juntar os pronomes às conjunções, embora eles tivessem já notado certa diferença entre os artigos e os elementos de ligação.

Varrão, por sua vez, chega a separar as conjunções e as preposições e, no lugar dos artigos, defende o surgimento das interjeições, com os pronomes (relativos e interrogativos) fazendo, agora, parte da classe dos nomes e pronomes.

Apolônio Díscolo, contudo, é que introduz a ideia de que a conjunção não apenas significa como também cossignifica, no sentido de que é pela relação que estabelece com os constituintes de seu contexto que o conteúdo veiculado pode ser notado. Outra grande contribuição para o desenvolvimento da linguagem diz respeito à noção de que a conjunção relaciona igualmente orações e termos equivalentes.

São perceptíveis, portanto, a evolução dos estudos acerca da classe das conjunções e, como já referimos, o seu caráter polissêmico e multifacetado.

Ainda no que concerne à possibilidade de mudança de classe de determinada palavra, o Anteprojeto da Norma Gramatical Brasileira, quando eram ainda escassos estudos de investigação da língua, contribui ao asseverar que só é possível estabelecer uma classificação no momento em que se considera o todo contextual, que ele chama de *frase* – afirmação que a ciência linguística tem confirmado reiteradamente, uma vez que o contexto de dada palavra ou expressão exerce grande influência na formação de significado.

Destarte, corroborando a noção de que é em meio a outras palavras que se deve atribuir sentido a cada uma, firmam-se as palavras a seguir.

As expressões só se classificam na frase. É a frase, no seu plano associativo, que determina a categoria atribuída a uma expressão. O *Anteprojeto*¹⁴ adverte que muitas palavras ‘podem com facilidade passar de uma classe para outra’. Isso é presumir que as palavras são de uma classe antes da frase, fora da frase (CHEDIAK, 1960, p. 114 e 115, grifo nosso).

Vejam, no quadro abaixo, três definições para o termo *conjunção*.

Quadro 2 – Definições para o termo *conjunção*

Bechara (2004)	“Como sua missão [a das conjunções] é reunir unidades independentes, [elas] pode[m] ‘conectar’ duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro do mesmo enunciado” (BECHARA, 2004, p. 319).
Cunha e Cintra (2001)	“Conjunções são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 579).
Lima (2003)	“As [conjunções são] palavras que relacionam entre si dois elementos da mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração etc.)” (LIMA, 2003, p. 184).

Fonte: elaboração própria.

Recorrendo a Bechara (2004), a Cunha e Cintra (2001) e a Lima (2003), constantes do Quadro 2, e também a Luft (2008), definição que introduz a seção, é possível encontrar um fio condutor, apesar das particularidades da abordagem de cada um: o de que a classe das conjunções tem por objetivo juntar elementos de mesmo valor funcional. Então, ainda numa perspectiva gramatical, a conjunção, no campo da morfologia, é invariável; no da sintaxe, liga orações ou termos; e, no da semântica, é contextual.

Na medida em que se considerem essas afirmações, nosso interesse, na presente discussão, recai sobre palavras como *mas* e *porém*, que ocorrem no âmbito da coordenação e apresentam papel claramente adversativo, uma vez que estabelecem relação entre os componentes que articulam, como toda e qualquer conjunção, mas à base de contraste, de oposição.

Sua dinâmica de funcionamento consiste em apresentar duas ou mais informações com a prevalência daquela(s) introduzida(s) por uma dessas partículas de ligação.

¹⁴ O Anteprojeto de Simplificação e Unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira, de 1957, que precedeu à NGB, objetivou instituir uma nomenclatura nem sobremaneira conservadora nem desmedidamente inovadora, tendo recebido contribuições de professores e especialistas preocupados não apenas com a gramática em si mas também com a didática.

Observemos dois casos em que é inegável a presença de conjunções imbuídas do claro papel de ligar orações:

(3) Palmeiras vê provocação santista, **mas** é campeão paulista sub-15.
(<http://www.lance.com.br/palmeiras/palmeiras-provocacao-santista-mas-campeao-paulista-sub.html>)

(4) Recordista levanta meia tonelada, **porém** desmaia em seguida.
(<http://paranaportal.uol.com.br/esportes/recordista-levanta-meia-tonelada-mas-demais-em-seguida-veja-o-video/>)

Cada uma das sentenças apresenta dois eventos ou informações. Percebe-se, por meio do tipo de conjunções empregado, que o evento introduzido pelo conectivo é o que, apesar do que já se disse, prevalece, no sentido de que a ideia expressa pela segunda oração embota a da primeira.

Assim, o fato de (3) *o Palmeiras se ver provocado pelo Santos* e o de (4) *certo recordista levantar 500 quilos* perdem importância em face das novas informações dadas, a saber, (3) *o Palmeiras se sagrou campeão* e (4) *o recordista desmaiou logo depois*, estabelecendo, então, contrariedade.

Meillet (1965 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a), tendo estudado a origem e a história das conjunções, reconhece uma série de condições que parece favorecer a tendência dessa classe à estabilidade no curso evolutivo das línguas, mas as perfila como palavras também sujeitas a sofrer certo deslocamento, podendo até desaparecer.

Isso se dá, porque, ainda segundo Meillet (1965 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a), a renovação das palavras é a possibilidade que os falantes têm para intensificar a expressividade da linguagem. Para tanto, a frequência e a velocidade com que são usadas representam os motivos pelos quais sua renovação material mais é solicitada.

Nesse sentido,

o procedimento mais simples de renovação de conjunções é a tomada de palavras de diferentes classes – (pro)nomes, verbos, advérbios ou preposições – e o posterior emprego em contextos em que elas passam a funcionar na ligação de orações, mesmo quando há, na língua, outras conjunções de valor semelhante. Entre os vários exemplos, [...] a conjunção adversativa *mais*, do francês, proveniente do advérbio comparativo latino *magis*. Assim, [...] não é necessário lançar mão de formas especialmente criadas para substituir aquelas já desgastadas pelo uso, bastando aproveitar formas já disponíveis na língua e atribuir a elas uma nova função (MEILLET, 1965 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003, p. 82, grifos nossos).

Para o autor, a mudança das conjunções se justifica pela essencialidade de alimentar a expressividade dos conectivos, como já se disse, satisfazendo, por conseguinte, as necessidades comunicativas dos falantes. Tal mudança, portanto, está relacionada ao interesse

do falante em continuar expressivo, a fim de travar interação com seu interlocutor e, então, estabelecer sentidos e significados.

Ainda para o autor, um dos procedimentos mais comuns de renovação das conjunções é a atribuição da função de conjunção a formas ou termos já existentes na língua, como licenciar palavras de outra natureza, por exemplo advérbios, para o desempenho do papel de conjunção. Vale dizer, entretanto, que o neogramático Hermann Paul (1886) havia já sugerido que as conjunções fossem produto de advérbios conjuncionais ou de pronomes conjuncionais, ou seja, palavras independentes (LONGHIN-TOMAZI, 2003a).

Com relação, especificamente, ao português, é consensual entre pesquisadores a noção de que a língua se caracterizou pelo abandono de grande parte das conjunções latinas, criando a necessidade de recorrer à gramaticalização. Nesse sentido, outro procedimento muito produtivo no português, também para compensar a perda de conjunções latinas, foi juntar a partícula *que* a palavras de classes desiguais, dando origem a perífrases conjuncionais, como *ainda que*, *logo que*, *já que*, *de maneira que*, *de tal modo que*, *ao passo que*, *dado que* e *só que* (LONGHIN-TOMAZI, 2003a).

O fato, então, de as línguas românicas, como o francês, o italiano, o espanhol e o português, disporem de conjunções originárias de construções que não exerciam a função dessa classe gramatical em latim é mais um argumento a favor da reorganização das conjunções (LONGHIN-TOMAZI, 2003a).

Assim, como muitas de nossas conjunções pertencem a classes gramaticais de perfil diverso no latim, fica-nos atestado seu caráter mutável e variável, o que reafirma a possibilidade de *só que não* ganhar estatuto de locução conjuncional, como defendemos. A esse respeito, corrobora Ilari (1996), para quem tal classe é “reconhecidamente heterogênea e difícil de reduzir a uma definição unitária” (ILARI, 1996, s/p).

Com base nas considerações até aqui delineadas, são dois os aspectos fundamentais do desenvolvimento das conjunções (MEILLET, 1965 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a):

- que a classe das conjunções é constantemente dominada pela necessidade de transformação;
- que, por meio de pressões provocadas pelos contextos, palavras de classes diferentes podem funcionar como conjunção.

Parafrazeando um dos mais célebres ensinamentos de Saussure (1988), as línguas, por sua heterogeneidade, são sempre suscetíveis a seus falantes, porque “o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (SAUSSURE, 1988, p. 70). Em outras palavras, não há massa linguística que resista à ação da combinação *falantes, repetição e tempo*.

Julgamos, pois, pertinente criar uma seção dedicada às conjunções, uma vez que, tendo em vista sua possibilidade de renovação, acionada por fatores diversos, e as funções que essa classe desempenha, a construção *só que não* pode se beneficiar sobremaneira desse assunto.

Passa-se, a seguir, a uma exposição que diz respeito à natureza inovadora e renovadora do ambiente cibernético sobre os elementos de que a língua dispõe. Nesse tocante, associamos nosso objeto de estudo ao internetês como sendo fruto deste, justamente pelo grau de informalidade que encerra em suas ocorrências.

1.4 Ambiente cibernético

A internet, desde sua popularização, na década de 1990, tem sido responsável por uma série de reinvenções. Inaugurando os tempos modernos, marcados, sobretudo, pelo dinamismo das relações, ela apresentou-nos a viabilidade de outra maneira de relacionarmos uns com os outros, muito mais econômica, produtiva, célere e instantânea. São várias as esferas da vida comum em que se sente o poder de sua ação, promovendo adaptações e mudanças que implicam algum tipo de ganho aos seus usuários.

O campo da linguagem, por exemplo, é uma das esferas que não passam incólumes, já que sua vastidão, pluralidade e fertilidade propiciam renovação significativa. Além disso, é pela língua, na língua e com a língua que nos constituímos em falantes, dotados, portanto, de uma identidade. A esse respeito, consideremos Bakhtin (1997):

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados (BAKHTIN, 1997, p. 41).

Em outros termos, *a palavra* consiste no modo pelo qual cultura e identidade se aliam e se espalham, sendo, assim, o que medeia a relação entre homem, cultura e identidade.

Nesse sentido, nada mais aceitável que os falantes exerçam sobre a língua certo controle, manuseando-a do modo como julgarem mais adequado para determinado fim.

No registro escrito, essa condescendência também parece se dar, mas não tão deliberadamente. O internetês, que consiste numa escrita mais apropriada para o contexto cibernético em termos de celeridade, haja vista que a economia linguística é o que, hoje, rege a comunicação, é uma espécie de consenso que se estabelece por meio da abreviação de palavras, em que prepondera a lógica da fonética em detrimento das noções da etimologia.

Podemos defini-lo assim:

Não há linguagem nova, só técnicas de abreviação [...]. As soluções gráficas são até interessantes, pois a grafia cortada é a vogal. A palavra ‘cabeça’, por exemplo, vira ‘kbça’, e não ‘aea’. A primeira forma contém os fonemas indispensáveis ao entendimento (POSSENTI, 2006 apud MARCONATO, 2006, s/p).

Consistindo, então, numa linguagem que apresenta hibridismos da oralidade e da escrita orientados por um senso lógico significativo, elencam-se, no Quadro 3, algumas de suas representações mais recorrentes.

Quadro 3 – Palavras/expressões mais comuns da linguagem prototípica da internet

Linguagem internética	Equivalência na norma-padrão
<i>vc</i>	você
<i>blz</i>	beleza
<i>add</i>	adicionar
<i>abs</i>	abraços
<i>smp</i>	sempre
<i>cmg</i>	comigo
<i>tbm</i>	também
<i>eh</i>	é
<i>axo</i>	acho
<i>bjs</i>	beijos
<i>kbça</i>	cabeça
<i>tc</i>	teclar
<i>xau</i>	tchau
<i>flw</i>	falou

<i>naum/nou/ñ</i>	não
<i>9da10</i>	novidades
<i>aki</i>	aqui
<i>fds</i>	fim de semana
<i>t+</i>	até mais
<i>kd vc?</i>	cadê você?
<i>aski</i>	acho que

Fonte: adaptada de Fruet (1995, p. 108 e 109).

A seguir, mostram-se ocorrências do internetês em operação, extraídas de Patrício (2005), em que fica claro o princípio de economia linguística, já referido.

[**vc axa q** pode ir?]
 [a festa vai ser **aki**...]
 [**vc ker** participar ou **n?**]

[a festa **eh** irada, **naum** podem faltar...]
 [**vc naum** pode faltar] (PATRÍCIO, 2005, p. 36 e 37, grifos nossos).

A força que encerra é tamanha, dada a adesão dos falantes, que o internetês não tem mais estado restrito a blogues, salas de bate-papo, fóruns e redes sociais. Além disso, esse rearranjo linguístico, motivado pela rapidez que a contemporaneidade tanto preza, a cada dia mais – inclusive no âmbito comunicativo – tem conquistado, em virtude de sua simplicidade de articulação, até os usuários mais conservadores, que acabam por escantear a língua-padrão, cujo uso pode soar um tanto pedante em alguns contextos do ambiente cibernético, e recorrer aos mecanismos de simulação escrita da língua falada.

Esse caso tem sido motivo de preocupações exacerbadas e discursos que chegam a beirar a tecnofobia quando de sua interferência na comunicação escrita, que prima pelo bem escrever e, logo, pela norma-padrão da língua, representando aquilo que uma língua deve desconsiderar. Em outros termos, ao quebrar paradigmas, o internetês é objeto de diversas discussões a respeito de seu grau de influência na escrita daqueles ainda em idade escolar.

Todavia, é de suma relevância que adaptemos as ferramentas e os métodos escolares à fugacidade com que o mundo se atualiza, o que não quer dizer que devemos ser negligentes e liberais a ponto de os contextos adequados de uso de uma forma e os da norma-padrão se confundirem. É preciso, na verdade, que sejamos políglotas na língua materna, no

sentido de sermos capazes de transitar entre um contexto e outro e, por conseguinte, entre uma modalidade e outra da língua, adaptando nosso discurso às mais diferentes especificidades. Trata-se não de empobrecimento, mas de heterogeneidade e versatilidade linguísticas.

A escola precisa, constantemente, reconsiderar e revisar seus meios efetivos de ensino, perpassando as novas ferramentas do mundo cibernético, de modo a poder lançar mão de argumentos plausíveis quando tiver pela frente questões do tipo.

Devemos, como educadores, nos familiarizar com as linguagens múltiplas, com a proliferação de tecnologias, de frases e de expressões e as diferentes lógicas de articulação. Não podemos nos esquecer, no entanto, que o modo de ver e interagir com o mundo, de sentir e de atuar é sempre orientado pelos meios de comunicação [...]. Quando colocamos o desafio na mão do aluno, resgatamos o objeto de estudo e oferecemos recursos para interpretá-lo e analisá-lo criticamente, permitindo a compreensão do processo de reavaliação da linguagem da internet no ambiente escolar. Acreditamos que ‘não adianta resistir’, pois temos que pensar a educação associada ao pensar do uso da tecnologia. Isso deve ser uma atitude constante no pensar dos educadores e especialistas da educação, pois a existência da internet está muito generalizada tanto na escola pública como na particular. O importante papel do educador é o de preparar o educando para usar criticamente as diversas formas de linguagens e também utilizá-las de maneira adequada (HAMZE, 2008 apud ALVES, 2014, p. 7).

O internetês, portanto, é uma escrita à qual os internautas deram forma em face da real necessidade de “tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada, resulta[ndo] em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual” (FRUET et al., 1995, p. 103). Nessa linguagem, é possível observar que a escrita recebe da oralidade influência ininterrupta, caracterizando o modo como se dá a comunicação nesse tipo de ambiente.

Assim, trata-se de uma metamorfose natural da língua, dada sua heterogeneidade – constatada por Saussure (1988) e reafirmada desde então.

Com a internet, a linguagem segue o caminho dos fenômenos da mudança, como o que ocorreu com ‘você’, que se tornou o pronome átono ‘cê’. [...] O interneteiro mostra um caminho, pois faz um casamento curioso entre oralidade e escrituralidade (CASTILHO, 2006 apud MARCONATO, 2006, s/p).

O mundo cibernético é, pois, tão peculiar, com princípios, conceitos e delimitações indelevelmente alicerçados, que acaba respondendo não só pelo que cria mas também por aquilo que repercute ou, apropriando-nos de um termo mais atual, *viraliza*. Em outras palavras, a rede mundial de computadores, por consistir num terreno extremamente vasto e, por isso, fértil, dá tanta notoriedade a determinados fenômenos que, mesmo que muitos deles não a tenham como nascedouro, é como se dela tivessem surgido.

Discutimos já a natureza anfitriã da rede, que, sob preceitos próprios, não faz juízo de valor, principalmente em contextos de mais informalidade, como as redes sociais. Nesses mesmos meios, de registro não muito preocupado com a norma-padrão da língua, sabemos coexistir o internetês, com um dinamismo bastante específico.

Desse modo, o espaço cibernético requisita inovações que ultrapassam os limites da tecnologia e esbarram em questões sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas, influenciando muito a forma como usuários da língua passam a vê-la e vivenciá-la. Um exemplo bastante claro são as redes sociais, ambientes virtuais nos quais observamos que o gramatical se mistura ao agramatical e ambos, com frequência, se misturam ao situacional (GERVASIO, 2016, p. 34).

Em face disso, pode-se dizer que, embora muito mais presente no registro escrito informal, a construção *só que não* tem extrapolado as fronteiras, ganhando expressividade em decorrência de sua constituição.

Se, por um lado, o grau de informalidade que encerra, demonstrado, em algumas de suas configurações, por fazer uso do símbolo # ou apenas das iniciais da expressão – características do internetês –, é prova de que seu lugar por excelência são os contextos menos formais da internet; por outro, na medida em que se considere, por exemplo, a configuração por extenso da construção, sem marcas indicadoras do internetês, pode-se demarcar sua versatilidade para experimentar trânsito livre também em outros tipos de ambiente. No capítulo seguinte, começamos a esmiuçar o perfil da construção em estudo.

2 SÓ QUE E SÓ QUE NÃO

Nosso propósito é o de, aprofundando-nos na discussão promovida até então, introduzir o objeto de estudo deste texto, contextualizando-o e caracterizando-o.

2.1 Sobre a perífrase *só que*

Segundo Longhin-Tomazi (2003a), que pormenorizou, em tese de doutoramento, a locução *só que* e defendeu sua gramaticalização como perífrase conjuncional, os gramáticos têm muita resistência a reconhecer a existência de novas partículas conjuncionais, constituídas ou não do acréscimo de *que*. Nas palavras dela:

Os gramáticos sempre tiveram dificuldades em aceitar como conjunções novas partículas criadas ou não pelo acréscimo de *que* e, por muito tempo, pouco ou nada disseram a esse respeito. Foi preciso que a Linguística Textual (por exemplo, Koch (1987)) reconhecesse nessas palavras/perífrases um papel próprio na construção dos sentidos, para que elas começassem, então, a ser estudadas, eventualmente como conjunções em via de gramaticalização (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 175).

Ainda de acordo com a autora, mesmo que a locução conjuncional *só que* não goze o status de termos como *mas*, considerado, pela norma-padrão da língua, conjunção por excelência, é inegável seu papel adversativo. Para ela, o fato de tal locução constar de documentos das mais diferentes naturezas só corrobora a tendência a que se cristalice, dada sua aceitação social, o que é sobremaneira benéfico para a saúde linguística, já que diversifica os meios pelos quais um dizer possa se dar.

Nos exemplos a seguir, evidencia-se o papel desempenhado por *só que*.

(5) A número 1!!! A música é a mesma, o mesmo o ritmo febril das imagens **que** se sucedem, o mesmo o gesto de jazer o número 1 erguendo o dedo indicador. Tudo como no anúncio da cerveja. **Só que**, em vez da cerveja, o que se tenta vender é a candidata. Sai a Brahma, entra Roseana Sarney (VEJA, ano 35, nº. 05, p. 114 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 1).

(6) O fato de uma obra sobreviver não quer dizer **que** ela seja lida. Eu tentei ler 'Ulisses', não consegui e achei que era burro. **Só que** eu não sou burro. 'Ulisses' é **que** é inteligível (VEJA, ano 34, nº. 33, p. 14 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 118).

(7) Deve ter algum problema na integração da varanda, com os apartamentos. Elas acabam funcionando como janelas, como simples janelas, **só que** maiores, né (NURC92 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 119).

(8) Quinze por cento. Sendo **que** pros pras pessoas que moram, de repente, esse imposto chega a vinte, sei lá. **Só que** tem o seguinte,

você tem, você vê esse dinheiro do teu imposto sendo aplicado, é, em restauração de rua, você não tem as ruas esburacadas que tem no Rio, você tem, se você passa mal, você tem o serviço hospitalar (NURC92 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 119).

Comportando-se semelhantemente à partícula *mas*, *só que* apresenta características que o igualam a uma conjunção adversativa qualquer, em virtude da *invariância* identificada. Em outras palavras, Longhin-Tomazi (2003b) identificou diversos traços que *só que* e as demais conjunções adversativas compartilham, havendo, pois, nesse sentido, uma relação de igualdade, de *invariância* entre eles. Constatou-se que, assim como as demais conjunções de natureza adversativa, *só que*:

- articula segmentos autônomos – apropriando-se de uma das funções da conjunção (a de ligar sentenças), *só que* e as conjunções adversativas abonadas pela gramática partilham o fato de conectar sintagmas;
- introduz o dado mais relevante – na verdade, o que prevalece é sempre a oração introduzida pela partícula adversativa, sendo a oração inicial apenas um pretexto;
- sustenta uma relação coesiva entre os componentes que liga – como um conector, *só que* ajuda a atribuir sentido a um enunciado ao estabelecer ligação entre os termos veiculados pelas sentenças;
- configura contraste entre A e B – tendo em vista a natureza adversativa da perífrase, ela opõe um evento a outro e, mais do que isso, determina aquele que deve sobressair.

Todavia, essa relação de contraste que a locução estabelece apresenta também especificidades, fator que a distancia do conjunto de conjunções adversativas. Em outros termos, a perífrase, a depender das condições de uso, pode assumir cinco diferentes sentidos, cada qual de natureza bem-definida. A essa particularidade da locução Longhin-Tomazi (2003a) chama de *variabilidade*.

É válido frisar que, na maioria das vezes, as fronteiras entre uma acepção e outra são bastante tênues, não impedindo que um mesmo caso veicule dois ou mais sentidos.

Só que é um item conjuncional que une um enunciado autônomo a uma circunstância nova, não considerada até o momento, estabelecendo entre eles um sentido básico, fortemente pragmático, que é produto do cancelamento de uma pressuposição comum aos participantes na interação comunicativa. Esse sentido básico, que está subjacente a todas as ocorrências de *só que*, é especificado conforme condições contextuais, resultando nas várias acepções de *só que* (LONGHIN-TOMAZI, 2003b, p. 143, grifos nossos).

A seguir, expõem-se as cinco diferentes acepções veiculadas por *só que* (LONGHIN-TOMAZI, 2003a):

I) Marcador de diferença

(9) A: Eu nunca fiz arroz-doce... B: Faz igual a um arroz comum, **só que** sem alho e sem sal (RONCARATI, 1996, p. 50 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003b, p. 144, grifo da autora).

Nesse exemplo, primeiramente igualam-se os produtos e, depois, evidenciam-se as diferenças entre o salgado e o doce, adicionando, substituindo ou excluindo informações. Nesse âmbito, poderia ser feita a seguinte paráfrase: “X é como Y em quase tudo, a diferença é que X (...)” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 124).

II) Marcador de refutação

(10) A Procuradoria da República no Amazonas abriu um Inquérito Civil Público para apurar o ‘processo de privatização da Petrobras’. **Só que** o governo não vendeu nem pretende vender a estatal. Quer apenas transferir na bolsa uma parte de suas ações para o público (GOIS, 1999, p. 32 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003b, p. 147, grifo da autora).

Nesse caso, nega-se, desdiz-se ou contesta-se uma informação dada anteriormente e fornece-se, como retificação, a julgada correta. A paráfrase aplicável é “X. Não conclua X, pois Y” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 130).

III) Marcador de acontecimento inesperado/indesejado

(11) A gente tinha combinado de passar o carnaval na praia né... então ia eu... duas amigas minhas e o namorado de uma delas... aí a gente tinha combinado pra saí as oito... da noite né... **só qui** começou a maior chuva... aí meu pai começou a implicar... não vocês não vão agora não... é perigoso né. [...] e saímos né... pra viajar assim com a maior chuva né, com aquela maior tempestade... aí quando a gente tinha andado assim umas quatro horas mais ou menos... a chuva já tinha parado... **só qui** tinha um galho... no meio da estrada (NEP/94 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003b, p. 147, grifos da autora).

Aqui, o inesperado, o indesejado, o imprevisto ou o incompatível contrastam com a normalidade. A paráfrase, então, válida é “X. Para minha surpresa, Y” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 128).

IV) Marcador de contra-argumentação

(12) Doc: O que você diz do colégio? Inf: Num tenho nada contra não, **só que** falta professor né, e às vezes as professora num sabe entender a gente, porque no último ano nós tamos quase tudo reprovado na oitava série (PAIVA, 1999, p. 183 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003b, p. 149, grifo da autora).

Nesse período, é explícita a necessidade de obtenção de certas respostas linguísticas ou não. A lógica é “X quer Y. Não conclua que é possível, pois Z” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 133).

V) Marcador da não satisfação de condições

(13) E: Vem cá! (hes) Você tem vontade, assim de ter filhos algum dia? F: Tenho. Isso eu tenho vontade. E: Tem? F: **Só que** a mulher, aí não pode. Ela tem problema, sabe? (PAIVA, 1999, p. 58 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003b, p. 150, grifo da autora).

Nessa ocorrência, percebe-se uma desarmonia entre certo desejo e a impossibilidade de satisfação de alguma(s) da(s) condição(ões) requerida(s).

Longhin-Tomazi (2003a), ao investigar a constituição de *só que*, verifica que, ao mesmo tempo que a perífrase se aproxima das demais conjunções adversativas pelo traço da *invariância*, no sentido de que há, em todos os casos, um cancelamento de pressuposição, ela delas se distancia pelo traço da *variabilidade*, que isola a locução em estudo por ser a única a apresentar cinco diferentes acepções, de acordo com o contexto de aplicação.

Para interpretar os enunciados coordenados por *só que*, é necessário reconhecer que a perífrase acrescenta a um enunciado prévio e autônomo uma circunstância nova, não mencionada, que é suficiente para cancelar pressuposições comuns aos participantes da interação. Esse esquema básico de funcionamento, identificável em todas as ocorrências de *só que*, é o que chamei de invariabilidade. Acontece que, nos diferentes contextos de uso, cancelar implica, entre outras coisas, comparar, refutar, surpreender e argumentar, do que resultam os vários tipos de *só que*, que chamei de variabilidade (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 150, grifos nossos).

Tal classificação, porém, não consegue dar conta de todas as possíveis ocorrências de *só que*, como deixa claro Longhin-Tomazi (2003a), já que pode haver outras acepções veiculadas pela expressão. Ademais, as fronteiras entre uma acepção e outra são muito sutis, o que implica dizer que, muitas vezes, elas se misturam, deixando de ser demarcadas. Faz-se preciso, assim, dar continuidade a investigações do tipo, observando mais

mudanças comportamentais experimentadas ou não pela locução, o que também é salientado pela autora:

Identifiquei em meus dados, com algum grau de clareza, cinco acepções de sentido de *só que*. Não se trata de categorias discretas. Pelo contrário, o limite entre um e outro tipo é fluido e há casos que poderiam se enquadrar em mais de um tipo. Além disso, a classificação em cinco tipos ainda não permite dar conta de todos os empregos de *só que* encontrados (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 122, grifos nossos).

Longhin-Tomazi (2003a) assevera que a partícula *mas*, conjunção por excelência, “pode substituir *só que* em praticamente todos os contextos, mas que a recíproca não é válida” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 199, grifo nosso), justamente porque este, além de quebrar a expectativa do falante, focaliza um evento – propriedade que provavelmente tenha sido herdada do operador *só* – e aquela apenas quebra a expectativa: “Assim, se essa explicação é válida para quebrar a expectativa, o falante pode usar *mas* ou *só que*; mas, para simultaneamente quebrar a expectativa e focalizar, ele deve preferir *só que*” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 204, grifos nossos).

Nesse sentido, é aceitável dizer que a perífrase *só que* é um operador de foco, haja vista que a informação introduzida por ela é o bastante para desfazer uma pressuposição anterior (LONGHIN-TOMAZI, 2003a). Longhin-Tomazi (2003a) afirma:

Em outras palavras, as sentenças com *só que* são construções de foco na medida em que *só que* promove a introdução de informação (preferencialmente) nova no discurso e efetua mudanças na informação pragmática do ouvinte, por meio do cancelamento de pressuposições ou expectativas (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 141, grifos nossos).

Também com relação às partículas *só* e *que* individualmente, que compõem a perífrase conjuncional *só que*, Longhin-Tomazi (2003a) faz considerações:

Como *só* é, fundamentalmente, um operador de foco, que permite a inferência de contraste por quebra de expectativa, e, como a perífrase conjuncional *só que*, apesar das diferentes acepções de sentido, preserva sempre seu sentido pragmático de quebra de expectativa, além de veicular preferencialmente informação nova, sendo, por isso, uma partícula tipicamente focalizadora, fica clara a relação existente entre o conector *só que* e o operador *só*: o uso de *só* como focalizador e marcador de quebra de expectativa é preservado e transferido para *só que*, que termina por estendê-lo em inúmeras variantes contextuais.

Já no que diz respeito ao *que*, provavelmente não passa de uma conjunção integrante que, com a cristalização gradual da perífrase, perde a transparência e passa a funcionar simplesmente como segundo membro da construção gramaticalizada (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 193, grifos nossos).

Conclui-se, destarte, que é plenamente possível a afirmação do caráter conjuncional da locução, uma vez que, das várias funções que a classe das conjunções pode assumir segundo Ilari (1996 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a), *só que* (i) *desempenha papel*

conectivo, ao “conectar orações, termos e até porções discursivas mais extensas”, (ii) *coordena termos ou sentenças*, ao mobilizar orações “de mesmo nível sintático, a coordenação”, e (iii) *determina relação de sentido de quebra de expectativa*, ao “estabelecer entre os segmentos que articula [...] relação de contraste por quebra de expectativa” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 198 e 199).

De acordo com a autora,

os critérios arrolados acima, que ajudam a caracterizar as conjunções, foram expostos aqui de uma maneira um tanto simplificada, sem a qualificação da qual deveriam ser acompanhados. De todo modo, serviram para evidenciar que *só que* se comporta como uma conjunção típica, ficando justificada, dessa forma, sua caracterização conjuncional (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 199, grifo nosso).

Longhin-Tomazi (2003a) defende, assim, que é notável a ação da gramaticalização sobre a perífrase *só que*, acarretando, inevitavelmente, alteração na categoria da palavra.

O último parâmetro [...] contribui para a afirmação de que *só que* está se gramaticalizando, visto que este conector tem posição fixa no início da sentença, diferentemente do item fonte *só*, que tem grande mobilidade. Além disso, existe uma ligação muito estreita entre *só* e *que*, tanto que, se a ordem desses dois elementos for invertida ou se entre eles for introduzido algum tipo de material, *só que* deixa de funcionar como conjunção. Em outras palavras, *só que* é uma expressão indivisível, de caráter formulaico (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 177, grifos nossos).

O presente trabalho leva em conta, portanto, que *só que* é alvo de gramaticalização como perífrase conjuncional com valor adversativo no âmbito da coordenação, uma vez que estabelece contraste entre os segmentos independentes que articula e é, em alguma medida, intercambiável com a partícula *mas*, também característica da coordenação (LONGHIN-TOMAZI, 2003a).

É com base no arcabouço teórico do fenômeno da gramaticalização que se torna concebível a defesa de *só que* como constituinte do estatuto de perífrase conjuncional, o que nos autoriza, enfim, a tratar do objeto de estudo desta pesquisa: a construção *só que não*.

2.2 Sobre a locução *só que não*

A esta altura, conhecemos já pelo menos três importantes conceitos, a saber, o de funcionalismo, o de gramaticalização e o de conjunção, cujas propriedades contribuirão sobremaneira para retomarmos mais minuciosamente o caráter de *só que não*. É imperioso, contudo, que, com vistas a expandir a discussão, precisemos lançar luz sobre algumas outras noções, que, somadas às já discutidas, abarcarão a completude da expressão.

Existem já pesquisas linguísticas que se puseram a investigar aspectos não só da construção *só que não* mas também de *só que sim* e de *só que nunca*, como a de Gervasio

(2016). Segundo o autor, cuja dissertação de mestrado se baseia no panorama da Linguística Cognitiva, o objetivo é explicar, por meio da mesclagem conceitual, o processo de construção de sentido com cópua constituído de postagens extraídas da rede social *Facebook*, uma vez que,

ao estudarmos dados advindos de interações que se dão em um ambiente virtual, somos incitados a compreender que a mudança linguística implementada pelo internetês *#SQX* [*só que não, só que sim e só que nunca*] [...] é, de um modo geral, decorrente da necessidade de emergência de novos pareamentos de forma-sentido – construções –, com vistas a novas formas de dizer, de se expressar (GERVASIO, 2016, p. 90, grifos nossos).

São exemplos de Gervasio (2016):

(14) Eu sou um Coxinha e eu voto no PMDB e no PSDB porque eu não prestei muita atenção nas aulas de História e Geografia e nem imagino o que aconteceu no Brasil entre 1960 e 2000... *#SQN* (08/2014 apud GERVASIO, 2016, p. 59, grifo do autor).

(15) Noooossa! Que sonho! É sonhar demais?! Kkkkkkkkkkkkkkkk... **SoQueSim** Cada um tem sua mania, seus gostos, suas vontades e seus prazeres. A vida já é tão difícil... maquiagem e coisas de beleza fazem com que eu me sinta bem, me sinto bonita... e amo maquiar. Posso fazer disso profissão. Então, vou continuar postando essas maravilhas lindas... pq nós merecemos sonhar e ficarmos lindas e vaidosas (12/2014 apud GERVASIO, 2016, p. 71, grifo do autor).

(16) Parabens vc esta no Facebook e seus pais estão orgulhosos de você voce tem. Muito valor sabia **soquenunca** (10/2014 apud GERVASIO, 2016, p. 77, grifo do autor).

Entre suas várias constatações, o autor chega à conclusão, de maneira geral, de que

só que não desempenha, nas porções textuais em que figura, o papel de gatilho para a oposição das ideias apresentadas; ao passo que *só que sim* indica reiteração do pensamento expresso nos textos e *só que nunca* pode indicar, além de oposição, uma forte recategorização dos fatos propostos (GERVASIO, 2016, p. 5, grifos nossos).

Outro trabalho, desta feita um artigo, que se põe a discutir construções como *só que não* é o de Zoppi-Fontana e Oliveira (2016), por meio da relação entre discurso, enunciação e argumentação. Afirmam as autoras:

Neste tempo em que a linguagem na internet abre um espaço particular para a enunciação de opiniões e posições de forma concisa, por meio de twitter, hashtags, ‘likes’, comentários, surgem novas interjeições, algumas mais duradouras, como *Só que não!*, outras mais efêmeras, como *Tá certo!* (ZOPPI-FONTANA; OLIVEIRA, 2016, p. 131 e 132, grifos das autoras).

Embora as autoras afirmem se tratar de uma interjeição, assim como *fala sério* e *tá certo*, noção da qual discordamos – o que exporemos mais adiante –, é consensual a percepção de que *só que não* veicula um modo de dizer irônico e inverte a direção argumentativa. Além disso, a construção “encontra sua origem nas enunciações digitais e sua materialidade está ligada intrinsecamente ao modo de produção e circulação da escrita no ambiente digital” (ZOPPI-FONTANA; OLIVEIRA, 2016, p. 152).

Também Martins (2014), em artigo que discute cultura, cognição e uso no âmbito de expressões fraseológicas e paremiológicas, faz breve consideração a respeito da expressão *só que não*, “amplamente utilizada nas redes sociais recentemente para contrariar uma afirmação” (MARTINS, 2014, p. 122). Em seguida, explicando o funcionamento prototípico da construção, diz o seguinte:

Assim, cabe ao indivíduo ter a competência metafórica e, acima de tudo, extralinguística para identificar os elementos subentendidos, característicos dessa parte do léxico, para decodificar a mensagem, tarefa esta nem sempre fácil de realizar (MARTINS, 2014, p. 122).

Isso é, portanto, mais uma prova de que a construção está, como já se disse inúmeras vezes, sendo notada como um elemento cujo caráter provoca curiosidade com relação às suas efetivas possibilidades de ascensão na língua.

Se, na Academia, apenas recentemente começou-se a se interessar pela construção, fora também muito se especula sobre ela, mas menos ainda se sabe a seu respeito.

Alguns dizem se tratar de algo desprovido de significado, com a função única de reforçar uma ironia, como este texto, extraído da página virtual do jornal *O Globo*, de 1º de dezembro de 2012:

Só que não/só que sim. Oriundas das redes sociais, as expressões não significam nada, mas reforçam a ironia das conversas (FILGUEIRAS, 2012, s/p, grifo nosso).

Outros tacham tal produção linguística de um mero modismo, prestes a perder sua graça, de acordo com um fragmento textual do portal de notícias *UOL*, de 30 de março de 2013:

Aqui, um alerta amarelo: essa expressão ainda tem alguns meses de vida, mas já pode ir se despedindo. O *só que não* (ou *not, só que ao contrário*) reforça uma ideia contrária a tudo o que foi dito anteriormente. Na prática, o uso seria o seguinte: ‘Pode continuar usando essa expressão sem medo, para todo o sempre. *Só que não*’ (UOL, 2013, s/p, grifos nossos).

Apesar de serem poucos os que veem o fenômeno com um olhar mais detido, avistando todo o *iceberg*, e não apenas a extremidade aparente, a construção *só que não* tem se mostrado cada vez mais frequente, porque encontrou acolhida popular. Gervasio (2016) afirma:

Língua se faz mediante mudanças que são manifestações de criatividade na linguagem. [...] As necessidades expressivas se renovam, porque o homem não pensa e diz aquilo que se pensou e disse antes. Como a língua não é um *érgon*, um produto pronto e acabado, ela se faz continuamente, porém se fundamenta em modelos anteriores. Ela é dinâmica, porque a atividade linguística é falar e entender algo novo por meio de uma língua.

A mudança começa a se desenvolver como deslocamento de uma norma. Ela se modifica sobretudo onde o sistema não corresponde às necessidades expressivas e comunicativas dos falantes (GERVASIO, 2016, p. 39, grifo do autor).

Assim, compreende-se que, em face da mutabilidade da língua, já que, desde sempre, está sujeita às escolhas e realizações de seus falantes em determinados contextos de uso, “tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser”, de acordo com Bagno (2009), pois

resulta da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes com novos sentidos (principalmente, os sentidos figurados, metafóricos), de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer (BAGNO, 2009, p. 44).

A expressão *só que não* tem a internet como lugar por excelência, sobretudo os ambientes mais descontraídos, o que evidencia, então, o papel inovador e renovador da rede mundial de computadores sobre os usos linguísticos. Uma busca minuciosa por *só que não* no Google mostra-nos a quantidade de links que, de uma forma ou de outra, dispõem-se a explicar seu uso irônico e “descolado”. São inúmeros os textos que atribuem a esse ou aquele, a isso ou aquilo a responsabilidade pela emergência e efervescência dessa expressão, que, apesar de contar com a justaposição de apenas três palavras, carrega sentido capaz de negar veementemente uma afirmação anterior.

Muitos internautas tendem a explicar o surgimento de *só que não* remetendo a canais brasileiros do *YouTube* que tratam de estratégias para jogos on-line:

Quem criou foi um youtuber (cara que faz vídeo para o YouTube): *Venom Extreme*. Ele começou a falar isso nos vídeos comentados de jogos que ele fazia. Se quiser olhar o canal dele, é este aqui: <<http://www.youtube.com/venomextreme>> (CONTOS E INDAGAÇÕES, 2012, s/p, grifo nosso).

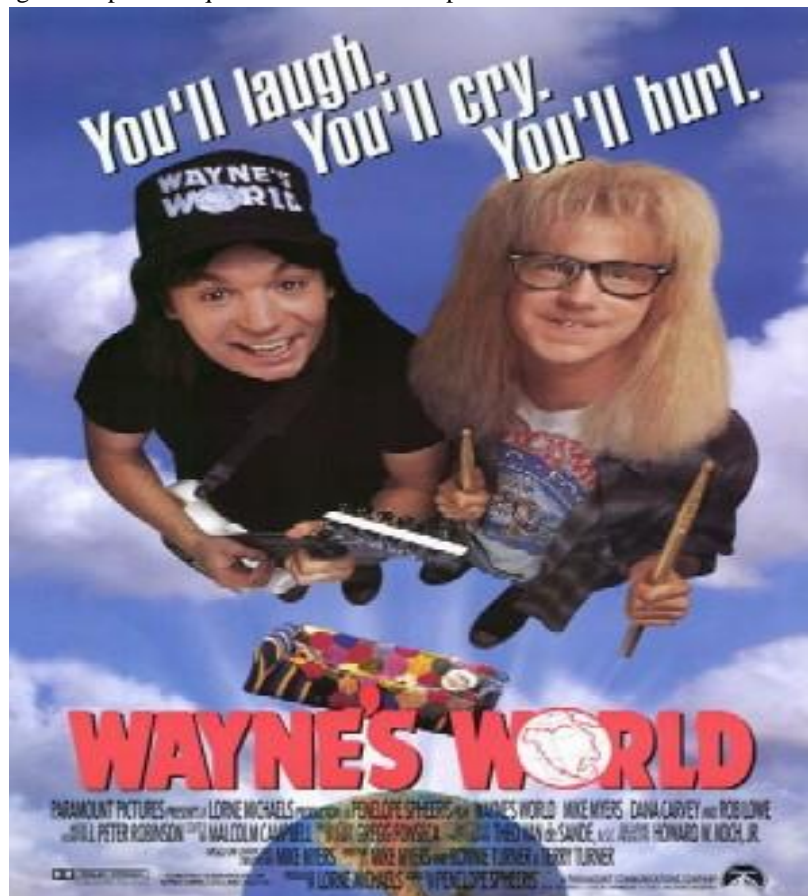
O *só que não!* veio do Azaghal, do site *Jovem Nerd*. Há anos, ele usa essa expressão. Aliás, existem muitas expressões criadas no *Nerd Cast* (podcast do site) que a galera usa e não sabe de onde vieram. Um exemplo disso é a brincadeira da inexistência do Acre, usado no *Nerd Cast*, na célebre frase ‘Acre, você acredita?’. A frase foi tão viral que se tornou camiseta (CONTOS E INDAGAÇÕES, 2012, s/p, grifos nossos).

Há também aqueles que afirmam ser uma importação:

Sinceramente, não vejo absolutamente nada sendo de fato criado no Brasil; tudo se copia de fora. Acredito fortemente que essa frase tenha tido início nos EUA, e, logo, os ‘modinhas’, com seus vocabulários ‘riquíssimos’, adotaram a frase para falar [em] 11 entre 10 conversas (CONTOS E INDAGAÇÕES, 2012, s/p).

Tal importação, referida no parágrafo anterior, seria uma tradução de *not joke*, piada norte-americana que, dotada dos mesmos mecanismos da “versão” obtida e datada do início dos anos de 1990, teria se popularizado com um filme do gênero comédia chamado “Quanto mais idiota, melhor” (“*Wayne’s World*” no original), lançado em 1992 nos Estados Unidos.

Figura 2 – Capa original da película que teria introduzido a piada do *not*



Fonte: Wikipedia (2016).

Assim, pode-se dizer que

as piadas do *not* se popularizaram muito antes do filme ‘Borat’, especificamente com o filme ‘Quanto mais idiota, melhor’, de 1992. Repleto de referências à cultura *pop*, o filme lançou slogans [...] e o uso de *Não!* depois de frases aparentemente afirmativas, a fim de indicar o contrário (como fez a banda de metal Anthrax, entre o fim de 1980 e o início de 1990). Essa forma de piada ficou conhecida como *not joke* (URBAN DICTIONARY, 2010, s/p, tradução nossa).¹⁵

Um exemplo de tal uso poderia ser a sentença “*Not jokes are funny... NOT!*”, em que se faz uma afirmação que, logo em seguida, é negada ironicamente. O caráter irônico dessa negação reside, no registro escrito, em usar o advérbio de negação *not*, geralmente grafado em maiúsculo para marcar a entonação da declaração, acompanhado de ponto de exclamação para reforçar a tonicidade. A produção do sentido desejado depende, então, de uma associação de fatores no caso das *not jokes*.

Vale dizer, por fim, que, se houve mesmo um decalque do inglês no que tange à expressão *só que não*, ele, para funcionar competentemente no sistema da língua portuguesa, sofreu adaptações. Isso, porque, no inglês, a piada do *not* envolve aspectos como pausa e entonação ascendente, de maneira a deixar bem claro se tratar, naquele contexto, de uma ironia. Em uma sentença como “*This suit is black... NOT!*”, as reticências têm a função de, na fala, marcar uma pausa relativamente longa, no sentido de asseverar a afirmação feita, ao passo que as maiúsculas e o ponto de exclamação servem para apontar a necessidade de uma entonação crescente, a fim de, logo em seguida, desdizer o já dito, constituindo, então, ironia.¹⁶

O fato é que as origens de *só que não* são ainda bastante nebulosas, já que, embora a possibilidade de constituir mesmo um decalque do inglês – que, veiculado no Brasil com a chegada, algum tempo depois, do filme em questão, sofreu tradução e ganhou notoriedade em canais de jogos on-line, a maioria deles vinda também do exterior – seja significativa, o que se tem são afirmações beirando não mais que a cogitação, a hipótese e o achismo. Todavia, independentemente de podermos precisar o contexto de emergência da construção, uma vez que o arsenal de informações à disposição não nos favorece, é pela e com a internet que ela ganhou visibilidade e, por conseguinte, expressividade.

¹⁵ Texto original: “*Not jokes* were made popular long before the ‘Borat’ movie, namely in the movie ‘Wayne’s world’, from 1992. Filled with pop culture references, the sketches and film started catchphrases [...] and the use of ... *Not!* after apparently affirmative sentences in order to state the contrary (as used by the metal band Anthrax in the late 1980s and early 1990s). This form of joke became known as *not joke*”.

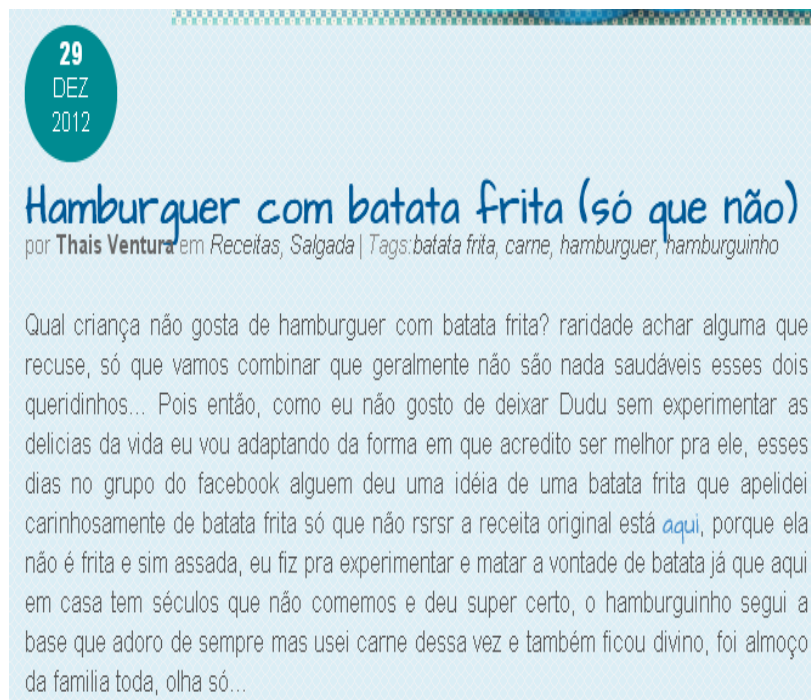
¹⁶ Apesar de em momento algum recorrermos à perspectiva da GDF – Gramática Discursivo-Funcional, aplicação que fica para outro momento, vale dizer que Hengeveld e Mackenzie (2008) corroboram a legitimidade de um fenômeno como as piadas do *not* quando eles demonstram a mobilização de certos recursos linguístico-discursivos, por exemplo a entonação.

A sua circulação em contexto nacional, por exemplo, teve início recentemente, entre o fim de 2011 e o início de 2012, momento em que a internet notou o protagonismo da construção.¹⁷ Como estava sobremaneira circunscrita ao contexto das redes sociais, ambientes muito mais dinâmicos e inovadores, justamente pela linguagem menos monitorada, a expressão, apenas quando começou a encontrar espaço em outras atmosferas, despertou interesse.

Procedendo a uma pesquisa no *Corpus do Português*, plataforma que “contém aproximadamente um bilhão de palavras em Português, retiradas de mais ou menos um milhão de páginas de web” (DAVIES, 2015, s/p), constata-se que se trata mesmo de um fenômeno recém-chegado, como já afirmáramos, de não muito tempo, uma vez que esse córpus “permite que se analise o Português mais recente (os textos foram recolhidos entre 2013 e 2014)” (DAVIES, 2015, s/p).

Na verdade, são, ao todo, 4.756 ocorrências de *só que não*, mas nem todas encerram ironia, o que demanda ao pesquisador selecionar os casos próprios do escopo de seu objeto de estudo. Nesse tocante, a Figura 3, a seguir, é um dos resultados que interessam a este trabalho.

Figura 3 – Ocorrência de *só que não* obtida por meio do *Corpus do Português*



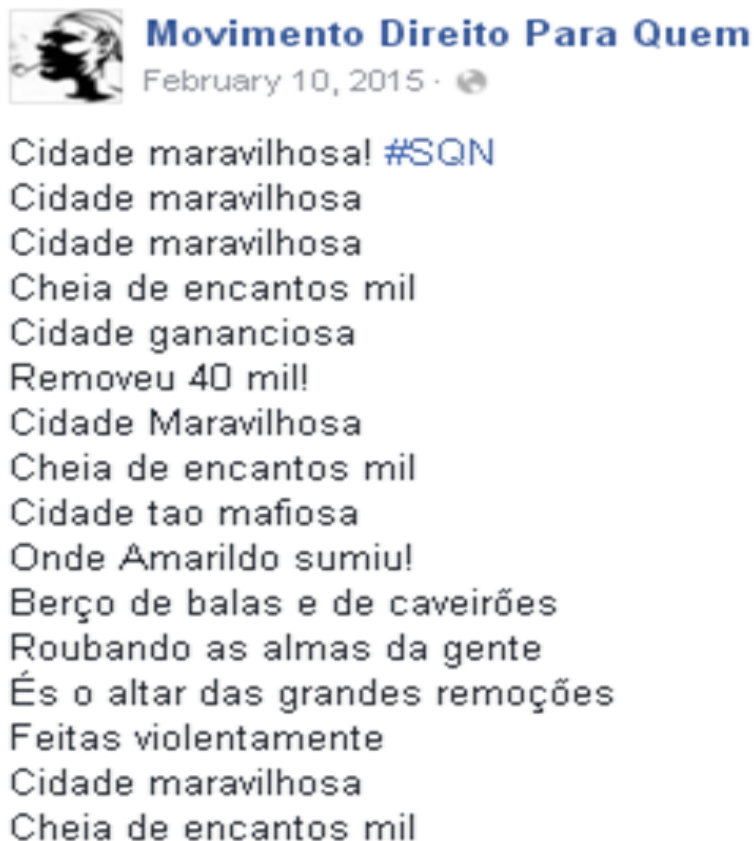
Fonte: As delícias do Duda e da Annie (2012).

¹⁷ A mesma busca no Google revela-nos que os internautas começaram a conjeturar a respeito da locução no ano de 2012, com uma série de páginas tratando do fenômeno, o que nos faz supor que ela estivesse já em uso desde um pouco antes.

Além disso, o decorrer dos anos parece não ter fadado a construção *só que não* ao declínio, já que ela tem conseguido lugar nos mais diferentes contextos e tipos de registro.

Em ambas as Figuras a seguir, 4 e 5, a construção é representada apenas pelo símbolo # seguido das letras iniciais *SQL*, o que pode sugerir que, em contextos linguísticos menos monitorados, a preferência seja por uma escrita enxuta e, por que não, criativa, já que, “na escrita proposta na virtualidade, devido à rapidez tão característica desse meio, os sentidos também passam a ser produzidos pelos interactantes de modo bem similar à oralidade” (GERVASIO, 2016, p. 35).

Figura 4 – Ocorrência de *só que não* em meio essencialmente informal: *Facebook*



Fonte: Facebook (2015).

Figura 5 – Ocorrência de *só que não* em meio essencialmente informal: *Twitter*

Aguardando a OAB agir #sqn: "Indústria da
ação trabalhista rende fortunas a advogados" |
otempo.com.br/cidades/ind%C3 ... via
@PortalOTEMPO



Fonte: Twitter (2015).

Além do universo cibernético, ela tem sido usada até mesmo em jornais e revistas que, por natureza, gozam um estatuto de registro não tão “livre”, preocupados com um tratamento mais sóbrio à língua, numa modalidade claramente adloquial.

Então, embora indique ironia, sarcasmo, a expressão encontrou lugar em textos que tratam de economia e de comportamento, por exemplo, o que demarca sua versatilidade, por causa da particularidade de sua expressividade. Percebe-se também, nas Figuras 6 e 7, que a grafia escolhida é a por extenso, talvez mais afeita à modalidade de língua requerida pelos ambientes retratados nos extratos.

Figura 6 – Ocorrência de *só que não* em meio de registro formal: jornal *Folha de S. Paulo*

mercado imposto d

Mamão parece o vilão da inflação, só que não; saiba por que em 11 gráficos

Paulo Whitaker - 6.jun.2014/Reuters



Fonte: Folha de S. Paulo (2016).

Figura 7 – Ocorrência de *só que não* em meio de registro formal: revista *Olhar São Paulo*

HOME A REVISTA ESPECIAL ACONTECE MUNDO NOVO OLHAR EM CARTAZ

Bela, recatada e do lar #soquenao

Publicado em 20 de maio de 2016 em Comportamento, Sem categoria // 1 comentário

Uma voz feminina contra estereótipos machistas da sociedade



Há poucas semanas a Revista Veja produziu uma reportagem que tinha Marcela Temer, esposa do vice-presidente Michel Temer, como personagem central. Para muita gente o viés da matéria, assim como a sua manchete “Bela, recatada e do lar”, envelopou Marcela como a mulher “perfeita”, delegada à sombra de seu parceiro.

Fonte: Olhar São Paulo (2016).

A seguir, a Figura 8, por sua vez, evidencia certa incongruência do portal de notícias *UOL*. Como o fragmento textual de 30 de março de 2013 mostrou, o saite elenca uma série de expressões que tinham já sido “desenganadas” e que, por isso, deveriam passar a ser cada vez menos usadas. No entanto, três anos depois, em 2016, o que se nota é justamente o contrário, com *só que não* figurando em posição de destaque no mesmo portal, como constituinte do título de uma reportagem.

Figura 8 – *Só que não* em manchete de reportagem

Hora das cidades

Vítima da cidade. Só que não...

A metrópole agora é o que você define
que ela vai ser, não o contrário

Fonte: UOL (2016).

Percebe-se, enfim, que a construção *só que não* tem mostrado um uso cada vez mais intenso, o que elucida a relevância desta investigação. Afasta-se, pois, a rotulação de

mero modismo internético, com prazo de validade quase prescrito, como ainda insistem alguns.

2.2.1 Propriedades

Revisitemos a seção **1.3 Conjunções** e reconsideremos os exemplos (3) e (4).

(3) Palmeiras vê provocação santista, **mas** é campeão paulista sub-15.
(<http://www.lance.com.br/palmeiras/palmeiras-provocacao-santista-mas-campeao-paulista-sub.html>)

(4) Recordista levanta meia tonelada, **porém** desmaia em seguida.
(<http://paranaportal.uol.com.br/esportes/recordista-levanta-meia-tonelada-mas-demais-em-seguida-veja-o-video/>)

Façamos, agora, uma alteração: substituamos as conjunções (em destaque) pela construção *só que não*.

(3a) Palmeiras vê provocação santista, **só que não**.

(4a) Recordista levanta meia tonelada, **só que não**.

As conjunções *mas* e *porém* não chegam a negar ou desdizer o conteúdo da oração coordenada anterior; o que, na verdade, elas fazem é orientar a argumentação textual no sentido de estabelecer o conteúdo da oração coordenada sindética como prevalente. Em outras palavras, embora a porção textual introduzida pelas conjunções seja o que prevalece, (3) *a provocação santista* e (4) *o levantamento de meia tonelada* não deixam de ser fatuais.

No que concerne à expressão *só que não*, a diferença maior diz respeito à necessária invalidação ou negação das porções textuais iniciais, o que implica o desfazimento de afirmações. Isso seria equivalente à introdução da partícula de negação *não* logo depois do sujeito (*Palmeiras* e *Recordista*) de cada um dos exemplos referidos.

(3b) Palmeiras **não** vê provocação santista.

(4b) Recordista **não** levanta meia tonelada.

Assim, considerando apenas o âmbito semântico, as construções (3a) e (4a) são equivalentes às sentenças (3b) e (4b), correspondentemente. De um ponto de vista pragmático, no entanto, não podemos fazer vistas grossas a um traço que parece ser muito particular da construção em estudo: a ironia que implica. Nesse tocante, apesar de, no nível do sentido, tais sentenças desempenharem o mesmo papel, no do uso efetivo apenas os exemplos (3a) e (4a), justamente pela presença de *só que não*, produzem ironia.

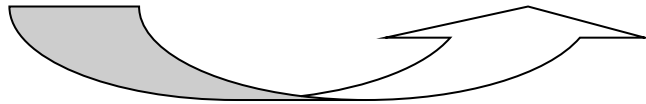
Vale ressaltar, antes de prosseguirmos, que tais substituições têm sido feitas somente à guisa de exemplificação, para que, isolando um elemento, consigamos compreender mais particularmente seus mecanismos de funcionamento. Portanto, de maneira alguma pretendemos dispensar qualquer que seja a característica que verifiquemos no emprego da construção *só que não*, por exemplo a ironia.

Um dado novo, ao qual não fizemos ainda menção direta, consiste no fato de *só que não* não admitir nenhum tipo de complemento¹⁸ explícito, diferentemente de *mas* e *porém*. Isso, porque a construção *só que não* encapsula a repetição do verbo da oração coordenada anterior, dando, por isso, a impressão de que seja autônoma, suficiente em si mesma.

Retomando os exemplos (3a) e (4a) separadamente, notamos os verbos *ver* e *levantar*, constantes da oração coordenada anteposta à expressão *só que não*, também presentes na porção introduzida por *só que não*, com a construção incidindo diretamente sobre tais verbos.

O que se verifica, na verdade, é o seguinte:

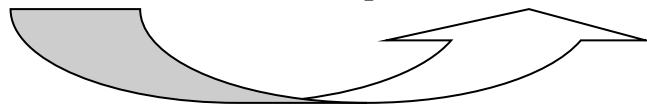
(3a) Palmeiras vê provocação santista, **só que não** [vê].



No exemplo acima, nota-se que o verbo *ver* ocorre duas vezes: na oração coordenada assindética, de maneira explícita, e como complemento de *só que não*, de maneira implícita. Pode-se, então, concluir que, ao mesmo tempo que a construção o requisita, ela faz questão de apagá-lo, encapsulá-lo, pela ação direta da ironia. Em outras palavras, se também a segunda ocorrência do verbo fosse explícita, teríamos um indicador da ausência de traço irônico, já que, quando não há ironia, não existe apagamento, em consonância com o princípio funcionalista de que a função determina a forma.

Em (4a), por sua vez, o funcionamento é o mesmo.

(4a) Recordista levanta meia tonelada, **só que não** [levanta].



¹⁸ No âmbito desta pesquisa, o termo *complemento*, a ser empregado reiteradamente a partir de agora, nada tem a ver com a nomenclatura gramatical. Assim, tanto *complemento* quanto *particularização* assumem o sentido de *informação adicional* ou *especificador*.

Primeiro, a expressão solicita a repetição do verbo da oração anterior; depois, pela veiculação de ironia, promove seu apagamento ao encapsulá-lo na segunda ocorrência; e, por fim, quebra as expectativas do ouvinte.

Assim, reiteramos, a ironia é nada mais que gatilho para o apagamento do verbo usado como complemento da expressão *só que não*, uma vez que a intenção do falante, no âmbito da formulação, é dessa forma materializada na codificação.

São justamente tais considerações que nos permitem ainda defender o papel conjuncional desempenhado pela expressão *só que não*. Isso, porque só o fato de *só que não* requisitar um verbo – que, sabemos, é o grande indicador da existência de uma oração, como já referimos – dá margem à afirmação de que, nos exemplos comentados, há pelo menos duas orações coordenadas.

Nesse tocante, analisemos outro caso.

(17) Os pobres que se lasquem, **só que não**
(<http://www.iela.ufsc.br/noticia/os-pobres-que-se-lasquem-so-que-nao>).

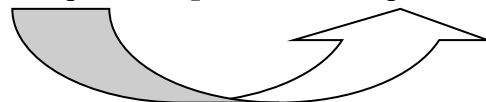
Tendo em vista a análise anterior, o sentido expresso por esse exemplo seria, semanticamente, similar ao da seguinte reformulação, com a interposição da partícula de negação *não*.

(17a) Os pobres que **não** se lasquem.

Fica clara, portanto, a contrariedade articulada pela construção *só que não*, ao desdizer uma afirmação que, agora considerando o componente pragmático, tem caráter irônico.

Se reconsiderarmos o exemplo (17), desta feita mais minuciosamente, flagraremos o verbo *lascar-se* também posposto à expressão *só que não*, como a seguir.

(17) Os pobres que se lasquem, **só que não** [se lasquem].



Embora saibamos que a segunda ocorrência do verbo *lascar-se* será apagada, justamente como produto da atuação da ironia, a porção “só que não [se lasquem]” parece constituir uma oração, dada a presença do verbo. Nesse tocante, há um período composto de duas orações coordenadas, a saber, “Os pobres que se lasquem” e “só que não [se lasquem]”,

em que esta apresenta um elemento responsável por adversar ideias, quebrando expectativas – daí insistirmos em se tratar de um conector adversativo.

Vale dizer que, no que tange à coordenação, Bally (apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a) propõe que a primeira porção textual sempre será retomada na segunda. Em outras palavras, *B*, em todos os casos, conterà anaforicamente um elemento de *A*, o que valida, então, o encapsulamento operado pela construção *só que não* com relação ao verbo constante da primeira oração.

No que diz respeito à negação irônica produzida pela articulação oriunda do uso da expressão *só que não*, parece, na verdade, ser muito mais vigorosa, na medida em que a ironia mostra-se capaz de, ao mesmo tempo, suavizar a aspereza do advérbio *não* e intensificar o sentido veiculado, constituindo uma “estratégia de polidez” (NEVES, 2006, p. 78).

Logo, a ironia desempenha, concomitantemente, papel duplo: suaviza a negação, que “é ato ameaçador da face” (NEVES, 2006, p. 78), e intensifica o sentido. Para a autora, “a ironia opera uma atividade cognitiva diferente da negação [...]. Além disso, a ironia é recurso mais complexo do que a negação explícita e espria seus objetivos a pontos inatingíveis para a forma de negar diretamente” (NEVES, 2006, p. 78). Ainda no que concerne à ironia, vale considerar que “declarações sarcásticas são relevantes, porque lembram o ouvinte de uma declaração anterior ou norma compartilhada que rege expectativas” (COULSON, 2005 apud GERVASIO, 2016, p. 32).

Assim, o sentido, em virtude da ironia, acaba ganhando força, o que reafirma como prevalecente a condição contrária do evento. Justamente por isso, afastamo-nos da noção de que a construção esteja se discursivizando.

Em tempo, *discursivização* é o processo pelo qual determinado item assume a função de marcador discursivo, que, conceitualmente, são “palavras ou locuções envolvidas no amarramento das porções de informação progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e simultaneamente no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto” (RISSO, 2006, p. 427).

Formas como *agora, então, depois, aí, mas, bem, bom, enfim, finalmente, quer dizer, por exemplo, primeiro ponto, etc. e tal, como eu dizia há pouco, voltando ao assunto, o que eu acho é o seguinte, resumindo, olha e ah!* (RISSO, 2006) são exemplos clássicos de unidades que, vez ou outra, assumem o papel de marcador discursivo, já que, morfologicamente, pertencem a outras classes.

Vejamos algumas ocorrências devidamente contextualizadas (RISSO; SILVA; URBANO, 2006), em que fica evidente a função exercida pelos elementos em destaque.

(18) Não havia na época [...] o quê? Os as relações ((ruídos)) (de produção) tão generalizadas de comércio com as áreas chamadas... do terceiro mundo... **tá?** (EF RJ 379:75-80)

(19) Vão pagar vinte por cento e quem quiser os quarenta por cento... **quer dizer...** quem exigir os quarenta por cento que eles pagam e mandam embora. (RJ D2 355:15-15)

(20) Então habitualmente nessas assembleias os associados tratam realmente **como eu já disse...** das vantagens... salariais. (DID REC 131:138-39)

Apesar de a gramática não dispensar muita atenção aos aspectos linguístico-discursivos manifestáveis numa oração, o que caracteriza os marcadores de que estamos tratando, Said Ali (1930 apud RISSO, 2006) promoveu um estudo que, pela primeira vez, lançou luz sobre construções típicas do falar corrente, hoje conhecidas como marcadores conversacionais ou discursivos.

Ainda segundo RISSO, SILVA e URBANO (2006), que pesquisaram os traços definidores dos marcadores discursivos,

os desencontros na compreensão do estatuto dos marcadores costumam estender-se à sua denominação. Registra-se, com efeito, uma acentuada pulverização de rótulos usados pelos linguistas para fazer referência a eles. Essa pulverização, se, de um lado, atesta a especificidade dos enfoques dados à descrição das unidades consideradas como marcadores, de outro revela a oscilação na compreensão do que os marcadores venham a ser, ou seja, a falta de um assentamento comum de suas propriedades básicas (RISSO; SILVA; URBANO, 2006, p. 404).

As variáveis que se mostram mais estáveis como constituintes dos traços definidores dos marcadores prototípicos são:

a) exterioridade ao conteúdo proposicional: levando em conta a relação das unidades com a informação de conteúdo das diferentes porções tópicas, diz respeito ao fato de a maioria dos casos ser tida como exterior ao conteúdo proposicional¹⁹;

b) independência sintática: tem que ver com a constatação de que mais de 85% dos casos coletados são unidades sintaticamente independentes, alheias à estrutura gramatical da oração;

¹⁹ *Conteúdo proposicional*, grosso modo, é o valor semântico veiculado por determinado enunciado, incluindo seu objeto de referência e o predicado correspondente.

c) não autonomia comunicativa: consiste no fato de os marcadores discursivos não serem portadores de conteúdo proposicional em si mesmos (trata-se, portanto, de elementos nada autossuficientes comunicativamente).

Verifica-se, além disso, que são duas as funções mais recorrentes desempenhadas pelos marcadores: a de articulador tópico e a de orientador da interação equilibradamente.

Castilho (1997), por sua vez, considera quatro processos como sendo os que constituem, de fato, a língua: a gramaticalização, a semantização, a discursivização e a lexicalização. Segundo o linguista, por ocorrerem concomitantemente quando se aciona “qualquer” um deles, não é possível desassociá-los. Assim, não se trata de processos excludentes.

Outros estudiosos, porém, baseando-se em outras premissas e adotando postura diversa, afirmam exatamente o contrário: a gramaticalização e a discursivização são excludentes e só ocorrem em formas distintas. De acordo com Martelotta, Votre e Cezario (1996), por exemplo, ao passo que a gramaticalização “leva itens lexicais e construções sintáticas a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 39) – cujo resultado é a possibilidade de um item se tornar mais gramatical –, a discursivização leva o item a assumir função de marcador discursivo – processo que pode dar origem a um elemento menos gramatical.

Portanto, posto que se verifiquem divergências conceituais entre um autor e outro no que tange ao processo de discursivização, é possível concluir, segundo Martelotta (1996 apud CEZARIO; ALONSO, 2013), que, na discursivização, “assume[m-se] funções mais voltadas para a orientação da interação” (MARTELOTTA, 1996 apud CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 24), sem papel sintático.

Em outras palavras, a construção *só que não*, ao portar muito mais carga semântica, já que nega ironicamente – essencial para a constituição plena do sentido de uma sentença –, ao funcionar como um articulador sintático de ideias e ao retomar o verbo da oração coordenada sindética e, depois, encapsulá-lo, vai de encontro à noção de marcador discursivo, que não é capaz de desempenhar função sintática e é, destarte, “vazio” semanticamente. Prova disso é o fato de, dispensando-se os marcadores dos exemplos (18), (19) e (20), não haver nenhum comprometimento semântico, apenas pragmático, como se vê a seguir.

(18a) Não havia na época [...] o quê? Os as relações ((ruídos)) (de produção) tão generalizadas de comércio com as áreas chamadas... do terceiro mundo... (EF RJ 379:75-80)

(19a) Vão pagar vinte por cento e quem quiser os quarenta por cento... quem exigir os quarenta por cento que eles pagam e mandam embora. (RJ D2 355:15-15)

(20a) Então habitualmente nessas assembleias os associados tratam realmente das vantagens... salariais. (DID REC 131:138-39)

Nesse tocante, é possível notar o papel secundário exercido pelos marcadores, que, como já se disse, apenas amarram determinadas porções de informação progressivamente, mas sem os quais o todo textual pode se sustentar, porque a perspectiva de sentido pretendida se mantém.

Logo, não podemos considerar *só que não* como marcador, porque, se retirada a expressão, o texto assume outra perspectiva de sentido, em direção oposta. Para isso, observemos a ocorrência (21), a seguir.

(21) A General Motors renovou-se no Brasil, **só que não**. (<http://bestcars.uol.com.br/bc/informe-se/colunas/marcas-mercado/406-a-general-motors-renovou-se-no-brasil-so-que-nao/>)

Em (21), o contexto da afirmação diz respeito a certa anacronia ainda presente no modo de pensar e fazer carros de uma grande montadora americana, a Chevrolet. Assim, conquanto sua frota seja renovada de tempos em tempos, ela o faz, de acordo com o texto, desconsiderando as verdadeiras necessidades do brasileiro. A ironia se expressa justamente pela asserção de que a empresa verdadeiramente se renovou e se alinhou aos mais diferentes perfis de consumidor brasileiro, o que, imediatamente em seguida, é desfeito, desdito, desconstruído pela articulação promovida por *só que não*. Em outros termos, a renovação referida, na verdade, não aconteceu.

Então, sai-se de um sentido positivo, veiculado pela oração coordenada assindética (“A General Motors renovou-se no Brasil”), e chega-se a um sentido negativo, encaminhado pela oração seguinte (“só que não [se renovou]”).

Esse mesmo caso, se reescrito sem a expressão *só que não*, perderia o sentido original, porque a afirmação de que houve renovação prevalece. Em outras palavras, a sentença continua veiculando um valor positivo, como a seguir.

(21a) A General Motors renovou-se no Brasil.

Aqui, não há a transformação de um sentido positivo num negativo; estabeleceu-se, absoluto, o positivo (“A General Motors renovou-se no Brasil”).

Terminada a exposição acerca do conceito de discursivização, outro aspecto que merece atenção consiste na confusão que se pode fazer entre *só que não* [complemento implícito] – nosso objeto de estudo – e *só que não* [complemento explícito]. Nosso objetivo, portanto, é o de, comparando as duas construções, estabelecer as diferenças entre um uso e o outro, a fim de demarcar suas fronteiras.

Para tanto, observemos os exemplos a seguir.

(22) 13 cães que são mestres na arte de se esconder – **só que não**. (<http://www.megacurioso.com.br/animais-fofos/100131-13-caes-que-sao-mestres-na-arte-de-se-esconder-so-que-nao.htm>)

(23) O pessoal acusa a diretoria, **só que não é fácil manter o mesmo nível apenas com jogadores**. (<https://www.meutimao.com.br/forum-do-corinthians/mercado-da-bola/364279/a-gavioes-dessa-vez-me-representou-mandou-a-real>)

Embora ambas as construções façam uso de *só que não*, cada um dos empregos encerra determinado sentido. Enquanto a ocorrência (22) tem a função de negar, refutar, rechaçar veementemente a afirmação anterior numa tentativa de produzir riso, graça, ironia, a (23) pode ser equivalente, de maneira geral, à partícula adversativa *mas* acrescida do advérbio *não* e de *complemento explícito* obrigatoriamente, sem nenhum comprometimento semântico – tanto é que ela poderia ser assim reescrita:

(23a) O pessoal acusa a diretoria, **mas não é fácil manter o mesmo nível apenas com jogadores**.

A ocorrência (22), justamente por veicular tom jocoso, vem sem complemento; já com relação à ocorrência (23), percebe-se que “é fácil manter o mesmo nível apenas com jogadores”, ao especificar *só que não*, produz um efeito mais solene, em que a intenção é não mais do que particularizar a afirmação anterior. Portanto, não há apagamento sem que haja ironia.

Nesse tocante, em (22), em que não cabe complemento, senão encapsulado o verbo da primeira oração, como já discutimos, há um *só que não* formulaico, porque indivisível e insubstituível, veiculando informação de natureza imprescindível, sem a qual o texto perderia seu sentido pretendido.

(22a) 13 cães que são mestres na arte de se esconder – **só que não** [são].

Em (23), por sua vez, tem-se, na verdade, a perífrase *só que*, discutida por Longhin-Tomazi (2003a) e referida por nós, com a adição do advérbio *não* e de *complemento*, responsáveis não por negar a afirmação feita, mas por particularizá-la.

(23b) O pessoal acusa a diretoria, **só que** [+] **não** [+] *é fácil manter o mesmo nível apenas com jogadores.*

Chegamos, então, à conclusão de que cada uso desempenha papel claramente definido.

- **Só que não + complemento implícito**, que deve ser o verbo da primeira oração = de caráter formulaico, expressão de negação irônica.
- **Só que + não + complemento explícito**, que deve particularizar a afirmação anterior = de caráter maleável, especificação de uma informação, com a justaposição de *mas*, *não* e *complemento*.

2.2.2 Afinal, por que locução conjuncional de contraexpectativa com valor negativo?

Apesar de a verificação da regularidade da expressão *só que não* formulaica ser ainda incipiente, é sobre as inúmeras particularidades dela, cuja representação, já sabemos, é multiforme, que nos debruçaremos, investigando, analisando, caracterizando e descrevendo seus usos no português contemporâneo de registro escrito.

Assim, ressaltada a relevância da presente investigação, insistimos na hipótese inicial, que deu origem a esta exposição, pois a construção *só que não*, como já se demonstrou, estabelece uma relação de contraste, adversão, oposição entre os segmentos que articula, mas não ortodoxa e convencionalmente. O que queremos dizer é que, ao mesmo tempo que a expressão parece funcionar como uma conjunção adversativa, podendo ser comparada à conjunção por excelência *mas* em alguns aspectos, o seu modo de operar é um tanto peculiar. Isso, porque o conteúdo da primeira oração, apesar de não grafado na segunda, é reiterado, só que de maneira não explícita, como já expusemos. É justamente a ação da ironia que confere a peculiaridade do encapsulamento, com a ironia implicando o apagamento informacional.

Portanto, posto que se valha por si mesma, apresentando especificidades que a diferenciam de uma conjunção como *mas*, a construção apresenta um comportamento típico de conector – daí chamarmos-la de *locução conjuncional*.

Com relação à noção de *contraexpectativa*, vale fazermos um aprofundamento. Retomando as cinco diferentes acepções para *só que*, discutidas na seção 2.1 Sobre a

perífrase *só que*, e levando em conta as particularidades do comportamento da construção *só que não*, que julgamos advinda da base morfossemântica de *só que*, apropriamo-nos das noções de *marcador de acontecimento inesperado/indesejado*, de *marcador de refutação* e de *marcador de contra-argumentação* para *só que*, segundo Longhin-Tomazi (2003a), porque seus princípios parecem ser bastante relacionáveis ao nosso objeto de estudo, a saber:

I) Marcador de acontecimento inesperado/indesejado

É construído sobre um evento – imprevisto, inesperado, indesejado ou incompatível – que causa surpresa por estar em conflito com as expectativas acerca do que é considerado o padrão característico do mundo, com o qual o falante tem familiaridade (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 142).

II) Marcador de refutação

X e Y competem para ocupar a mesma função sentencial; X é recusado, negado, e Y é a justificação da recusa de X; X, que não necessariamente está explicitado, é um conteúdo pelo qual o locutor não se responsabiliza, fato que confere ao enunciado um caráter altamente polifônico (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 142 e 143).

III) Marcador de contra-argumentação

O locutor legitima uma conclusão e, depois, a descarta em favor da conclusão contrária; a conclusão descartada, que pode ser real ou virtual, em geral é atribuída a um possível enunciador, o que torna o enunciado polifônico; é possível ainda que a contra-argumentação seja resultado do conflito entre o julgamento do locutor e uma linha discursiva previsível, que remete a um *topos* (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 143, grifo da autora).

Nesse sentido, reunimos, sob o termo *contraexpectativa*, as condições expressas por essas três acepções, haja vista que, além de quebrar a expectativa do falante por conter uma manobra linguística própria para isso (GERVASIO, 2016), a construção é capaz de marcar um acontecimento inesperado ou indesejado, uma refutação e uma contra-argumentação.

Acrescentamos *valor negativo* à etiqueta, em decorrência da presença do advérbio *não* e da existência da construção *só que sim*, já atestada por Gervasio (2016), a qual veicula um *valor positivo*, como demonstra a ocorrência a seguir.

(24) Chora Brasil ‘de um povo Alienado, resistente, enganado, fadigado, humilhado, explorado e massacrado, pela crença na felicidade e das gerações futuras...’ Chora Brasil, porque depois desse circo e do ‘orgulho de ser brasileiro’ a conta você vai pagar de qualquer jeito. **sóquesim** (6/2014 apud GERVASIO, 2016, p. 74, grifo do autor).

No capítulo **4 Análise**, defendemos e demonstramos mais detalhadamente a hipótese de que a construção *só que não* congregue condições igualmente favoráveis às de *só que* para a sua cristalização na língua. Parecendo compor-se dos mesmos elementos já estudados, a saber, *só* e *que*, a relação que a construção *só que não* estabelece entre duas sentenças é também a de contraste, com a diferença de que se dispensa a necessidade de complemento explícito, justamente porque o que ocorre é o fenômeno de encapsulamento da repetição do verbo-base da oração anterior.

De posse da discussão empreendida até então, em que se lançaram as bases teóricas para a ratificação de nossas conjeturas, partimos para a explicitação da metodologia usada e para a análise do *cópus* constituído.

3 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, faz-se necessário adotar uma metodologia que considere o uso efetivo da língua. No presente capítulo, portanto, evidenciamos o passo a passo metodológico a que recorreremos, para que procedamos a uma descrição arrazoada do emprego da construção *só que não*.

3.1 Passo a passo metodológico

Tendo em vista ocorrências reais da língua – aquelas utilizadas de fato pelos falantes hoje –, buscamos uma obtenção sincrônica de dados. Nesse sentido, foi preciso coletar ocorrências para a formação do *córpus* analisado, o que se deu diretamente pela internet, que, ultimamente, tem se tornado fonte expressiva para trabalhos em linguística (VANDELANOTTE, 2007; SANTANA, 2010).²⁰

Segundo Bergh (2005), o material da internet pode ser usado de duas maneiras diversas: como um recurso puramente textual, que provê o necessário para a montagem de diferentes tipos de *córpus*, e como um investigador de vários aspectos do uso corrente da língua, por exemplo o estudo de neologismos e de construções pouco recorrentes.

Foi, então, utilizada uma ferramenta de busca de textos na internet chamada *WebCorp*, interface que, lançando mão de vários buscadores, traz os resultados como concordanciador. Saliente-se que, a favor da utilização desse instrumento, pesa a experiência de Camargo (2012, 2014), porque muito exitosa.

De acordo com Renouf, Kehoe e Banerjee (2005),

o propósito do sistema do *WebCorp* é, por meio da internet, extrair informação complementar ou disponível de outra forma, para prover uma qualidade do resultado linguístico processado e analisado que seja comparável à do derivado dos *córpus* finitos e tentar, progressivamente, atender às necessidades expressas dos usuários (RENOUF; KEHOE; BANERJEE, 2005, p. 2, tradução nossa).²¹

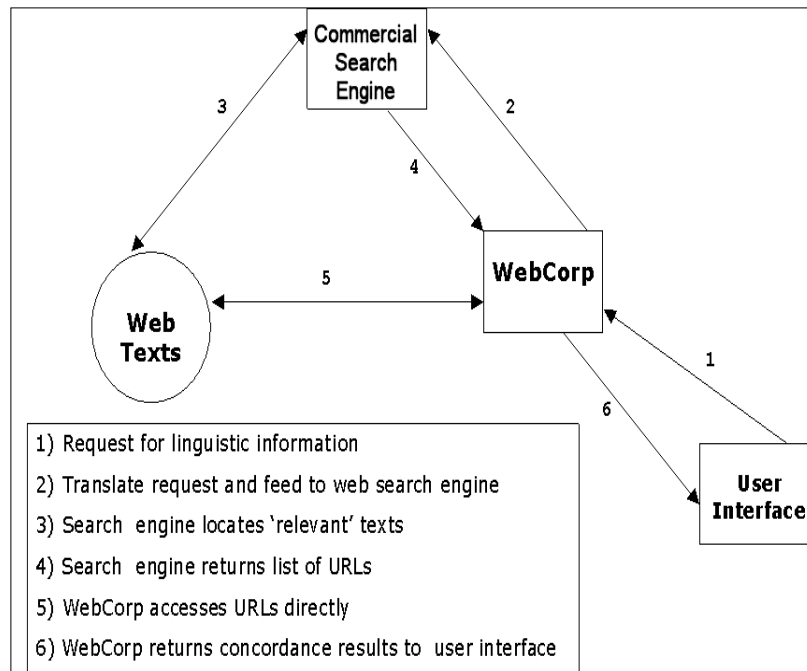
A ferramenta foi concebida para resgatar dados linguísticos da internet nos quais as linhas de concordância demonstrem o contexto em que um termo ocorre. Desse modo, ela fornece exemplos contextualizados do uso da língua e os apresenta de forma adaptada à análise linguística.

²⁰ Embora haja um número razoável de *córpus* de português disponíveis on-line, de diferentes constituições no que se refere aos tipos de texto e à quantidade de dados, acredita-se que, para a análise em tela, os dados da internet possam ser mais interessantes e profícuos.

²¹ Texto original: “[...] the purpose of the *WebCorp* system is to extract supplementary or otherwise unavailable information from web text; to provide a quality of processed and analysed linguistic output similar to that derived from finite corpora; and to try progressively to meet users’ expressed needs”.

Consideremos, pois, seu funcionamento.

Figura 9 – Diagrama da arquitetura básica do *WebCorp*



Fonte: Renouf, Kehoe e Banerjee (2005).

Há seis estágios: 1) o usuário faz a sua solicitação, que é 2) convertida e enviada à ferramenta de busca; 3) a ferramenta localiza os textos relevantes e 4) retorna a lista de URLs; 5) o *WebCorp* acessa as URLs diretamente e, então, 6) apresenta os resultados de concordância na interface do usuário.

A análise de páginas da internet feita por meio do *WebCorp* pode ser considerada mais completa em relação à empreendida por meio de outras ferramentas de busca, uma vez que ele permite a aplicação de uma série de filtros, como se vê na figura seguinte.

Figura 10 – Interface do usuário no *WebCorp*

WebCorp Live lets you access the Web as a corpus - a large collection of texts from which examples of real language use can be extracted. [More...](#)

Search:

Case Insensitive: Span: 50 characters

Search Engine: FAROO Language: Not specified

[Advanced Options](#)

Redefinir Search

Fonte: Renouf, Kehoe e Banerjee (2005).

Nesse tocante, demos início à constituição de nosso *cópus* considerando as diferentes configurações formais da expressão *só que não*. Em outros termos, recolhemos casos de *só que não* não apenas na sua forma por extenso mas também nas demais configurações, acompanhadas ou não do símbolo # – muito comum no meio *internético*. A coleta de ocorrências para a presente pesquisa se deu em meados de 2016, entre os meses de junho e dezembro, um período de pouco menos de seis meses.

Um extrato de informação linguística obtida por meio da busca com o *WebCorp* é dado na Figura 11, que mostra os padrões de uso de *só que não*, por exemplo.

Figura 11 – Extrato de busca de *só que não*

e Frases / Internet **Só que Não** Legal Você é muito legal
 Você é muito legal... **Só que não.** compartilhar Maturidade
 maturidade é incrível... **Só que não.** compartilhar Legal
 menos eu sou legal. **Só que não.** compartilhar Inteligênc
 é muito inteligente, **só que não.** compartilhar Balada
 esse final de semana. (**Só que não**). compartilhar Prazer
 Prazer em te conhecer. **Só que não.** compartilhar Bieber
 Bieber é meu ídolo... **Só que não.** compartilhar Matemática
 muito bom em matemática. **Só que não.** compartilhar Cinco
 minutinho eu tô aí! **Só que não.** compartilhar Salada
 comer uma saladinha. **Só que não.** compartilhar Dieta To
 não vou comer doce. **Só que não.** compartilhar Trabalho
 inteiro trabalhando. **Só que não.** compartilhar Opção Ser
 legal é uma ótima opção. **Só que não.** compartilhar Espelho
 de cabeça no espelho. **Só que não.** compartilhar Culpa Eu
 mamãe me fez direito. **Só que não.** compartilhar Namoro
 stressado é muito legal. **Só que não.** compartilhar Domingo
 sempre muito agitados. **Só que não.** compartilhar Chuva
 quando eu fiz chapinha. **Só que não.** compartilhar Luta Pense
 ia lutar por nós dois... **Só que não.** compartilhar Indeciso
 compartilhar Indeciso Sim, **só que não.** compartilhar Praia
 Praia Adoro praia... **Só que não.** compartilhar Verdade
 Verdade To muito bem, **só que não...** compartilhar Perfeição
 feitos um para o outro. **Só que não.** compartilhar Escola
 Amo a minha escola. **Só que não...** compartilhar Beleza
 pessoa muito bonita. **Só que não.** compartilhar Segunda-fe
 Amo segunda-feira... **Só que não.** compartilhar Gata Aquel
 menina é muito gata. **Só que não...** compartilhar Lindo
 que hoje eu to lindo. **Só que não...** compartilhar Amor Um
 e eu digo que te amo... **Só que não.** compartilhar Sentimento
 tu me ama demais então. **Só que não...** compartilhar Meta
 lindo que fui em 2012. **Só que não.** compartilhar tags memes

Fonte: WebCorp (2016).

É forçoso, todavia, atentar para o fato de que a internet pode ser uma fonte inesgotável de dados confiáveis e, ao mesmo tempo, de outros nem tão idôneos assim. Além disso, existem páginas que são criadas/gerenciadas por pessoas que não fazem uso do português como língua nativa ou mesmo páginas que são a tradução exata de suas originais. Por essas razões, é necessário que o analista avalie seus resultados, de modo a comprovar a validade dos dados encontrados, o que deve ser feito com base em seu conhecimento de língua.

No que concerne à construção *só que não*, vale frisar, contudo, que, como sabemos se tratar de um uso muito mais recorrente em redes sociais – seu lugar por excelência –, justamente porque, no que diz respeito mais diretamente ao *Facebook*, apresentam “uma grande sobreposição de recursos semióticos e [...] uma ‘relativização do rigor linguístico’, visto que os textos produzidos nas redes sociais têm se mostrado mais livres e fluidos” (CARVALHO; KREMER, 2013, p. 86 apud GERVASIO, 2016, p. 48), nosso grande interesse consiste em identificar o grau de espraiamento da expressão por outras esferas discursivas ainda no âmbito internético.

De modo a ratificarmos a hipótese de que a expressão esteja em via de se gramaticalizar como locução conjuncional, como propomos, o presente córpus não contempla casos do domínio das redes sociais, mormente representadas por *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Em outras palavras, tomou-se o cuidado de desvincular da pesquisa contextos associados a essas redes, desconsiderando, para fins desta caracterização, seus resultados.

Além disso, mesmo fora do âmbito das redes sociais, não levamos em conta páginas dedicadas a produzir humor, ou seja, endereços que, à época, tivessem como objetivo primeiro fazer rir, haja vista que a natureza da expressão veicula ironia. Nesse tocante, preferimos nos ater a ambientes que, em princípio, não fossem da constituição da construção.

Reitere-se que o fato de fazermos tal recorte não quer dizer, de forma alguma, que as ocorrências verificáveis em ambientes menos monitorados linguisticamente sejam desprovidas de valor científico, mas que, para o escopo da presente caracterização, o que se busca é capturar e descrever os casos além-fronteira – aqueles não previstos –, corroborando, pois, os mecanismos de atualização da língua nessa direção, como vimos pressupondo.

Assim, empreenderam-se seis rodadas de busca, uma por mês, a fim de perfazer todas as possibilidades de configuração formal da construção e obter um universo de dados considerável para uma descrição consistente da expressão, mas apenas cinco delas retornaram algum resultado significativo, a saber:

- i) **só que não**
- ii) **#SQN** ou **#sqn**
- iii) **#SóQueNão** ou **#sóquenão**
- iv) **#só que não**
- v) **#SoQueNao** ou **#soquenao**.

Chegou-se, então, a um total de **151 ocorrências**, número que julgamos suficiente, porque bem representativo em termos de qualidade de dados.

O passo seguinte, depois de localizadas as ocorrências, foi sua organização. Os dados foram, então, dispostos por tipo de configuração formal da construção num documento em branco do *Word*, de maneira que conseguíssemos uma lista de todos os resultados obtidos para, na análise, não haver tanta dificuldade na manipulação dos dados.

É claro, porém, que, inevitavelmente, constatamos vários usos diferentes dos da construção *só que não* que nos interessa. Por isso, tivemos a diligência de avaliar item por item, descartando aqueles empregos que não demonstravam a peculiaridade observada em *só que não*, como casos com a presença de um complemento explícito.

Por fim, adotando como critérios avaliativos (i) a posição da construção, se sempre anteposta ou posposta a uma informação, de natureza sintática; (ii) a expressão da ideia de contraexpectativa, com relação ao seu papel entre duas ou mais orações, de caráter semântico; (iii) a veiculação de ironia, se inerente ou esporádica, de teor pragmático; e (iv) os gêneros textuais mais associados ao seu emprego, tentando associar o tipo de configuração

formal ao contexto de ocorrência, de traço textual-discursivo, procedemos a uma análise qualitativa, que apresentamos no próximo capítulo.

4 ANÁLISE

Neste capítulo, com base nas ocorrências coletadas, expõe-se um quadro detalhado do comportamento da locução-alvo desta investigação, de maneira a atender aos objetivos preestabelecidos.

4.1 Resultados obtidos²²

A construção *só que não*, como se adiantou, é multiforme, porque pode se apresentar sob diferentes grafias. Tal caráter aponta se tratar de um fenômeno tão diverso na sua representação escrita e, ao mesmo tempo, tão homogêneo funcionalmente que atentarmos para as formas que estejam sendo preferidas ou preteridas possibilitará um destrinchar muito mais minucioso.

Nesse sentido, encontraram-se as grafias **só que não**, **#SQN** ou **#sqn** e **#sóquenão** ou **#SóQueNão** como mais prevalentes respectivamente, embora se tenha obtido ocorrências, em menor grau, também das formas **#só que não** e **#soquenao** ou **#SoQueNao**, perfazendo os 151 dados já referidos.

A configuração formal mais recorrente, de acordo com nosso *cópus*, é *só que não*, em sua forma inteiriça sem a presença do símbolo #. Um exemplo bastante prototípico é o seguinte:

- (1) Você precisa ver essas 19 fotos de casamento super normais, **só que não** (<http://www.motivacaododia.com/2016/07/voce-precisa-ver-essas-19-fotos-de.html>)

Ocupando o segundo lugar na ordem de preferência dos usuários da língua, verificam-se as formas abreviadas **#SQN** ou **#sqn**, em maiúsculo ou minúsculo com a presença do símbolo #, como mostra esta ocorrência:

- (2) Galvão Bueno em 40 momentos gente como a gente **#sqn** (<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/bol-listas/2016/01/15/galvao-bueno-em-40-momentos-gente-como-a-gente-sqn.htm?fotoNav=1>)

Na terceira posição, estão as configurações **#sóquenão** ou **#SóQueNão**, inteiriças com a presença do símbolo #, para as quais trazemos a seguinte ocorrência coletada:

- (3) Se olharmos apenas superficialmente, parece que tudo está bem para as mulheres no mercado de trabalho, **#SóQueNão**. (<http://mais.espm.br/artigos/soquenao>)

²² No presente capítulo, a numeração das ocorrências será reiniciada.

Em seguida, constata-se a forma *#só que não*, precedida do símbolo # e dotada de espaço entre as partículas que a compõem:

(4) Que gracinhas! **#Só que não**: veja as 10 crianças mais perversas do cinema (<http://virgula.uol.com.br/tvecinema/veja-10-criancas-mais-malvadas-do-cinema/>)

Por fim, menos recorrentes, mas com aparição significativa no *cópus*, destacam-se as configurações *#soquenao* ou *#SoQueNao*, inteiriças com a presença do símbolo #. Sua ocorrência prototípica pode ser:

(5) O consumidor está a um clique de distância... **#soquenao** (<https://goo.gl/Y8qHTD>)

Construído o cenário de busca e coleta, tem início, então, a análise propriamente dita, com vistas a, adotando como pontos de vista os parâmetros já expostos, que compreendem os âmbitos sintático, semântico, pragmático e textual-discursivo da expressão, explicar sua constituição e ratificar nossa premissa.

4.1.1 Do parâmetro de natureza sintática: posição

A língua, como conjunto de recursos funcionais que têm como objetivo atender a necessidades comunicativas, produzindo, assim, interação, deve obedecer a determinada lógica de organização e funcionamento.

Se recorrermos, ainda que de maneira superficial, à noção de *sintaxe*, será possível destacarmos, entre sua pluralidade de definições, um fio condutor: o de que seu foco de análise consiste na função desempenhada pelos vocábulos no contexto de uma sentença. Desse modo, é preciso realizar um exame e reconhecimento das relações estabelecidas entre os termos de uma oração naquele contexto de significação, formando um todo significativo. Essa é, portanto, a prova de que os elementos linguísticos são mesmo regidos por um encadeamento frasal coerente.

No que diz respeito a *só que não*, a construção, como já se adiantou, desempenha papel definido: o de estabelecer articulação, mas por meio de uma refutação irônica, preferindo posicionar-se ao fim daquilo que se tencione desdizer. O fato de incidir sobre a declaração imediatamente anterior, negando-a, refutando-a, é o que parece explicar sua posição, sempre na segunda oração coordenada.

Em outros termos, nosso universo de dados – todas as 151 ocorrências – permite-nos verificar que a posição da expressão parece ser sempre a mesma, iniciando, em

todos os casos, outra oração coordenada, o que talvez indique regularidade quanto à sua posição.

Consideremos a ocorrência (1), constante da seção **4.1 Resultados obtidos**. Nela, na primeira oração, chama-se a atenção do leitor para um conjunto de fotos de casamento consideradas, a princípio, dentro dos padrões que uma ocasião como essa estabelece. Em seguida, desdiz-se a afirmação de se tratar de fotografias no âmbito da normalidade, por meio da construção *só que não*, que incide diretamente sobre a porção final “supernormais”, o que nos faz supor não a retomada do verbo *precisar*, mas o uso do verbo *ser*, como a seguir:

(1a) Você *precisa ver* essas 19 fotos de casamento super normais, **só que não** [são].

Se, nesse caso, houvesse a retomada do verbo da primeira oração coordenada, ter-se-ia a negação de toda a afirmação, o que não condiz com a intenção de seu emissor. O que se pretende é negar e ironizar apenas o fato de que são fotos normais. Assim, o exemplo seguinte torna-se uma interpretação inapropriada.

(1b) Você *precisa ver* essas 19 fotos de casamento super normais, **só que não** [precisa].

É preciso, portanto, reconhecer que, embora, na maioria das vezes, a construção *só que não* retome implicitamente o verbo da primeira oração, em casos como (1) recorre-se a um verbo genérico como o *ser*. Em outras palavras, ainda que, na ocorrência, a construção *só que não* não solicite o verbo da oração anterior, mas outro, sua posição permanece em relação a uma informação, não se alterando.

Tenhamos em vista, agora, a ocorrência (4), que não apresenta, no primeiro segmento textual (“Que gracinhas!”), verbo aparente, o que também contraria seu uso geral. Apesar disso, não podemos deixar de afirmar que se trata, sim, de uma oração coordenada, uma vez que se subentende o seguinte:

(4a) Que gracinhas [*são estas crianças*]! **#Só que não** [são]: veja as 10 crianças mais perversas do cinema

Em outras palavras, embora a ocorrência (4) não apresente um verbo explícito na primeira porção textual do período, como é praxe fazê-lo, recorrendo ao genérico *ser* conseguimos deixar clara sua constituição como oração e explicar a retomada verbal implícita requisitada pela construção *só que não*, de acordo com (4a). Também nesse caso, a expressão em estudo aparece posposta, negando a afirmação inicial.

Lançando mão, por fim, da ocorrência (5), temos um caso clássico. Dizemos isso, porque a primeira porção textual pode ser, de imediato, considerada oração, uma vez que apresenta explicitamente o verbo *estar*, e a segunda, uma vez que retoma implicitamente o verbo constante da primeira oração. Tem-se, então, o seguinte:

(5a) O consumidor *está* a um clique de distância... **#soquenao** [está].

Assim, o que, na verdade, se afirma é que o consumidor não está a um clique de distância, quebrando as expectativas do leitor. Saliente-se a posposição da expressão prevalecendo também nessa ocorrência.

Ainda nesse âmbito, pondo-nos a olhar a constituição material da expressão, vale destacar que ela é mesmo de caráter indivisível, formulaico, como vimos considerando. Em outras palavras, a construção veicula negação irônica apenas com a justaposição dos termos *só, que e não*.

Para tanto, contemplando ainda as ocorrências da seção **4.1 Resultados obtidos**, consideremos o caso (3a), que é outro a funcionar como já conhecemos, já que, na oração imediatamente anterior à da construção *só que não*, tem-se um verbo aparente, e, na segunda, a retomada desse verbo implicitamente.

(3a) Se olharmos apenas superficialmente, parece que tudo *está* bem para as mulheres no mercado de trabalho, (**#)SóQueNão** [está].

Será que o sentido do período se manteria se tentássemos substituir a expressão por uma equivalente?

Nessa mesma ocorrência, troquemos *só que não* por *mas não*, por exemplo, uma vez que, como vimos, *mas* é conjunção por excelência no português brasileiro. Reformulando tal exemplo à base da construção *mas não*, teríamos o seguinte:

(3b) Se olharmos apenas superficialmente, parece que tudo *está* bem para as mulheres no mercado de trabalho, (**#)mas não** [está].

Percebe-se que, embora a construção *mas não* até negue a informação anterior, o sentido original não se mantém, justamente porque se perde o componente irônico subjacente à expressão *só que não*. Tal uso não dá conta, então, de negar ironicamente. Além disso, não se trata de um uso comum, o que pode causar certo estranhamento.

O fato é que qualquer expressão que tencionemos comutar por *só que não* pode até funcionar, como o faz *mas não*, só que de modo diferente, o que mostra uma atuação singular de nosso objeto de estudo.

Mais uma vez, entende-se que a expressão *mas não* desdiz a afirmação anterior – apesar de consistir num uso muito pouco comum. Perde-se, contudo, o componente irônico, que é o responsável por, como já discutimos, suavizar o ímpeto do advérbio *não* e, ao mesmo tempo, intensificar o sentido, deixando claro se tratar de uma inverdade.

Assim, por mais que invistamos na empreitada de sintetizar expressões que deem conta de funcionar da mesma maneira como *só que não*, descartaremos, necessariamente, pelo menos um dos vários componentes desta, sobretudo o pragmático, ou beiraremos, talvez, a agramaticalidade.

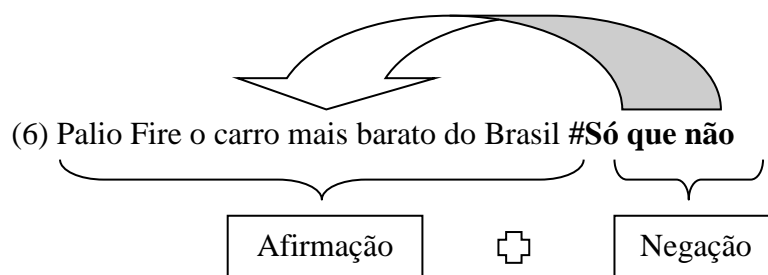
Pode-se, então, concluir que, se a funcionalidade da expressão está mesmo em contrastar segmentos e negar a declaração imediatamente anterior, sua posição no interior dos períodos não é passível de alteração, como estamos investigando. Talvez seja por isso mesmo que nosso corpus não contém sequer uma ocorrência em que *só que não* antecede a declaração, o que faz supor que a construção tenha estabelecido uma organização frasal.

Consideremos, desta feita, dois outros exemplos, a saber:

(6) Palio Fire o carro mais barato do Brasil **#Só que não**
(http://everything.plus/Palio_fire_o_carro_mais_barato_do_Brasil_S%C3%B3_que_n%C3%A3o_/UrCGsYQDIzY.video)

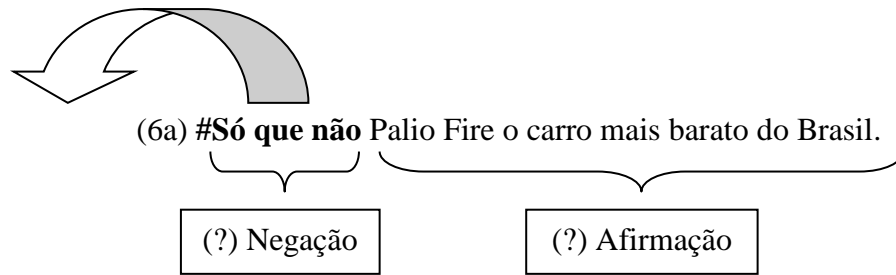
(7) Despedida babilônica em Curitiba, **#soquenao**
(<http://babiloniaeditorial.com.br/despedita-babilonica-em-curitiba-soquenao/>)

Com relação ao exemplo (6), vejamos o esquema a seguir.



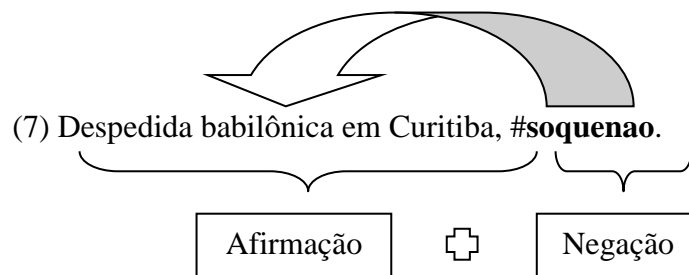
A posposição da expressão é a única posição verificada em todo o universo de dados, porque o período deve obedecer a uma lógica: primeiro, estabelece-se uma afirmação e, depois, por meio do contraste, faz-se um julgamento acerca dela, que é o da negação, com *só que não* incidindo sobre o conteúdo imediatamente anterior a ele. É o que expõe o exemplo (6).

Se, porém, o reformularmos à base da anteposição de *só que não*, produziremos (6a).



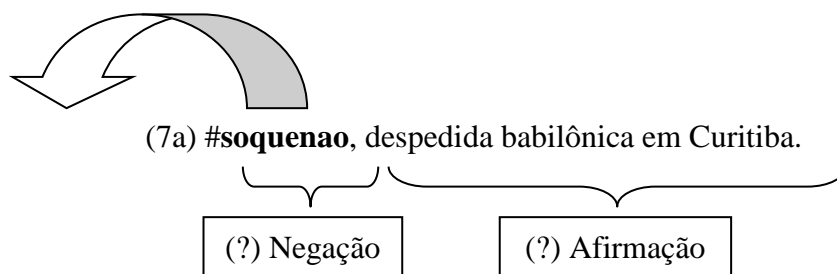
Em (6a), em que se subverte a lógica de períodos com *só que não*, a expressão passa a incidir sobre um conteúdo inexistente, justamente porque não se tem afirmação imediatamente anterior, o que acaba invalidando sua atuação. Entende-se, então, o porquê da posposição como predominante.

O mesmo comportamento pode ser observado com a ocorrência (7), transcrita a seguir.



Também nesse caso, afirma-se e, apenas depois, nega-se, com a expressão atuando diretamente sobre o segmento anterior. Assim, a construção *só que não* funciona claramente como articulador de informações, sendo capaz de quebrar as expectativas alimentadas pelo segmento textual inicial.

Em (7a), por sua vez, o que se observa são apenas segmentos textuais justapostos, sem nenhum tipo de relação firmada entre eles.



Como já se disse, em casos desse tipo a expressão não tem poder sobre o conteúdo posposto, o que quer dizer que ela acaba exercendo mera figuração, já que não veicula sentido. Em outras palavras, em vez de negar a informação imediatamente anterior,

como em (7), a construção *só que não* é dispensável em (7a), porque não age sobre nenhuma porção textual, deixando válido o conteúdo da afirmação.

Portanto, na medida em que os períodos com a presença de *só que não* obedecem, via de regra, à lógica de 1) fazer uma afirmação e 2) negá-la por meio de contraste, quebrando expectativas, as reformulações, a saber, (6a) e (7a), subvertem essa organização hierárquica ao 1) agir sobre um conteúdo inexistente e 2) fazer uma afirmação, o que se mostra contraproducente, no sentido de que a expressão deixa de veicular o valor de contraexpectativa, não negando nem ironizando a informação imediatamente anterior.

Tal constatação permite-nos, pois, afirmar que a construção *só que não*, com o sentido aqui descrito, pode incidir somente sobre um segmento já expresso ou uma declaração já feita. Independentemente da grafia escolhida – a por extenso ou a abreviada –, a expressão tende a aparecer posposta, o que atesta regularidade.

4.1.2 Do parâmetro de caráter semântico: contraexpectativa

O termo *semântica* provém de vocábulo grego que significa *arte da significação*. Nesse tocante, a ciência semântica consiste num ramo da linguística que se ocupa dos significados e da interpretação desses mesmos significados em determinado contexto, seja ele uma palavra, uma sentença ou uma expressão, sincrônica ou diacronicamente, de maneira a constituir cadeias de sentido cada vez mais completas e concordes.

No que tange à construção *só que não*, sabe-se que a ideia expressa é a de oposição, adversão, contrariedade, quebrando as expectativas do falante justamente ao ressignificar dada informação.

Será, porém, o valor de contraexpectativa decerto uma constante, perpassando todos os usos possíveis? Para respondermos a essa questão, façamos uma breve exposição acerca das partículas *só*, *que* e *não* e procedamos à análise de mais algumas ocorrências.

As gramáticas, de maneira geral, têm dificuldade para enquadrar plenamente a palavra *só* numa das dez classes gramaticais conhecidas no português. Isso, porque se trata de um uso muito heterogêneo, razão pela qual se prefere considerá-la uma palavra denotativa, dizendo respeito àquelas que não têm lugar estável em nenhuma das classes.

Assim, no âmbito das palavras denotativas, atribuem-se à partícula *só* duas funções: “(i) palavra de exclusão, restrição ou limitação, cujo sentido é aquele de *exceto* [...] ou de *apenas* [...]” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 179, grifos da autora), e “(ii) simples palavra de realce” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 180). Ainda de acordo com Longhin-

Tomazi (2003a), na descrição linguística costuma-se ver a palavra *só* como operador de foco, de caráter adverbial, que é nada mais do que um advérbio focalizador ou restritivo.

Nesse sentido, *só* apresenta algumas particularidades, dentre as quais destacamos três:

I) Como se trata de um elemento de posição variável na sentença, ele pode incidir sintaticamente sobre palavras de diferentes classes, sobre sintagmas de diferentes funções e até mesmo sobre orações.

(8) Encontraram **só** a canoa dele (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 181).

(9) **Só** Deus mesmo que pode dar uma luz (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 181).

No que concerne às ocorrências (8) e (9), a partícula *só*, na sentença (8), incide diretamente sobre um sintagma nominal, delimitando a informação por ele veiculada. Já na sentença seguinte, a de número (9), *só* age sobre uma única palavra, a que exerce a função de sujeito.

II) Como aparece em construções paralelas, estabelecendo contraste entre elementos da sentença, *só* se apresenta com certa ambiguidade: mantém a função de operador de foco restritivo e, ao mesmo tempo, funciona como conector contrastivo de sentenças.

(10) A gente não joga não, **só** a turminha do ginásio de tardinha joga (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 182).

(11) Pode beber, pode tudo. **Só** não pode exceder (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 182).

No exemplo (10), a partícula *só*, além de restringir a primeira informação dada, parece funcionar como ponte entre a primeira oração e a segunda. Em (11), o comportamento é o mesmo: diante da afirmação de que é lícito beber e fazer o que se bem entender, a palavra *só* surge como elo entre essa declaração e a seguinte, desincentivando qualquer tipo de excesso.

III) Tido como um operador argumentativo de acordo com Ducrot, *só* é capaz de alterar o potencial argumentativo de um enunciado.

(12) **Só** o João foi reprovado (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 182).

Pelo caso (12), é possível obter duas informações: a de que João foi reprovado e a de que ninguém mais, apenas João, foi reprovado. Constata-se, então, em decorrência da orientação argumentativa que o termo *só* opera, certa crítica a João pela única reprovação observada na turma, o qual, por alguma razão, não conseguiu desempenho satisfatório.

Além disso, são inúmeros os usos que podem ser feitos do termo *só*, por exemplo:

1. Focalizador restritivo, em que “*só* aceita ser parafraseado por ‘exclusivamente’ ou ‘apenas’” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 183).
2. Operador argumentativo, em que “*só* pode ser parafraseado por ‘não mais do que’ ou ‘não além de’” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 184).
3. Conjunção, em que “*só* é parafraseável por ‘mas’ em algumas situações e ‘mas’/‘só que’ em outras” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 186 e 187).
4. Parte de construção de realce, em que “*só* integra locuções do tipo ‘olha só’, ‘veja só’, ‘imagine só’” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 187).
5. Adjetivo, que “denota indivíduo sozinho, solitário, desacompanhado, único” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 187).
6. Parte da correlação *não só... mas também* e suas variantes.

Apesar da pluralidade de funções que tal palavra é capaz de desempenhar, vale dizer que, para que possamos prosseguir, nosso interesse aqui recai sobre o valor de advérbio.

A palavra *que*, por sua vez, congrega acepções em número muito maior. Segundo Câmara Júnior (apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a), ela “pode ser integrante, temporal, final, causal, consecutiva, concessiva, comparativa e base de conjunções compostas” (CÂMARA JÚNIOR apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 188).

Nesse tocante, tendo em vista a multifuncionalidade da partícula, a autora se põe a investigar qual dessas inúmeras funções teria se combinado com a palavra *só* como advérbio focalizador restritivo. Depois de algumas considerações, chega à conclusão de que, tendo em conta as acepções da perífrase *só que*, expostas na seção **2.1 Sobre a perífrase *só que***, a palavra *que* exerce – é provável – o papel de conjunção integrante a qual, “com a cristalização gradual da perífrase [*só que*], perde a transparência e passa a funcionar simplesmente como segundo membro da construção gramaticalizada” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 193).

Com relação, por fim, à palavra *não*, que exprime negação/recusa, são possíveis as funções de advérbio e de substantivo, como mostram os exemplos a seguir, respectivamente.

(13) Com desvalorização de imóveis, São Paulo **não** terá aumento de IPTU (<http://observadordomercado.blogspot.com.br/2017/03/folha-com-desvalorizacao-de-imoveis-sao.html>).

(14) A família e a falta de um **não** (<http://veja.abril.com.br/blog/letra-de-medico/a-familia-e-a-falta-de-um-nao/>)

Em (13), *não* funciona como advérbio ao modificar o verbo *ter*, conjugado como *terá*. Já em (14), a palavra *não* exerce papel de substantivo, já que, nesse caso, a anterioridade do artigo *um* modifica a função por ela desempenhada.

Ademais, vale mencionar as diversas expressões em que o termo *não* figura, como *a não ser que*, *pois não*, *quando não*, *se não* e *senão*, o que atesta sua versatilidade sintática.

Então, no que diz respeito à construção que é objeto de estudo deste trabalho, temos subsídio semântico já suficiente para voltarmos a *só que não* e demonstrarmos seu perfil, que, sabemos, herdou características de cada um dos três componentes que o constituem.

(15) Gêmeos, **só que não!** Reportagem mostra por que desconhecidos podem ser idênticos. (<http://noticias.r7.com/domingo-espetacular/videos/gemeos-so-que-nao-reportagem-mostra-por-que-desconhecidos-podem-ser-identicos-15102015>)

(16) A crise da água é apenas em São Paulo **#sqn** (<http://www.revistaecologico.com.br/noticia.php?id=3001>)

(17) Pacotão de “Pratthiago” Ribeiro: gol **#sóquenão**, mustela e vice-artilharia (<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2015/07/pacotao-de-pratthiago-ribeiro-gol-soquenao-mustela-e-vice-artilharia.html>)

Em todas as ocorrências, de (15) a (17), observa-se que, independentemente da configuração formal da construção, ela desempenha a função de quebrar as expectativas do leitor ao opor os segmentos que articula. Nesse âmbito, Heine et al. (1991) esclarecem que “a quebra de expectativas (ou cancelamento de pressuposição) acontece nas situações em que há divergência entre o que é afirmado e as expectativas ‘normais’ dos participantes” (HEINE et al., 1991 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003b, p. 143), o que quer dizer que o contraste provocado pela quebra de expectativas tem lugar quando se cancela a pressuposição do

ouvinte por meio de mudanças de natureza pragmática, que consistem, entre outras coisas, em eliminação (de parte) da informação (DIK, 1989 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003b).

Nesse tocante, em (15), por exemplo, pensa-se que o assunto a ser discutido envolva, como se sugere, irmãos gêmeos, o que faz criar certas expectativas quanto à sua leitura. Aventam-se, assim, possibilidades de compreensão/interpretação das ideias que, no âmbito daquele assunto, talvez sejam apresentadas.

Essas mesmas expectativas, no entanto, são, pela introdução de *só que não*, além de quebradas, negadas logo em seguida, o que desorienta o leitor, fazendo-o buscar outras informações que preencham a lacuna surgida.

Na ocorrência (16), por sua vez, de configuração formal abreviada e acompanhada do símbolo #, afirma-se que a crise hídrica pela qual o Estado de São Paulo passou entre 2014 e 2016, quando viu seus reservatórios baixarem drasticamente, é um mal a que todos os demais estados da federação estão imunes.

Tal afirmação nos induz, então, a fazer uma série de suposições que põem em xeque a administração pública paulista por não ter dispensado a atenção devida aos recursos hídricos do estado. Forçosamente, entretanto, nos deparamos com a ruptura dessa linha de compreensão pela articulação de *só que não*, que, na verdade, amplia a extensão do problema, provavelmente porque isso seja uma preocupação também em outras regiões brasileiras.

A ocorrência seguinte, de número (17), traz um uso bastante original da expressão, ressaltando sua versatilidade sintática.

Tem-se, primeiro, um segmento textual que faz referência a dois jogadores do Atlético mineiro à época, a saber, Thiago Ribeiro e Lucas Pratto, pela junção de partes do nome de ambos – daí *Pratthiago*. Em seguida, apresenta-se uma enumeração, com vistas a especificar os *itens* que compõem o desempenho (“pacotão”) deles em jogo contra a Ponte Preta, de Campinas.

Nesse caso, a expressão incide direta e unicamente sobre apenas um dos itens da enumeração: a palavra *gol*, o que evidencia que sua atuação é múltipla, podendo agir tanto localmente, para negar a ideia expressa por uma única palavra do todo textual, quanto extensivamente, para envolver toda a sentença. Em outros termos, a expressão quer dizer, na verdade, que o que houve foi quase um gol, e não um gol em si, quebrando, mais uma vez, as expectativas alimentadas.

Fica-nos claro, pois, que a contraexpectativa que os diferentes usos da construção expressam remonta aos traços particulares de *só*, de *que* e de *não*, os quais, inevitavelmente, acabaram sendo levados para a formação do comportamento geral de *só que*

não. Retomando, portanto, a interrogação que abre esta subseção, a contraexpectativa, ao acompanhar todos os casos da construção *só que não*, constitui, sim, um traço inexorável.

4.1.3 Do parâmetro de teor pragmático: ironia

Em linhas gerais, a *pragmática* é o ramo da linguística que se ocupa do estudo da maneira como os enunciados encerram significados diversos num determinado contexto. Assim, valendo-se das relações entre símbolos e usuários, ela vai além da *sintaxe* e da *semântica*, pois contempla a influência do contexto extralinguístico de comunicação, como o discursivo, o situacional e o social.

Trata-se, portanto, de ponto de encontro entre dois usos: o linguístico, previsto pela norma gramatical, e o comunicativo, definível apenas quando, concomitantemente, se analisam o significado, os participantes e o contexto de certa interação.

Nesse tocante, é na ironia, componente pragmático que parece intrínseco à construção *só que não*, que nos detemos – exposta nos seguintes termos:

Exemplificamos com a expressão *só que não*, amplamente utilizada nas redes sociais para contrariar uma afirmação. Por exemplo, ‘Dia lindo, só que não’ (isto é, o dia não está lindo; pelo contrário, está cinza, chuvoso, frio). Assim, cabe ao indivíduo ter a *competência metafórica* e, acima de tudo, *extralinguística* para identificar os *elementos subentendidos*, característicos dessa parte do léxico, para decodificar a mensagem – tarefa esta nem sempre fácil de realizar (MARTINS, 2014, p. 122, grifos nossos).

Com relação à exposição de Martins (2014), destaquem-se “competência metafórica [...] e extralinguística” e “elementos subentendidos”, que fazem alusão direta a uma decodificação a qual extrapola o dito, justamente porque o domínio a que se refere é o da interação como um todo constituído de vários segmentos interdependentes – a pragmática.

A ironia, segundo, por exemplo, Bechara (2004) e Lima (2003), é produto de acontecimento ou desfecho contrários ao que se esperaria das circunstâncias; trata-se da afirmação do contrário do curso de determinada declaração, encerrando a ideia de contraexpectativa. Apesar de termos já tratado da ironia em outros momentos desta dissertação, adiantando as considerações que, em princípio, caberiam a esta subseção, vale reafirmar algumas delas.

Consideremos, assim, os seguintes casos:

(18) Desmatamento caiu? **Só que não.**
(<http://www.ghgprotocolbrasil.com.br/desmatamento-caiu-so-que-nao?locale=pt-br>)

(19) Minha vida cor-de-rosa #SQN (<https://goo.gl/T6wP9n>)

(20) Bata branca e short jeans: mais básica impossível **#sóquenão** (<http://cucaamorim.com.br/bata-branca-e-short-jeans-mais-basica-impossivel-soquenao/>)

(21) Por que eu a chamo de “a evolução”? Simplesmente pelo fato de minhas capas terem evoluído hueheuhue, (risos) **#só que não**, minhas capas continuam horríveis, mas em comparação as mais velhas, essas novas tão perfeitas. Sem mais delongas, bam, bam, baaaam, vamos a capa. (<http://demiforeverpage.blogspot.com.br/2013/11/capa-em-psd-5-evolucao.html>)

(22) Velhas papa anjo?! **#soquenao**: um novo olhar sobre as formas de amar na velhice feminina. (<https://goo.gl/AZuUo9>)

Todas as ocorrências, de (18) a (22), apresentam o componente irônico associado à veiculação de sentido. O encapsulamento provocado pela expressão, que não deixa haver complemento explícito, é, pois, resultado da presença de ironia. Em outras palavras, justamente a implicação irônica dá margem à ausência de complemento.

Retomemos o exemplo (18) e o complementemos:

(18a) Desmatamento caiu? **Só que não** [caiu].

Nele, como já discutimos, um mecanismo básico é o de, quando da existência de um verbo no primeiro segmento textual ou oração, a expressão solicitar a repetição de tal verbo (a saber, *cair*) e, então, encapsulá-lo, deixando-o implícito, o que inviabiliza a interposição de um complemento, como fazemos quando recorremos às partículas *mas* e *só que*.

Outra característica desse uso diz respeito ao fato de, mesmo interrogativamente, a primeira porção textual fornecer ou sugerir uma informação – pressupondo a construção de determinado sentido e, por conseguinte, a criação de certas expectativas nessa mesma direção – e a segunda oração, aquela introduzida pela expressão em estudo, negá-la, desfazê-la, contrariá-la, alterando o curso da direção ao quebrar as expectativas correspondentes. Em outras palavras, se a primeira oração sugere uma queda do desmatamento da fauna e flora brasileiras, *só que não* deixa claro que não, ora porque tenha se estagnado, ora porque, infelizmente, tenha crescido.

Considerando as dimensões sintática e semântica respectivamente, com as quais a ironia trava contato para estabelecer a si mesma, percebe-se que a ausência de particularização é, na verdade, fruto da ação de tal componente pragmático, que, por um lado, alivia o tom seco e terminativo da negação e, por outro, intensifica o valor expresso pela

construção *só que não*, modalizando a declaração. Logo, não fosse a ironia veiculada, a negação pura e simples seria um tanto impolida, grosseira, como já discutiu Neves (2006).

Quanto à ocorrência (19), por sua vez, o que se apresenta é um título infantojuvenil de um livro digital publicado pela editora Rocco e comercializado pela Saraiva. Nele, trata-se, de acordo com a própria Saraiva, do seguinte:

Durante um assalto em um posto de gasolina, três jovens ficam presos dentro de um banheiro em uma cidade do interior. Este encontro une suas vidas de uma forma que eles não esperavam, pois juntos terão que superar seus próprios medos para desvendar um crime, viver uma grande paixão e, quem sabe, conseguir fugir desse lugar tão angustiante e claustrofóbico. *Minha vida cor-de-rosa #SQN* é um projeto inovador da Rocco Digital que acompanhou on-line a rotina e os desafios de um escritor em seu processo criativo (SARAIVA, 2014, s/p).

Embora, apenas pelo título seja já possível depreender que o que se diz é que a vida nada tem de fácil, em virtude das peças que, a todo o momento, nos prega, o que se faz é também, primeiro, estabelecer uma afirmação e, depois, contrariando as expectativas do interlocutor, negá-la – daí se tratar de uma declaração de efeito irônico.

Como nem a primeira porção textual da sentença apresenta verbo, recorreremos a um dos genéricos *ser* e *estar* e constataremos, então, a noção de oração. Eis a seguinte construção:

(19a) Minha vida [é] cor-de-rosa #SQN [é]

Ambos os verbos, apesar de implícitos, não deixam dúvidas de que o que se tem é, na verdade, um período composto de duas orações coordenadas. A primeira é a responsável por introduzir a ideia de que a vida do narrador-personagem da história são flores, com tudo conspirando a seu favor; já a segunda, decerto pelos desdobramentos do assalto que ele sofre, tem por função, contrariando as expectativas alimentadas até então, desdizer a afirmação, de maneira a referir que a vida dele é ordinariamente igual à de todos nós, com vicissitudes mil. É justamente esse choque instantâneo de *versões* o responsável pela tom sarcástico que a declaração encerra.

Também os demais casos, de (20) a (22), cada um à sua maneira, já que tanto os contextos quanto as grafias da expressão são diversos ao promover um conflito de versões – ora uma positiva, ora uma negativa –, veiculam a ideia de contraexpectativa e, então, produzem ironia.

Conclui-se, assim, que, no caso da expressão em destaque, o que imprime ironia a todas as suas ocorrências é a quebra de expectativas provocada pela justaposição de ideias contrárias – definição de ironia.

4.1.4 Do parâmetro de traço textual-discursivo: gêneros textuais

As situações comunicativas às quais somos expostos diariamente são infinitas. A todo o momento, travamos interação – seja oral, seja escrita –, o que nos demanda certo comportamento linguístico. Portanto, assim como são vários os eventos comunicativos de que participamos, são várias, na mesma proporção, as posturas linguísticas adotáveis.

É nesse âmbito que se justificam os gêneros textuais. Ao partilhar peculiaridades, eles podem ser identificados, reconhecidos e categorizados, permitindo ao falante adequar o tom de sua declaração a determinado momento linguístico. Para tanto, é preciso, porém, considerar elementos como intenção, estilo, estrutura e função social de certa declaração, uma vez que as práticas sociocomunicativas são dinâmicas e variáveis.

Se pensarmos, nesse sentido, numa carta, hoje substituível pelo e-mail, dadas as circunstâncias em que vivemos, os elementos que, obrigatoriamente, a identificam são saudação, remetente e destinatário, do ponto de vista de sua estrutura. Em outras palavras, esse é o seu tipo estável de enunciado. Outrossim, se considerarmos uma publicação do *Facebook* – gênero textual contemporâneo –, será necessário atentarmos para as suas características básicas, de modo a não fugir ao escopo dos textos desse tipo.

Assim, a definição de um gênero textual contempla pelo menos quatro aspectos: propósito comunicativo, estilo, conteúdo e função social. Tais peculiaridades, apenas quando vistas em conjunto, é que diferenciam, por exemplo, um artigo de opinião de uma reportagem.

Tendo em vista tais considerações, nesta subseção nosso objetivo é, ao olhar as ocorrências de *só que não* do ponto de vista dos gêneros textuais, registrar os tipos de interação escrita que têm privilegiado as diferentes configurações da expressão em estudo.

Para tanto, apresentamos o quadro a seguir. Nele, elencam-se os gêneros textuais que mais apareceram vinculados a algum uso da construção *só que não*.

Quadro 4 – Gêneros textuais mais produtivos

Ordem de ocorrência	Gêneros textuais	Em relação ao universo de dados da pesquisa
1	Coluna, artigo de opinião e editorial ²³	45%
2	Blogue	34%
3	Reportagem	21%

Fonte: elaboração própria.

Ressalte-se, antes de começarmos de fato, que o escopo desta pesquisa, como deixamos claro no capítulo **3 Metodologia**, é o de verificar o espraiamento dos usos da expressão *só que não* por esferas discursivas diferentes das redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*. Isso, porque, na medida em que consideramos seu nascedouro e *habitat*, a saber, as redes sociais, não faria sentido, para o nosso propósito aqui, levar em conta publicações dessa natureza, já que é claro que os usos dessa expressão predominam em tais ambientes.

Nesse tocante, tendo em vista os objetivos que pretendemos perseguir, os usos da construção em estudo advindos desses meios foram preteridos por meio de análise qualitativa minuciosa, assim como os extraídos de ambientes dedicados à produção de humor.

Como se vê, os gêneros *coluna, artigo de opinião e editorial*, com o propósito de expressar uma opinião particular (do próprio colunista ou articulista) ou geral (do veículo de comunicação como um todo) a respeito de um assunto atual, polêmico e relevante no âmbito da formalidade requerida, são, dos mais produtivos com relação à expressão *só que não*, os mais associados a esse uso, com 45% das ocorrências contidas nesse tipo de contexto.

²³ Dadas as similaridades partilhadas pelos gêneros *coluna, artigo de opinião e editorial*, decidimo-nos por agrupá-los sob a mesma categoria, de maneira a lançar-lhes um único olhar, já que suas fronteiras, muitas vezes, se entrecruzam.

Um exemplo pode ser o seguinte:

Figura 12 – Ocorrência em coluna do jornal *Folha de S. Paulo*



Campeões (só que não)

29/01/2016 © 02h00



Parecia cena de filme de espões. Sentado em uma mesa da praça de alimentação do aeroporto de Atlanta, em frente a um restaurante chinês, Adam Nelson esperava por um homem que não conhecia. O estranho chegou, sentou-se, colocou uma caixa sobre a mesa e a empurrou em sua direção. Nelson fez o mesmo, sacou sua caixa da mochila e a entregou ao homem.

Fonte: Folha (2017).

Nessa coluna especificamente, cujo espaço que ocupava é cedido por um dos maiores veículos de comunicação escrita do país, o jornal *Folha de S. Paulo*, a jornalista trata das competições esportivas como propulsoras e, ao mesmo tempo, como inibidoras de oportunidades, haja vista que são diversas as injustiças que podem ser cometidas em eventos como esses. Isso, porque nenhuma avaliação está isenta de erros.

Destaque-se o fato de a construção *só que não* estar presente já no título do texto, talvez com o objetivo de chamar a atenção do leitor, sugerindo se tratar de uma publicação atual e relevante também pela criatividade linguística, que se manifesta por meio do uso da expressão em estudo. Registre-se também a configuração formal escolhida: a por extenso.

Observemos outra ocorrência, a Figura 13.

Figura 13 – Ocorrência em artigo de opinião da revista *Consultor Jurídico*



Consultor Jurídico
conjur.com.br

Capa Seções Colunistas Blogs Anuários Anuncie Apoio Cultural

Livraria Mais vendidos Boletim Jurídico Cursos Busca de livros

OPINIÃO

Rebaixar supersalários é retaliação, só que não!

17 de dezembro de 2016, 11h48

 [Imprimir](#)  [Enviar](#)  [2311](#)  [4](#)  [4](#) 

[Por Cezar Roberto Bitencourt](#)

Tem-se a impressão que grande parte das pessoas encontra-se tomadas por um maniqueísmo absurdo. Ou você é a favor ou contra, ou você pertence a um ou a outro grupo. Qualquer coisa que se fale já é taxado como "a favor" ou "contra" a lava-jato e "a favor" ou "contra" a corrupção, a favor ou contra o Ministério Público. Mas não é nada disso. Não há anjos em nenhum desses lados! Não é a luta do bem contra o mal!

Fonte: Consultor Jurídico (2016).

No artigo em questão, escrito por um procurador já aposentado, professor universitário e advogado e publicado pela revista *Consultor Jurídico*, promove-se uma reflexão opinativa sobre o caráter corruptor até mesmo do lado que se diz contrário à corrupção, quando se apercebem os supersalários pagos pelo Poder Judiciário aos seus magistrados. De acordo com o texto, isso representa um contrassenso, porque “são questões [para] que a sociedade exige resposta, precisa de uma explicação racional, moral, ética e constitucional! Afinal, todos os integrantes da Administração Pública não são iguais perante, e a lei e a Constituição Federal não vale[m] para todos?” (CONSULTOR JURÍDICO, 2016, s/p).

O fato é que, também nesse caso, a construção *só que não*, por extenso, consta do título do texto, o que indica, talvez, o caráter de pinça de tal uso, capaz de despertar a atenção até mesmo de leitores que representem categorias profissionais diametralmente opostas às jurídicas – daí a ironia produzida em torno da afirmação que constitui o título.

Ainda no âmbito da categoria de gêneros mais produtores, a Figura 14, a seguir, apresenta uma ocorrência da expressão em editorial.

Figura 14 – Ocorrência em editorial do jornal *Hoje em Dia*

The image shows a screenshot of a news article header. At the top, the title "Renovação, só que não" is displayed in a large, bold, black font. Below the title, the text "Editorial / 28/09/2016 - 06h06" is visible. A horizontal bar contains social media sharing options: "Compartilhe" (Share), an envelope icon, Facebook (f), Twitter (bird), and Google+ (G+). To the right of these icons is a "Link:" field with the URL "http://hoje.vc/qqxq". Further right are icons for a printer and a warning sign. Below the sharing bar, a short paragraph of text is visible, starting with "O leitor do Hoje em Dia sabe, pelas reportagens publicadas nos últimos dias, que a crise política e as mudanças das regras para a disputa das eleições deste ano estão influenciando na campanha. Embora a gente só possa fazer análises mais específicas após o resultado, já podemos observar algumas tendências por meio das pesquisas de intenção de voto."

Fonte: Hoje em Dia (2017).

Nesse caso, o jornal *Hoje em Dia*, fundado em 1988 na capital mineira, Belo Horizonte, apresenta um editorial. Nele, discute-se um novo comportamento dos eleitores brasileiros na tentativa de se desvincular de legendas já tradicionais, como PT, PSDB e PMDB, sempre envolvidas em algum escândalo: o de votar em candidatos de partidos de pequeno e médio portes, “famosos por ter no ex-deputado federal Eduardo Cunha (RJ) o seu líder mais famoso” (HOJE EM DIA, 2017, s/p). Faz-se, então, um alerta: não é assim que conseguiremos renovar ou mudar significativamente a política praticada no país.

Nota-se que a construção *só que não* consta do título da publicação, ora para despertar a curiosidade do leitor, ora para deixar claro, de imediato, se tratar de um texto para cuja construção de significado é preciso recorrer à ironia. Além disso, a grafia da expressão é também a por extenso nesse contexto.

Com relação ao segundo ambiente textual mais produtivo, com 34% das ocorrências coletadas, avulta-se o blogue. Justamente por se aproximar do gênero *diário pessoal*, autorizando tratar de uma infinidade de temas numa linguagem também variável, em conformidade com o grau de importância do assunto, ele tem aparecido muito associado a

revistas e jornais – apesar de ser possível flagrar alguns casos independentes, como mostra a Figura 15.

Figura 15 – Ocorrência em blogue independente de moda



31
MAR
2016

O estilo (DIVA) Thássia Naves
postado em [Minhas escolhas](#) por [laizaviana](#)

Boa tarde amores...

Atualmente, quando se fala de moda é quase inevitável não falar de Thássia Naves, a mineira mais *fashionista* do Brasil!

Thássia Naves é um desses fenômenos da internet que com o seu talento NATO para deixar qualquer look arrasador se destacou no mundo virtual!

Dona de um bom gosto irretocável, a *blogger* de poucos sorrisos mas muita simpatia é a *it girl* mais curtida, seguida e admirada na atualidade... Mas sejamos francas, qual pobre mortal que não daria tudo pelo *closet* dela? (Primeira da fila disparaaaaada!!! rsrs)

E é por tudo isso que hoje dedico o post à ela e para trazer as minhas escolhas by Thássia Naves, vamos conferir?

Primeiro que tal conferirmos os chamados: pretinhos básicos #sqn (só que não meeesmo)! Sempre ousada, Thássia abusa da criatividade, originalidade e do charme para compor os seus looks. Seja para uma festa glamourosa, seja para um café na esquina (jamais imaginei Thássia em um café na esquina, rs) o fato é que ela NUNCA estará básica, afinal, GLAMOUR é o seu "sobrenome"!

Fonte: Blog da Lalo (2016).

Nesse blogue independente, já que suas publicações são autônomas, sem vinculação com nenhum veículo de comunicação, trata-se, sobretudo, de moda. Sua mantenedora, no excerto apresentado, faz uso da construção *só que não* na primeira linha do último parágrafo, meio pelo qual ela estabelece uma afirmação e, logo em seguida, a nega, dizendo que a cor preta pode ser tão elegante quanto qualquer outra.

Percebe-se que, para desdizer a afirmação de que “pretinhos [são] básicos”, ela recorre, primeiro, à configuração abreviada da expressão, a saber, #sqn, e, depois, à sua configuração por extenso, a saber, *só que não*, intensificada pela presença do advérbio *mesmo*. Já vimos, porém, que a expressão *só que não* tende a não ser particularizada, a não ser pela retomada implícita do verbo da primeira porção textual ou um verbo genérico, como *ser* e *estar*. Assim, a presença do advérbio *mesmo* consistiria numa redundância, uma vez que a

construção em questão tem já força suficiente para, produzindo ironia, negar veementemente determinada informação, como demonstramos.

Outro exemplo é a Figura 16, que traz uma publicação de um blogue associado ao jornal *O Estado de S. Paulo*, de circulação nacional.

Figura 16 – Ocorrência em blogue do jornal *Estadão*



Ao acabar com o mistério, **Gatti talvez estivesse esperando o aplauso dos críticos e o agradecimento dos fãs. Só que não. Foi devidamente espinafreado.** Por ter invadido a privacidade de Elena

Fonte: Estadão (2017b).

O texto da Figura 16, intitulado *A verdade das mentiras de Elena Ferrante*, discute uma revelação feita publicamente por Claudio Gatti, jornalista italiano, a respeito do nome que assina a tetralogia literária “Série napolitana”. Na verdade, contrariando o que o público imaginava, Elena Ferrante é mera ficção, sendo um pseudônimo atrás do qual, todo esse tempo, o próprio jornalista se escondeu, o autor legítimo.

Nesse sentido, a construção *só que não* – também grafada por extenso –, por meio de seus mecanismos, desdiz a afirmação anterior e a ironiza justamente ao estabelecer que, em vez de reconhecimento, o que o autor obteve com essa revelação foi não menos que certa desmoralização, porque se pensava ser uma produção autobiográfica. Tal declaração, então, críticos e leitores compararam a uma traição literária.

Por sua vez, o terceiro gênero textual mais abundante quando se pensa na expressão *só que não é* a reportagem, que tem como objetivo informar seu público leitor acerca de determinado assunto com a imparcialidade e neutralidade cabíveis a um jornalista no âmbito da formalidade requerida pelo veículo de comunicação para o qual trabalhe.

A Figura 17, por exemplo, apresenta uma reportagem produzida por jornalistas em início de carreira, chamados de focas, no âmbito do 27º. Curso Estado de Jornalismo – treinamento oferecido anualmente pelo jornal *O Estado de S. Paulo* a profissionais do meio.

Figura 17 – Ocorrência em reportagem do jornal *Estadão*

Inofensivos, só que não

Em excesso, descongestionantes e analgésicos podem provocar doenças graves

27º Curso Estado
de Jornalismo

MARINA MORI E RICARDO MIORELLI

Eles estão no balcão da farmácia e na caixa de remédios que todo mundo tem em casa. São baratos e parecem inofensivos. Neosoro, Dorflex, Paracetamol: remédios famosos por proporcionar alívio quase imediato a sintomas comuns, do nariz entupido à dor de cabeça. Quando consumidos em excesso, porém, podem ter o efeito inverso e causar doenças difíceis de resolver. Uma rinite que piora após sete dias de uso do descongestionante, uma dor de cabeça que se torna crônica com o consumo de dez comprimidos mensais e um tratamento para gripe que pode causar hepatite e, em alguns casos, até levar à morte.

Fonte: Estadão (2017a).

No texto em questão, abordam-se os riscos a que nos sujeitamos quando, sem orientação ou acompanhamento médicos, fazemos uso de medicamentos.

Vale salientar que, mais uma vez, a construção *só que não é* referida já no título da matéria, o que sugere a relevância do papel por ela desempenhado. Em outras palavras, quando se opta por destacar uma expressão como *só que não* – nesse caso, também na sua configuração inteiriça –, deixa-se entrever certo protagonismo de tal uso.

Na figura a seguir, a 18, há outra reportagem, desta feita no jornal *O Globo*, em cujo título está presente a construção *só que não*.

Figura 18 – Ocorrência em reportagem do jornal *O Globo*



O GLOBO MENU ECONOMIA ▾

Unimog brasileiro. Só que não...

25 de julho de 1958

POR JASON VOGEL

31/03/2016 10:45 / atualizado 31/03/2016 13:28

f t g+ in



Fonte: O Globo (2016).

Nela, discute-se que, embora prometida pela Mercedes, a nacionalização do jipe Unimog não ocorreu. Isso, porque a empresa resolveu produzir o modelo em solo argentino, e não na fábrica de São Bernardo do Campo, na grande São Paulo, onde já montava o caminhão L-32 – daí o título, que, primeiro, dá a entender se tratar do Unimog brasileiro e, em seguida, quebra as expectativas do leitor, negando e ironizando tal sugestionamento.

Mais um exemplo de uso da expressão em reportagens de grandes veículos de comunicação é apresentado a seguir, na Figura 19.

Figura 19 – Ocorrência em reportagem da revista *Veja*

Economia

Consumo: você acha que tem direito? Só que não

Ao contrário do que diz a máxima, nem sempre o cliente tem razão; antes de recorrer à Justiça por direitos que supõe ter, é preciso se informar

Por **Claudia Rolli**

© 27 out 2016, 11h52 - Publicado em 27 out 2016, 08h16

Se você ainda pensa que escrever um “bom para” garante que o fornecedor ou lojista irá depositar seu cheque na data escolhida, Márcia Christina Oliveira, especialista em Direito do Consumidor da Fundação Procon SP, alerta: “A não ser que haja esse acordo por escrito, não há o compromisso de depositar no dia marcado”, afirma. “O cheque é um meio de pagamento à vista. E também não adianta fazer um cheque nominal porque, se for endossado no verso, ele vira um cheque ao portador e pode ser descontado.”

Fonte: *Veja* (2016).

Nesse texto, põe-se em xeque o ditado de que *o cliente sempre tem razão*, uma vez que muitos dos direitos que nós, consumidores, supomos ter garantidos não passam de inverdades. À guisa de exemplificação, elencam-se, então, as áreas nas quais mais julgamos ser passados para trás pelos lojistas, como compras virtuais, danos a equipamentos eletrônicos e defeitos ou falhas em produtos ou serviços.

Também nesse excerto, a construção *só que não* consta já da manchete da reportagem, articulando, de pronto, a quebra de expectativas inerente ao seu emprego. Assim, à pergunta retórica “Você acha que tem direito?”, o próprio texto, logo em seguida, responde com “Só que não [tem]”.

Com base nessa exposição, o fato é que *só que não*, apesar de se verificar também fora do domínio das redes sociais, como demonstramos, aparece mais em seções, temas, discussões e assuntos relacionados a campos como a cultura, a arte, a política e o entretenimento, entre os quais a fofoca, o esporte e a moda. Isso pode ser justificável pela ironia, que, em textos desses âmbitos, é bastante mais necessária para a construção da significação como um todo. Em outros termos, como se trata de contextos em que a ironia é

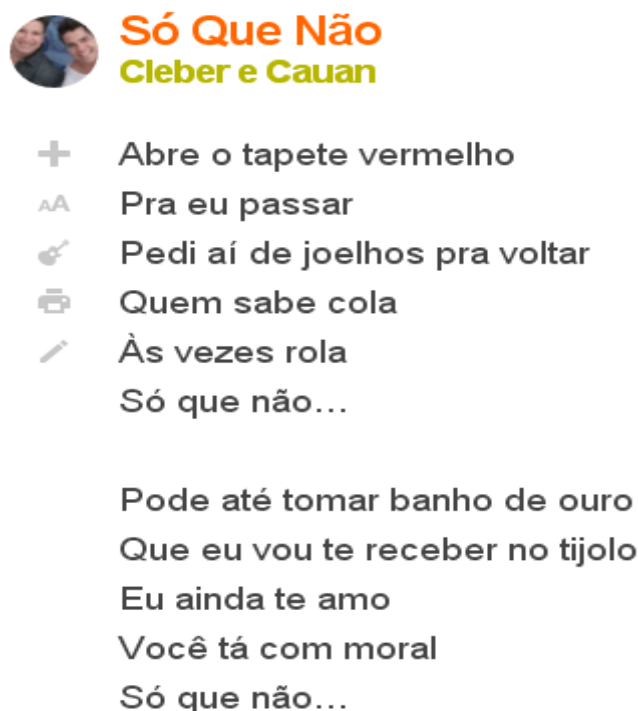
figura presente e imprescindível para a construção da significação, é natural que esses sejam os campos mais ligados às ocorrências da expressão.

Além disso, vale destacar a presença da construção em vários títulos e manchetes, como vimos demonstrando, o que revela o interesse dos textos, de maneira geral, de se aproximar do público, de falar uma linguagem mais afeita à popular, com vistas a despertar e prender a atenção do leitor.

Uma curiosidade é a infinidade de produções artístico-literárias que, sobretudo no título, não prescindem de fazer uso da expressão em questão.

Há, por exemplo, pelo menos dez letras de música – a maioria pertencente ao gênero *sertanejo universitário*, com representação também os gêneros *funk*, *fandango*, *rap* e *pagode* – cujo título é, apenas e justamente, a expressão em estudo.²⁴ Dentre elas, destacamos três, como mostram as figuras a seguir.

Figura 20 – Ocorrência em letra de música da dupla Cleber e Cauan



Fonte: Letras (2013a).


O conteúdo retratado pela Figura 20 é parte de uma canção chamada *Só que não*, lançada ainda em meados de 2013 pela dupla sertaneja Cleber e Cauan, que emprega a expressão não só como título mas também no corpo do texto.

²⁴ As letras de música às quais nos referimos são interpretadas pelos seguintes artistas: Bonde do Clã; Cleber e Cauan; Erikka Rodrigues; Garotos do Fandango; Harmonia do Samba; Léo e Raphael; Lucas e Diogo; Lupper; Taty Kiss; e Thiago Guedes e Rodrigo.

Constata-se o mesmo uso já descrito: primeiro, faz-se uma afirmação (“Às vezes rola”, constante do penúltimo verso da primeira estrofe) que, imediatamente depois, é negada e ironizada com a retomada implícita do verbo da primeira oração (“Só que não [rola]”, constante do verso seguinte). Vale também dizer que a expressão encerra, sim, significado ao ser o único elemento a compor o título da música, atuando autonomamente.

A figura a seguir traz outro exemplo, contemporâneo do anterior, de dezembro de 2013.

Figura 21 – Ocorrência em letra de música da cantora Erikka Rodrigues



Só Que Não
Erikka Rodrigues

- + Tá fazendo arruaça, tô achando graça
- AA Cê acha que vai me provocar
- 🎸 Atirando pra tudo que é lado,
- 📄 Perdeu, ninguém quer te pegar!

Quero seu amor pra mim, só que não!
 Você acabou pra mim
 Cê pode até achar que vai me convencer, só
 que não!
 Quero seu amor pra mim, só que não!
 Você acabou pra mim
 Cê pode até achar que vai me esquecer, só
 que não!

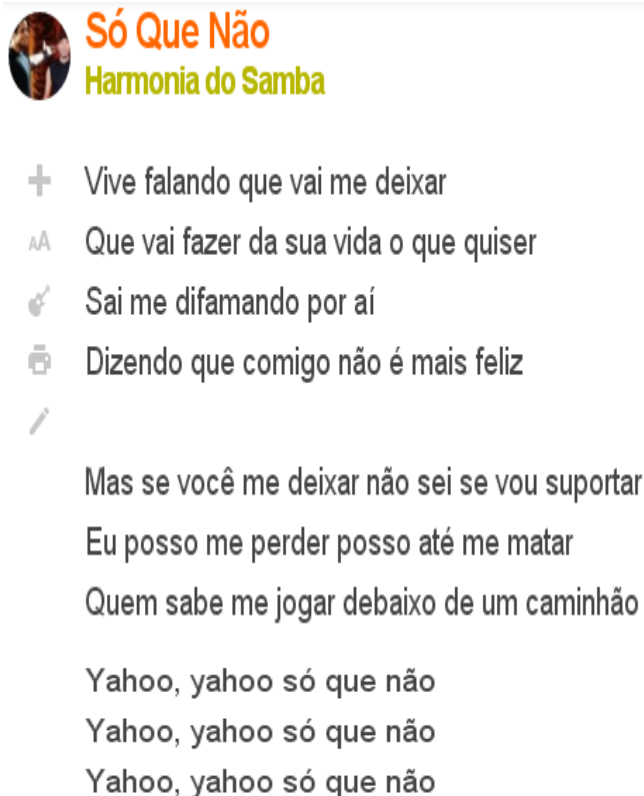
Fonte: Letras (2013b).

Na Figura 21, de que constam a primeira e a última estrofes da canção sertaneja, a construção aparece relacionada como protagonista do título, já que é o único elemento a compô-lo, e no corpo do texto, em todos os casos estabelecendo oposição à base de ironia.

No primeiro verso da última estrofe, por exemplo, a declaração feita (“Quero seu amor pra mim”) é, logo em seguida, desdita pela articulação de “só que não [quero]”, com a retomada implícita do verbo da primeira oração. É dessa ruptura repentina das expectativas criadas que emerge a ironia.

A terceira e última letra de música referida é a seguinte, apresentada pela Figura 22.

Figura 22 – Ocorrência em letra de música do conjunto Harmonia do Samba



Fonte: Letras (2016).

A música em questão, cujo extrato evidencia apenas a primeira e segunda estrofes e uma parte do refrão, é interpretada por um dos grupos de axé e pagode mais famosos do país, com uma série de sucessos emplacados ao longo de seus 24 anos de formação musical.

Da mesma forma, o título da música compõe-se somente da construção *só que não*, que encontramos também no corpo da letra, o que desconstrói a ideia de que apenas intérpretes ou conjuntos em início de carreira dedicaram músicas à expressão em questão.

Constata-se, com isso, que também tais usos, próprios de um ambiente ao qual licenças poéticas são sempre bem-vindas, apresentam o comportamento verificado em outros contextos, ou seja, adversão, quebra de expectativas e ironia.

Outro tipo de caso que julgamos relevante explicitar consiste num livro digital destinado ao público infantojuvenil, já referido, chamado “Minha vida cor-de-rosa, #SQN”, conforme a Figura 23.

Figura 23 – Ocorrência em livro digital



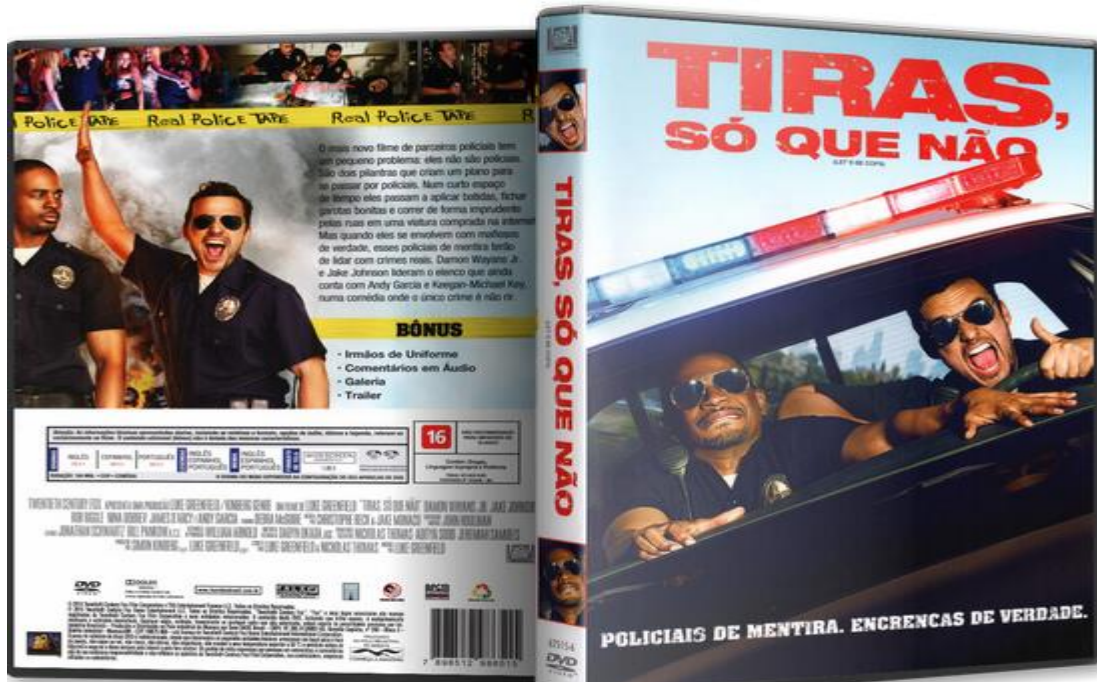
Fonte: Saraiva (2014).

Saliente-se, nesse caso, a preferência pelo uso da configuração abreviada da expressão, geralmente acompanhada do símbolo #. Nesse tocante, tendo em vista que a obra se dirige ao público (pré-)adolescente, o que pode justificar seu formato digital, sua capa colorida e sua história instigante e criativa – elementos que, por si sós, têm forte apelo entre os mais jovens –, por que não recorrer também a uma linguagem mais representativa desse universo a começar já do título?

No que tange à formação de sentido, a expressão, sempre posposta a uma declaração ou afirmação, tem como objetivo incidir sobre a porção textual imediatamente anterior. Assim, apesar de “Minha vida cor-de-rosa” estabelecer expectativas que levem o leitor a pensar se tratar de uma história de vida sem a presença de nenhum percalço, a construção *só que não* (re)orienta o sentido em direção completamente oposta, de maneira a assentar que o que se tem, na verdade, é uma vida como qualquer outra, repleta de dificuldades. Logo, quebram-se as expectativas iniciais e, em decorrência da repentinidade de tal ruptura, produz-se ironia.

Mais uma ocorrência constatada diz respeito a um filme chamado originalmente “*Let’s be cops*”, produção americana de ação e comédia lançada em agosto de 2014 tanto no Canadá quanto nos EUA, cuja tradução para o português, que envolve a construção *só que não*, é “Tiras, só que não”. A Figura 24 reproduz a capa e a contracapa da película.

Figura 24 – Ocorrência em filme



Fonte: GameCover (2014).

Em linhas gerais, a história é protagonizada por dois amigos que, não acumulando nenhum grande feito nem na vida pessoal nem na profissional, participam de uma festa a fantasia vestidos de policial. A vizinhança, porém, que acredita que eles sejam mesmo tiras, começa a chamá-los para resolver os mais diferentes conflitos, o que os faz ganhar o reconhecimento dos jovens e o apreço das garotas. O problema se instaura quando, inevitavelmente, eles se veem envolvidos na dissolução de crimes especializados, praticados por mafiosos e acobertados por detetives corruptos.

As expectativas que o título da obra sugere são confirmadas pela sua sinopse. Em outras palavras, a primeira porção textual (“Tiras [são]”, com um verbo genérico elíptico) sugere que o filme, de fato, retratará a vida de agentes da polícia, o que cai por terra quando, logo em seguida, irrompe a construção *só que não*, a saber, “só que não [são]”, negando e ironizando a declaração inicial.

Desse modo, registra-se certa regularidade da construção, ao incidir sempre sobre a oração anterior, negando-a e ironizando-a, e ao estabelecer expectativas diferentes das iniciais, (re)orientando o sentido.

Por fim, outro caso curioso consiste numa série do Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas composta de cinco episódios, apresentada pelo humorista Marcelo Marrom, veiculada pelo *YouTube* e chamada “Pequenos #SQN”, com o objetivo de, em comemoração do Dia da Micro e Pequena Empresa, contar casos de empreendedorismo bem-sucedidos. A Figura 25 mostra a página referida.

Figura 25 – Ocorrência em série empresarial



Fonte: Sebrae (2016).

Nesse exemplo, preferiu-se a configuração abreviada da expressão, que, geralmente, vem acompanhada do símbolo #, como já demonstramos. Apesar disso, o comportamento de negar e ironizar uma afirmação anterior, pela quebra de expectativas, se mantém, o que evidencia que, independentemente da configuração formal que se escolha usar, o funcionamento é o mesmo – característica indicativa de sua homogeneidade e estabilidade.

Concluimos, pois, que todas essas ocorrências sugerem a versatilidade da expressão. Ao transitar livremente pelos mais diferentes ambientes e modalidades da língua, adequando-se aos mais diferentes padrões, a construção parece livre de (pre)julgamentos.

Das cinco configurações formais mais produtivas da construção, quatro são inteiriças, ou seja, grafam-se por extenso, e apenas uma usa as iniciais dos três termos que a

compõem. Ademais, quatro configurações formais da expressão vêm antecidas do símbolo # em quase a totalidade de suas ocorrências, o que confirma sua natureza internética, haja vista que o símbolo #, conhecido como *hashtag*, é um tipo de etiqueta que, ao rotular determinada publicação nas redes sociais, facilita a busca por mensagens afins.

Assim, a despeito de a presença do símbolo #, próprio de ambientes de escrita menos formal na rede mundial de computadores, ratificar o traço internético da construção, fazendo-a produto do internetês, há uma transgressão por ela praticada também com relação ao internetês, uma vez que este, sabemos, constitui-se de reduções, abreviações vocabulares. Em outros termos, a construção em análise demonstra versatilidade ao transitar por entre a informalidade, já que lança mão de recursos que a aproximam do internetês, e a formalidade, dada sua preferência pela grafia por extenso, afastando-a do internetês.

Por fim, arriscamo-nos a dizer que essa expressão está um ou mais passos à frente de outras advindas de contextos semelhantes, por exemplo *se pá* – objeto de pesquisa de Agostini (2014, 2016). Também dotada de traço bastante acentuado de informalidade, a construção desempenha ora o papel de advérbio, ora o de conjunção condicional, ora o de marcador discursivo.

A construção *se pá* é um desafio para as gramáticas no que tange à sua classificação, pois pode ser categorizada de maneiras distintas: como advérbio, conjunção condicional ou marcador discursivo. Como advérbio, parece ser utilizada para expressar dúvida, por exemplo, um *talvez*. Esse uso pode decorrer do fato de que o falante, às vezes, evita determinados usos formais, então recorre à construção para marcar um conteúdo hipotético. Já como conjunção condicional, o *se pá* expressa uma condição em relação à oração principal. E, por fim, o uso como marcador discursivo é utilizado no nível do discurso para interação social. Vemos, portanto, uma vagueza na classificação categorial (AGOSTINI, 2016, s/p, grifos nossos).

Nesse sentido, tal caráter, ainda bastante indefinido, nos autoriza a dizer que o reconhecimento das condições mobilizadas pela construção *só que não* a predispõe ainda mais a ser legitimada como locução conjuncional, já que, em relação a uma expressão como *se pá*, nosso objeto de estudo demonstra ser muito mais homogêneo, regular e, por conseguinte, estável.

4.2 Gramaticalizando

Como, a todo o momento, orientamos nossa discussão com vistas a provar a gramaticalização da expressão *só que não* como conjunção de contraexpectativa, nada mais pertinente que, expostos os resultados de mais expressividade, retomemos conceitos-chave do campo da gramaticalização e os apliquemos ao seu estudo.

Tendo em vista, portanto, a definição tradicional das partículas *só*, *que* e *não* isoladamente, referida na subseção **4.1.2 Do parâmetro de caráter semântico: contraexpectativa**, tratamos mais diretamente da atuação dos mecanismos de gramaticalização sobre a construção em estudo.

4.2.1 Operacionalização

Quando se considera um caso como o seguinte:

(23) Anitta esclareceu que não quer rótulos na relação com Pablo Morais: ‘A gente sai, **só que não tem um nome**: pode virar namoro ou não’. (http://www.purepeople.com.br/midia/anitta-esclareceu-que-nao-quer-rotulos-n_m1595378).

Nota-se, como já expusemos, um uso de *só que não* diferente daquele que temos descrito neste trabalho. Isso, porque, em (23), a expressão vem determinada, especificada, particularizada pela porção “tem um nome” – traço já não verificado na construção *só que não* investida de ironia, que dispensa a necessidade de qualquer tipo de complemento.

Nesse tocante, ao passo que o uso verificado na ocorrência (23) tem como característica apresentar um complemento, em decorrência de um deslizamento semântico e de uma reanálise a construção *só que não* que é objeto deste trabalho emerge sem especificador, o que atesta a existência de um contínuo unidirecional, já referido. Em outros termos, nossa análise de dados elucida um novo comportamento da justaposição *só que não*, muito mais dinâmico e versátil por transitar livremente por entre diferentes contextos – motivo pelo qual defendemos sua gramaticalização.

Como prova disso, retomemos os princípios de Hopper (1991) para a identificação de um item em gramaticalização, a saber, (i) estratificação, (ii) divergência, (iii) especialização, (iv) persistência e (v) descategorização.

Na *estratificação*, que implica a coexistência de diferentes formas no mesmo espaço, a expressão *só que não*, embora não seja o único recurso que a língua oferece para o estabelecimento de quebra de expectativas, constitui o único, em termos de expressividade e recorrência, com função de ironia. Em outras palavras, há formas equivalentes, mas não idênticas, haja vista que a construção é a única a contrastar segmentos e, ao mesmo tempo, produzir ironia.

Na *divergência*, por sua vez, em que a forma-fonte continua como item autônomo, as partículas *só* e *não*, por exemplo, permanecem como elementos autônomos, podendo ser usadas isoladamente, apesar de comporem a expressão *só que não*.

Com relação à *especialização*, que consiste na diminuição de diferenças semânticas entre um uso e outro, *só que não* é a única expressão do tipo capaz de encerrar a ironia aqui descrita. Essa é, portanto, sua especialização.

Na *persistência*, que tem a ver com os significados compartilhados pela forma-fonte e pela forma-alvo, são dois os traços pelo menos: quebra de expectativas e focalização, ambos transferidos de *só* para *só que não*.

A *descategorização*, por fim, implica perda de mobilidade da partícula *só*, que, na expressão, tem posição fixa.

Nesse tocante, o que tem havido é o seguinte: primeiro, um distanciamento semântico de cada uma das palavras de seu correspondente original e a assunção de outras funções; em seguida, a combinação morfológica da expressão *só que*, atestada por Longhin-Tomazi (2003a), com a partícula *não* e a dispensa de qualquer tipo de complemento; e, enfim, a constituição dos componentes *só*, *que* e *não* num só grupo de força com mudança entonacional.

Atesta-se, assim, com base em teóricos como Hopper, a gramaticalização da construção, que está ainda em desenvolvimento porque os princípios de que lançamos mão são capazes de verificar apenas os estágios iniciais do fenômeno.

De acordo com Heine e Reh (1984 apud Heine et al., 1991), um estágio muito avançado do contínuo diz respeito à perda tanto da estrutura interna dos elementos formadores de uma expressão quanto da identificabilidade de suas partes, a exemplo da forma verbal *amarei*, cuja combinação *amar* e *hei* se perdeu (CEZARIO; ALONSO, 2013) – constatação que reafirma a gramaticalização apenas incipiente por que vem passando a construção *só que não*.

No que concerne à direcionalidade do fenômeno, Hopper e Traugott (1993) estabelecem a seguinte proposta de contínuo:

(I) ITEM LEXICAL PLENO > (II) PALAVRA GRAMATICAL > (III) CLÍTICO > (IV) AFIXO FLEXIONAL

Cada ponto do *cline* representa um estágio diferente de gramaticalização, com avanços, como já dissemos, que se dão paulatinamente e que não implicam exclusão. Vejamos, a seguir, o passo a passo desse desenvolvimento.

(I) *Só* como operador de foco, *que* como conjunção integrante e *não* como advérbio > (II) Combinação dos três elementos como locução conjuncional > (III) Esmacimento prosódico das partículas *só*, *que* e *não* > (IV) [*Categoria ainda não preenchida*]

No estágio (I), consideram-se os itens lexicais-fonte da expressão, cada qual com uma função. Em seguida, no estágio (II), os três elementos se juntam, desempenhando outra função, o que não quer dizer que tais partículas tenham deixado de atuar sozinhas ou de se acoplar a outros termos em outros contextos. No estágio (III), as partículas, quando juntas, compartilham já tantos traços e ocorrem já com tanta frequência que, sozinhas, enfraquecem, podendo acumular subtrações de ordem prosódica. O (IV) e último estágio, contudo, permanece em branco, uma vez que a locução em apreço não se mostra (ainda) capaz de se comportar como afixo, agregando-se a uma palavra e dando origem a outra.

Fato é que as palavras *só*, *que* e *não*, cada qual com um significado e função originais, vêm se reinterpretando e se gramaticalizando como *locução conjuncional de contraexpectativa com valor negativo*. Independentemente do futuro da locução, seu uso não se limita à informalidade nem a um único domínio, o que, representando sua força, confere vitalidade à língua.

4.3 Ampliando a perspectiva

A organização desta dissertação teve como propósito privilegiar a compreensão da integralidade do fenômeno que se descreveu, de modo que a pesquisa deixasse claros seus achados. Em outras palavras, preocupamo-nos com construir um texto que fizesse sentido de maneira natural e confirmasse ou não nossa hipótese.

Termos perseguido os objetivos iniciais, no entanto, não deve nos impedir de expor considerações que, apesar de pertinentes, não tenham sido especificamente atestadas por esta pesquisa, no sentido de serem resultado apenas da percepção do pesquisador quando da análise de seu *corp*us.

Assim como testificamos que *só que não* apresenta um perfil regular de funcionamento, notamos que o “alcance” da locução parece ser vário, o que referenda, mais uma vez, sua expressividade e versatilidade. O que queremos dizer é que a locução parece

reunir diferentes escopos, similarmente à perífrase *só que*, que apresenta pelo menos cinco acepções, conforme Longhin-Tomazi (2003a).

Nesse tocante, o fato de as Figuras 20, 21 e 22, da subseção **4.1.4 Do parâmetro de traço textual-discursivo: gêneros textuais**, trazerem a expressão como título completo de letras de música sugere uma intencionalidade diferente da de ocorrências com *só que não* sucedendo a um segmento textual, a exemplo das Figuras 12 e 13. Assim, embora *só que não* tenda a incidir sempre sobre uma porção ou oração imediatamente anteriores, às vezes a locução pode não fazê-lo, sendo autônoma o bastante para estabelecer sentido mesmo sozinha.

Além disso, analisamos casos em que a construção nega toda a oração anterior, como em (5a), da subseção **4.1.1 Do parâmetro de natureza sintática: posição**, e aqueles em que apenas parte da declaração anterior é invalidada, como em (1a), da mesma subseção.

Notamos também que a locução ora finaliza uma declaração, como mostra a ocorrência (19) da subseção **4.1.3 Do parâmetro de teor pragmático: ironia**, ora acrescenta o contexto seguinte, de acordo com o exemplo (21) da mesma subseção.

Outro apontamento diz respeito à possibilidade de a porção textual antecedida de *só que não* não conter verbo, como a ocorrência (15) da subseção **4.1.2 Do parâmetro de caráter semântico: contraexpectativa**, e de contê-lo, como o exemplo (16) da mesma subseção.

Poderíamos, portanto, pensar na existência de alguns tipos de escopo da expressão *só que não*, entre os quais talvez figurem:

- I) *só que não* escopando uma propriedade (sintagma);
- II) *só que não* escopando um evento (oração);
- III) *só que não* escopando uma proposição (oração);
- IV) *só que não* escopando uma ilocução (oração/sintagma).

De novo, vale salientar que, a despeito de nosso estudo não ter objetivado chegar a nível tão profundo de investigação, são nítidas certas nuances de escopo entre uma ocorrência e outra de *só que não*, o que fazemos questão de registrar para, quem sabe, fomentar ainda mais interesse pelo fenômeno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou a, sincronicamente, descrever o comportamento de *só que não* de uso recente, dada a ausência de trabalhos exaustivos nesse sentido apesar da expressividade cada vez maior da construção.

Partindo do pressuposto de que a construção esteja se gramaticalizando como *locução conjuncional de contraexpectativa com valor negativo*, analisamos nossos dados balizando-nos por critérios que julgamos suficientes para nos permitir confirmar ou não o estatuto da expressão.

Assim, constatamos se tratar de locução com posição fixa na sentença e de natureza formulaica, já que ela deixa de fazer sentido quando se desconsidera alguma de suas partes. Além disso, todas as ocorrências coletadas demonstraram a quebra de expectativas que *só que não* é capaz de operar, ao invalidar sempre a afirmação ou porção textual imediatamente anteriores.

Outro aspecto importante é o fato de a ironia ser componente intrínseco à construção. Em outros termos, a ironia, em todos os casos, provoca o encapsulamento promovido por *só que não*, que, implicitamente, retoma apenas o verbo da primeira porção textual ou formas como *ser* e *estar*, que são genéricas.

Ademais, quase metade das ocorrências obtidas está associada a gêneros textuais como a coluna, o artigo de opinião e o editorial – de origem jornalística –, o que nos mostra a aderência da expressão a ambientes também mais formais. Vale dizer que, a princípio, imaginávamos que a locução em estudo se restringiria a um uso muito coloquial, informal – suposição que caiu por terra quando percebemos seu emprego em contextos como jornais e revistas de prestígio.

Quanto ao rótulo *locução conjuncional*, verificamos que o papel exercido pela construção em muito se assemelha ao de uma conjunção adversativa, haja vista que *só que não*:

- funciona como conector ao relacionar duas porções textuais ou orações;
- apresenta natureza coordenativa, assim como *só que* (LONGHIN-TOMAZI, 2003a), porque liga orações de mesmo nível;
- estabelece relação de contraste por quebra de expectativas, o que caracteriza as conjunções adversativas;
- orienta o interlocutor para certos tipos de conclusão, ou seja, conduz a argumentação textual;

- é invariável, tendo posição fixa na oração e não sendo passível de nenhuma alteração.

Em seguida, por meio da aplicação de parâmetros como os de Hopper (1991), foi-nos possível comprovar a gramaticalização pela qual a expressão vem passando, ainda em estágios iniciais.

Por fim, salientamos que, não obstante a existência de inúmeras configurações formais da expressão, vem sendo preferida, pelo menos em ambientes de uso linguístico mais monitorado, a por extenso sem o acompanhamento do símbolo #, a saber, *só que não*. Já a expressão abreviada (*SQN* ou *sqn*), geralmente acompanhada do símbolo #, é também recorrente, mas em contextos menos formais de comunicação.

Não tivemos a pretensão, em momento algum, de esgotar o assunto, até porque nossos objetivos foram sobremaneira pontuais. Por isso mesmo, como inquietações para o aprofundamento do tema, registramos três:

- (i) Qual é, de fato, a origem da locução?
- (ii) Parece haver diferentes tipos de escopo para *só que não*, como sugere nosso *cópus*. Quais seriam eles?
- (iii) A locução *só que não* pode ocorrer também na subordinação?

Esperamos, com esta descrição, ter fomentado reflexões concernentes à ciência linguística brasileira, de maneira que, considerando a criatividade subjacente à língua, passemos a dispensar ainda mais atenção a seus fenômenos.

REFERÊNCIAS

- **Teóricas**

AGOSTINI, T. *Categorização da construção “se pá” no português do Brasil*. 2014. Disponível em: <goo.gl/euZNeR>. Acesso em: 25 set. 2016.

_____. *A construção “se pá” no português do Brasil: uma análise construcionista*. 2016. Disponível em: <goo.gl/dMq15S>. Acesso em: 25 set. 2016.

ALCÂNTARA, A. S. Os emergentes do idioma. *Ciberdúvidas da língua portuguesa*, n. 1.242, 2007. Disponível em: <http://www.ciberduvidas.com/idioma.php?rid=1242>. Acesso em: 6 nov. 2014.

ALONSO, K. *Construções binominais quantitativas e construção de modificação de grau: uma abordagem baseada no uso*. 2010. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ALVES, T. C. *O internetês e o ensino de língua portuguesa: uma reflexão sociolinguística*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 17., 2014, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2014.

AMORIM, F. S. *Construções causais com “por causa que”*: um caso de gramaticalização. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ANDRADE, R. M. Z. B. *Conjunções em português – aspectos sintático-semânticos*. 1987. 147 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

BAGNO, M. *Não é errado falar assim*. São Paulo: Parábola, 2009.

BAKTHIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARRETO, T. Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares? In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; ROBERTO, S. (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: Edufba, 2012.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BERGH, G. Min(d)ing english language data on the Web: what can Google tell us? *I came Journal*, v. 29, p. 25-46, p. 2005.

BORGES NETO, J. *Formalismo vs. Funcionalismo nos estudos linguísticos*. Ensaios de filosofia da linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 15-24.

CAMACHO, R. G. O papel do contexto social na teoria linguística. *Alfa*, São José do Rio Preto, v. 3, p. 19-36, 1994.

CAMARGO, D. W. F. *Os conectivos condicionais complexos “na condição (de) que” e “na eventualidade (de) que” no português escrito*. 2012. 39 f. Relatório Final (Iniciação Científica em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

_____. *Os conectivos condicionais complexos “na condição (de) que” e “na eventualidade (de) que” no português escrito*. 2014. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

CAMPBELL, L.; JANDA, R. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, Amsterdã, n. 23, p. 93-112, 2001.

CASTILHO, A. T. A gramaticalização. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, v. 19, p. 25-64, 1997.

_____. *Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro*. São Paulo: USP, 2003.

_____. Unidirectionality or multidirectionality? Some issues on grammaticalization. *Revista do GEL*, Araraquara, v. 1, n. 1, 2004.

CEZARIO, M. M. C.; ALONSO, K. S. B. Estudos em gramaticalização: uma homenagem a Mário Martelotta. In: RODRIGUES, V. V. (Org.). *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

CHEDIAK, A. J. *Nomenclatura Gramatical Brasileira e sua elaboração*. Rio de Janeiro: Cades, 1960.

CHERUBINI, F. “Internetês” traz novas palavras. *Gazeta do Povo*, Londrina, 29 set. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/gaz/mundobit/a-fantastica-fabrica-de-palavras/>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

CONTOS E INDAGAÇÕES. *De onde veio o “só que não”?* 2012. Disponível em: <<http://rickyoz.blogspot.com.br/2012/11/de-onde-veio-o-so-que-nao.html>>. Acesso em: 12 maio 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAVIES, M. *Corpus do Português: 1 billion words, 2015-16*. 2016. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N.; SARAIVA, M. E. F.; BITTENCOURT, V. O.; LIBERATO, Y. G. (Org.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

FELÍCIO, C. P. *A gramaticalização da conjunção concessiva “embora”*. 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2008.

FERREIRA, V. P. *A conjunção subordinativa “quando” na perspectiva funcional-discursiva*. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FILGUEIRAS, M. As novas gírias que prometem pegar de vez os cariocas durante o verão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1º dez. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/as-novas-girias-que-prometem-pegar-de-vez-os-cariocas-durante-verao-6875429>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

FONTES, M. G. Renovação e inovação em interrogativas de conteúdo. In: SOUZA, E. R. F. (Org.). *Estudos de descrição funcionalista: objetos e abordagens*. Muenchen: Lincom Studies in Theoretical Linguistics, 2015.

FRUET, F. S. O.; WINCH, P. G.; FAGAN, D.; ZEMOLIN, A. P. Internetês: ameaça ou evolução na língua portuguesa? *Revista da ANPOLL*, São Paulo, n. 1, p. 1-286, 1995. Disponível em: <file:///D:/Downloads/131-644-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.

GERVASIO, T. L. *Construções #SóQueNão, #SóQueSim e #SóQueNunca à luz da linguística cognitiva*. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization – a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar. A typologically-based theory of language structure*. Nova York: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization*. Filadélfia: John Benjamins Company, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, R. *Um roteiro funcional para o estudo das conjunções*. 1996. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Um+Roteiro+Funcional+para+o+Estudo+das+Conjun%C3%A7%C3%B5es&gws_rd=cr&ei=8NnEV96DCoKywATBob_oBg>. Acesso em: 28 ago. 2016.

KOCH, I. G. V. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LESSA, M. S. M. *Ordenação de circunstanciais temporais na escrita: uma comparação entre português e inglês*. 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LONGHIN-TOMAZI, S. R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional “só que”*. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003a.

_____. A perífrase conjuncional “só que”: invariância e variantes. *Alfa*, Araraquara, v. 47, n. 2, 2003b, p. 139-152. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4246/3841>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

_____. Considerações sobre a gramaticalização de perífrases conjuncionais de base adverbial. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 8, p. 215-232, 2004.

LUFT, C. P. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Globo, 1966.

_____. *Moderna gramática brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 2008.

- MARCONATO, S. A revolução do internetês. *Revista Língua Portuguesa*, São Paulo, n. 5, 2006. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11061>>. Acesso em: 17 jul. 2016.
- MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MARTELOTTA, M. E. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org.). *Estudo de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010. p. 139-171.
- MARTINS, A. P. P. Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. *Domínios de linguagem*, Uberlândia, v. 3, n. 2, 2009.
- MARTINS, S. C. Cultura, cognição e uso: aspectos de análise das expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas. *Domínios de linguagem*, Uberlândia, v. 8, n. 2, 2014.
- NEVES, M. A. G. *Aspectos cognitivos na constituição da ironia*. 2006. 194 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- NEVES, M. H. M. A gramaticalização e a organização dos enunciados. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 13-22, 2001.
- _____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. A gramática e suas interfaces. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, 2007.
- PATRÍCIO, P. C. *O internetês e o ensino da língua portuguesa*. 2005. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2005.
- PERINI-SANTOS, P. Gramaticalização: revisão conceitual e análise de alguns exemplos. *Signum*, Londrina, n. 13, p. 353-373, 2010.
- RENOUF, A. A.; KEHOE, J.; BANERJEE. *The WebCorp search engine: a holistic approach to web text search*. Birmingham: University of Birmingham, 2005.
- RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006. v. 1.
- RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2006. v. 1.
- ROSÁRIO, I. C. *Gramaticalização de “até”: usos na linguagem-padrão dos séculos XIX e XX*. 2007. 215 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SANTANA, L. *Motivações funcionais da gradação entre construções encaixadas nominais e verbais*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1988. 279 p.

SILVA, T. M. *Gramaticalização de juntivos adversativos na história do português*. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

SOUSA, G. A. *Vou estar fazendo... Um estudo funcionalista de uma (nova) forma perifrástica de futuro*. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

UOL. *Fica a dica*: as expressões da internet “moderna” que você deve continuar usando. Só que não. São Paulo, 30 de março de 2013. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/album/2013/03/30/fica-a-dica-conheca-expressoes-de-internet-que-voce-deve-continuar-usando-so-que-nao.htm>>. Acesso em: 14 de julho de 2016.

URBAN DICTIONARY. *Top definition*: not joke. 2010. Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=not%20joke>>. Acesso em: 20 maio 2016.

VANDELANOTTE, L. Mister so-called X. Discourse functions and subjectification of so-called. In: BUTLER, C.; HIDALGO DOWNING, R.; LAVID, J. (Ed.). *Functional perspectives on grammar and discourse*. Amsterdã: Johan Benjamins, 2007. p. 359-394.

VOTRE, S. J.; NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *Delta*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

_____. Mecanismos funcionais do uso da língua: forma e função. *Delta*, São Paulo, v. 8, n. 2, 1992.

VOTRE, S. Um paradigma para a linguística funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 41, 1997.

WEBCORP. *Concordance the web in real-time*. Birmingham: University of Birmingham, 2016.

XAVIER, A. C. *Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet*. 2005. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehte/artigos/Reflex%20em%20torno%20da%20escrita%20nos%20novos%20g%20EAneros%20digitais.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

ZOPPI-FONTANA, M. G.; OLIVEIRA, S. E. Tá serto! Só que não... Argumentação, Enunciação, interdiscurso. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 123-155, 2016.

• Complementares

AS DELÍCIAS DO DUDU E DA ANNIE. *Hambúrguer com batata frita (só que não)*. 25 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.asdeliciasdodudu.com.br/2012/12/hamburguer-com-batata-frita-so-que-nao.html>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BLOG DA LALO. *O estilo (diva) Thássia Naves*. Januária, 31 mar. 2016. Disponível em: <<https://blogdalalo.wordpress.com/page/5/>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

CONSULTOR JURÍDICO. *Rebaixar supersalários é retaliação, só que não!* São Paulo, 17 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-dez-17/cezar-bitencourt-rebaixar-supersalarios-retaliacao-nao>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

ESTADÃO. *Inofensivos, só que não.* São Paulo, 30 ago. 2016. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/focas/tanto-remedio-para-que/corpo-2.php>>. Acesso em: 2 jan. 2017a.

_____. *A verdade das mentiras de Elena Ferrante.* São Paulo, 6 out. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/renato-prelorentzou/a-verdade-das-mentiras-de-elena-ferrante/>>. Acesso em: 2 jan. 2017b.

FACEBOOK. *Movimento para quem.* 10 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/direitoparaquem/>>. Acesso em: 14 jul 2016.

FOLHA DE S. PAULO. *Os 40 são os novos 30, só que não.* São Paulo, 9 out. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2014/10/1529670-os-40-sao-os-novos-30-so-que-nao.shtml>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

_____. *Mamão parece o vilão da inflação “só que não”;* saiba por que em 11 gráficos. São Paulo, 8 jun. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/06/1779349-mamao-parece-o-vilao-da-inflacao-so-que-nao-saiba-por-que-em-11-graficos.shtml>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

_____. *Campeões (só que não).* São Paulo, 29 jan. 2016. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/colunas/mariana-lajolo/2016/01/1734823-campeoes-so-que-nao.shtml?mobile>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

GAMECOVER. *Tiras, só que não – capa DVD.* 13 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.gamecover.com.br/2015/03/capa-dvd-tiras-so-que-nao.html>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

HOJE EM DIA. *Renovação, só que não.* Belo Horizonte, 28 set. 2016. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/editorial-1.334042/renova%C3%A7%C3%A3o-s%C3%B3-que-n%C3%A3o-1.416751>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

LETRAS. *Só que não.* Cleber e Cauan, 2013a. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/cleber-cauan/so-que-nao-1/>>. Acesso em 14 set. 2016.

_____. *Só que não.* Erika Rodrigues, 2013b. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/erika-rodrigues/so-que-nao/>>. Acesso em: 14 set. 2016.

_____. *Só que não.* Harmonia do Samba, 2016. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/harmonia-do-samba/so-que-nao/>>. Acesso em: 14 set. 2016.

O GLOBO. *Unimog brasileiro. Só que não...* Rio de Janeiro, 31 ago. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/carros/unimog-brasileiro-so-que-nao-20024318>>. Acesso em: 5 out. 2016.

OLHAR SÃO PAULO. *Bela, recatada e do lar #soquenao.* São Paulo, 20 maio 2016. Disponível em: <<https://revistaolharsaopaulo.wordpress.com/2016/05/20/bela-recatada-e-dolar-soquenao/>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

SARAIVA. Minha vida cor-de-rosa #SQN. *Descrição*, São Paulo, 13 fev 2014. Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/minha-vida-cor-de-rosa-sqn-7594477.html>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

SEBRAE. *Pequenos* #SQN. s/d. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ce/noticias/pequenos-so-que-nao-sqn,fc3ba535c0597510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

TWITTER. *Compartilhamento*. 25 jul. 2015. Disponível em: <<https://twitter.com/heliotelho/status/625047989028044804>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

UOL. Vítima da cidade. Só que não... *TAB*, São Paulo, 18 de julho de 2016. Disponível em: <<http://tab.uol.com.br/cultura-urbana/>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

VEJA. *Consumo*: você acha que tem direito? Só que não. São Paulo, 27 out. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/economia/consumo-voce-acha-que-tem-direito-so-que-nao/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

YOUTUBE. *Só que não (#sqn)*. Thiago Guedes e Rodrigo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4RSu0syT0IM>>. Acesso em: 14 out. 2016.